

Cadernos **MARISTAS**



Instituto
dos
Irmãos
Maristas



FMS Cadernos Maristas

N. 41 - Ano XXXIII
Maio de 2023

**Responsável de redação
Comissão de Patrimônio**

Allan de castro, fms
André Lanfrey, fms
Antonio Ramalho, fms
Dyogenes Philippsen Araujo
Guilherme Villareal Cavazos, fms
Michael Green, fms
Omar Alfredo Peña Jacobo, fms
Patrício Pino, fms
Vicente de Paul Kouassi, fms

Diretor de Comunicação
Luiz Da Rosa**Colaboradores nesse número**

André Lanfrey, fms
Antonio Martínez Estaún, fms
Antonio Ramalho, fms
Francisco J. Fores Sánchez
Georges Cellier, fms
Gérard Cuiet, fms
Juan Castro, fms
Michael Green, fms
Victor Pastor, fms

Tradutores

Afonso Levis, fms
Anthony Hunt, fms
Carlos Martín, fms
Gilles Hogue, fms
Heloisa Afonso de Almeida Sousa
J. A. Alves
Jeff Crowe, fms
Josep Maria Ferre, fms
Josep Roura, fms
Joseph Chalmers
Marta Graupera Canal
Michael Sexton, fms
Moisés Puente, fms
Roque Brugnara, fms
Santiago Fernández, fms
Sergio Suchodolak

Redação e Administração

P.le Marcellino Champagnat, 2
00144 - Roma, Itália
Tel.: (39) 06 54 51 y1
publica@fms.it
www.champagnat.org

Editor

Instituto dos Irmãos Maristas
Casa Generalizia – Roma

Diagramação e Impressão

CSC GRAFICA Srl, Roma, Itália
www.cscgrafica.it

Cadernos Maristas

Os Cadernos Maristas objetivam a divulgação de documentos e pesquisas sobre as origens, espiritualidade, desenvolvimento e expansão do Instituto Marista no mundo. Aborda estudos sobre a Sociedade de Maria, personalidades históricas e temas que caracterizam a atuação apostólica dos Irmãos Maristas. A produção do conteúdo é colaborativa de vários autores. Impresso em quatro línguas: espanhol, francês, inglês e português.

Coordenação

Diretoria de Comunicação da Casa Generalizia
Comissão do Patrimônio Espiritual Marista/Memorial Marista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C121 Cadernos Maristas: informações, estudos, documentos. – n. 41 (mai. 2023) – Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuole, 2022.
p. 124: il. ; 24 cm

Anual.

Editorial: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuole / André Lanfrey
Versão digital em português: <https://champagnat.org/pt/biblioteca/cadernos-maristas/>
ISSN 1122-7109


1. Irmãos Maristas – História.
2. Espiritualidade.
3. Patrimônio cultural. I. Fratelli Maristi delle Scuole


CDD – 200


ÍNDICE **DAS MATÉRIAS**

- 3 **EDITORIAL**
André Lanfrey, fms et Antonio Ramalho, fms


■ **ARTIGOS**

- 5 A tradução das Circulaires des Supérieurs em espanhol
*Stella Maris e Editora F.T.D. na encruzilhada da
emancipação marista do centralismo francófono*
Antonio Martínez Estaún, fm
amestaun40@gmail.com 
-


- 17 A partir do Boletim da obra dos juvenatos
presença marista (1879-2022)
Recrutar vocações, tornar o Instituto conhecido
e difundir o espírito marista
André Lanfrey, fms
alanfrey@maristas.net 
-

- 31 Cinquenta anos de história marista na Coreia
Juan Castro, fm
juancale@hotmail.com 
-

- 39 Os Irmãos Maristas de Ardèche
que foram para o exterior
Georges Cellier, fms
gcellier@maristes.net 
-

- 53 Anais da Província de Constantinopla - De 1892 a 1942
Gérard Cuinet, fms
gegelyon6@gmail.com 
-


69 Província Santa María De Los Andes (2002-2022)
Vinte anos fazendo vida o sonho
de Champagnat no Peru, Chile e Bolívia
Francisco J. Fores Sánchez

flores@maristas.cl 

83 O Herbário do Colégio de Pamplona
Ciência e arte na época
dos museus pedagógicos
André Lanfrey, fms | Victor Pastor, fms

alanfrey@maristes.net - pasabai@yahoo.es  

99 A longa marcha rumo ao reconhecimento legal
dos Irmãozinhos de Maria (1822-1851)
Realidade político-religiosa e projeto místico
André Lanfrey, fms, et


alanfrey@maristes.net 

113 O Irmão Francisco formador de Irmãos Diretores
Uma análise da Carta 1374
Antonio Martínez Estaún, fmss

amestaun40@gmail.com 

■ **BIBLIOGRAFIA**

129 Duas histórias escritas sob
o mesmo manto mariano
Michael Green, fms

michael.green@marists.org.au 



Antonio Ramalho, fms
Presidente da Comissão
do Patrimônio



André Lanfrey, fms
Coordenador
de Cadernos Maristas

EDITORIAL

Embora este seja o ano das vocações maristas, este número de Cadernos evocará este tema apenas indiretamente ao tratar da missão marista em vários territórios, províncias e épocas. Na verdade, muitos autores falam exatamente sobre a vocação marista coletiva. O irmão Georges Cellier nos lembra que o território do Ardèche era um lugar de recrutamento massivo, seguido do envio de irmãos das Províncias de St. Paul e Aubenas para os quatro cantos do mundo. O irmão Gérard Cuinet evoca os grandes momentos da Província de Constantinopla na junção da Europa com o Oriente Médio, da qual os irmãos da Grécia ainda hoje são os herdeiros; e o irmão Michael Green nos remete a dois outros territórios com presença marista desde o século XIX: Austrália e Irlanda. A nova província andina, abordada por Francisco J. Flores Sánchez, e Coréia, fundada por irmãos do México, nos lembram uma nova fase da missão no século XX, em um mundo muito diferente.

Na vocação marista não há apenas diversidade de províncias e territórios; há também diversidade de atividades. Sem um acordo prévio, vários autores nos falam de atividades extracurriculares que muitas vezes são esquecidas, em particular revistas como *Présence Mariste*, na France, herdeira distante do *Bulletin da Œuvre de Juvénats* (Ir. André Lanfrey) ou *Stella Maris*, mencionada pelo Ir. Antonio Martínez Estaún, que difundiu as circulares dos superiores em espanhol. Há toda uma área de nossas atividades que merece ser mais apreciada e explorada. Também merecem maior atenção as obras nos âmbitos da arte, da ciência e da pedagogia, como o herbário preservado em Pamplona, que nos é apresentado pelo irmão Víctor Pastor.

De maneira um pouco extraordinária, nesta edição as pesquisas sobre nossas origens e sobre personalidades de grande importância ficam um pouco de fora. Mas acreditamos que elas são tratadas a partir

de um ângulo relativamente original. Assim, o artigo sobre o reconhecimento legal do Instituto apresenta o fundador como uma personalidade político-religiosa: um ângulo a partir do qual não estamos acostumados a considerá-lo. Quanto à carta do Irmão Francisco ao diretor da escola de Breteuil, perto de Paris (Irmão Antonio Martínez Estaún), permeada de alta espiritualidade e realismo, não é uma bela antecipação do que chamamos hoje de liderança profética e servidora?

Uma novidade, para concluir. Desde a edição 40 de Cadernos Maristas (2022), o leitor deve ter percebido que incluímos um recurso tecnológico chamado QR Code (Quick Response Code). Esse recurso permite acesso a conteúdos

adicionais: na capa, o QR Code convida para uma rápida enquete sobre o perfil do leitor e qual o caminho percorrido pelos Cadernos Maristas no mundo. Seremos gratos àqueles que se engajarem nessa enquete. Na abertura de cada artigo, o QR Code direciona para um vídeo que apresenta o autor e suas motivações.

Para acessar esse conteúdo interativo no caderno impresso, basta apontar a câmera do seu smartphone para o QR Code e aceitar o direcionamento sugerido. Para a versão digital do caderno, basta clicar no código.

Esperamos que o leitor aprecie a novidade e sinta-se motivado a interagir conosco.



A TRADUÇÃO DAS CIRCULAIRES DES SUPÉRIEURS EM ESPANHOL

***Stella Maris* e Editora F.T.D.
na encruzilhada
da emancipação marista
do centralismo francófono**



**Antonio Martínez
Estaún, fms**

1. DESCRIÇÃO DO VOLUME *CIRCULAIRES SELECTAS*

Na Biblioteca marista do Monestir de Santa Maria de Bellpuig de Les Avellanés existe um volume espesso, intitulado *Circulares Selectas*, que contém a tradução em espanhol de 23 *Circulaires des Supérieurs*. A seleção inclui 5 do irmão Francisco, 14 do irmão Louis-Marie, 1 do irmão Stratonique, 1 do irmão Diogène e 2 do irmão Léonida.

As 23 circulares estão organizadas com números romanos, que indicam a sequência dos livretes em que foram publicadas.¹ Não obstante o volume se apresente como uma unidade física da seleção das circulares, a tradução foi feita por etapas e a confecção em um único volume foi realizada

depois de uma posterior compilação de todo o material traduzido.

Seguindo as vicissitudes das comunidades e dos colégios da Espanha marista através de *Stella Maris*, a revista de família da Província, em sua seção *De casa*, descobrimos que a tradução das *Circulaires des Supérieurs* do francês para o espanhol surgiu como resposta a uma necessidade que se apresentou a partir do Plano de Estudos elaborado pela Comissão de Estudos da Província.

Circulares selectas

A enorme necessidade que nossos jovens religiosos sentiam, de ter à sua disposição as *Circulares* de nossos Superiores-gerais, reverendos Irmãos François e Louis-Marie, para o estudo que se exige deles acerca daquelas de maior profundidade doutrinal,

¹ A circular Sobre a oração e a circular Sobre a formação dos irmãos contêm, ambas, uma segunda parte que é publicada com datas diferentes e, por conseguinte, deveriam ser consideradas como circulares distintas; não obstante, o tradutor ou o editor conferiu-lhes uma única numeração de fascículo, considerando-as como uma só, tendo em conta a unidade do tema abordado.

tornava-se tanto mais intensa quanto mais concreto se fazia o Plano de Estudos ascético-profissionais de nossos irmãos. Para remediar de modo adequado, a Comissão de Estudos da Província acaba de publicar, traduzidas em espanhol, as seguintes Circulares escolhidas, sem excluir que em breve vejam a luz do dia em nosso idioma também outras de singular relevo doutrinal. 1. Sobre a vida de fé. 2. Base e fundamento da vida de fé. 3. Prática da vida de fé. 4. Meios para adquirir a vida de fé. Adverte-se que aos irmãos do segundo Ciclo do Plano de Estudos em vigor na Província, convém estudar a primeira; aos do terceiro Ciclo, a segunda; e aos do sexto e sétimo Ciclos, a terceira e quarta, respetivamente.²

Esta notícia foi publicada em *Stella Maris*, em janeiro de 1941. O volume de *Circulares Selectas* encerra-se com a circular do Irmão Léonida *Sobre o zelo apostólico*, de 24 de maio de 1949, e foi inserida no Fascículo XX.

A fim de datar a tradução das circulares contidas na *Selección de Circulares*, dispomos dos seguintes dados: as primeiras quatro circulares da autoria do irmão François já estavam disponíveis para ser utilizadas em janeiro de 1941, tal como foi indicado. Nas páginas da

revista *Stella Maris*, em janeiro de 1941, lançou-se um concurso³ de tradução das Circulares do irmão Louis-Marie, em que se indicava a qualidade exigida para a mencionada tradução.

Com a finalidade de obter uma tradução autêntica, que a um acentuado valor literário acrescentasse todo o fundo de doutrina da importante Circular do reverendíssimo irmão Louis-Marie sobre a “Escola de Oração”, entre os irmãos foi lançado um concurso³ com as seguintes condições: A obra deverá ser concluída e apresentada à Secretaria Provincial no máximo até o Domingo de Ressurreição, e deverá ser escrita à máquina.⁴

Mais alguns dados que podem ajudar a dar uma data à tradução. Na mesma seção do número 281, publicado em fevereiro de 1946, já se indica como ato preparatório para o retiro mensal a leitura das *Circulares sobre o Inferno e a Eternidade*. – *Fascículos VIII e IX*.⁵ No número seguinte (fevereiro de 1946), na mesma seção, também se indica como leitura para preparar o retiro a *Circular sobre a observância da Regra. Circulares Selectas. Fascículo V*.⁶ A proposta não se repetirá até dezembro de 1949, quando se recomendam de novo as Circulares sobre o Inferno

² *Stella Maris*, t 7 224 (janeiro de 1941) 162.

³ Parece que este concurso não teve bom êxito, uma vez não se encontrou a tradução de circular alguma do irmão Louis-Marie sobre a *L'École de Pontmain ou l'École de la Prière*, à qual dedicou quatro longas circulares. Veja: Louis-Marie, *Circulaires*, t. 5. Por outro lado, dispomos da tradução de duas circulares do Irmão Louis-Marie que tratam sobre a oração, que poderiam ter sido uma resposta a mencionado concurso. No entanto, nenhuma delas inclui a palavra “escola”, que parece determinar o lançamento do concurso com a expressão “Escola de Oração”.

⁴ *Stella Maris*, t. 7 224 (janeiro de 1941) 163.

⁵ *Stella Maris*, t. 8 281 (fevereiro de 1946) 22. Propõe a leitura dos fascículos VIII e IX.

⁶ *Stella Maris*, t. 8 282 (março de 1946) 35. Propõe a leitura do fascículo V.

e a *Eternidade*⁷ (fascículos VIII e IX). A constatação de que os fascículos VIII e IX precederam o fascículo V na proposta para sua leitura como tema preparatório para o retiro mensal indica que naquela época (fevereiro de 1946) estas duas circulares do irmão Louis-Marie já tinham sido traduzidas. O fascículo VI foi proposto em maio de 1946,⁸ o fascículo VII em junho de 1947⁹ e o fascículo V em março de 1948.¹⁰

A partir destes dados podemos concluir que o tomo das *Circulares Selectas* foi encadernado posteriormente a maio de 1949; por conseguinte, a tradução do texto das circulares contidas no mesmo é anterior àquela data.

2. A TRADUÇÃO DAS CIRCULARES NA REVISTA *STELLA MARIS*

Além do volume indicado, encontramos também a tradução e a difusão de nove circulares dos superiores, divulgadas através da revista *Stella Maris*. A publicação das traduções das *Circulaires des Supérieurs* nesta revista justificava-se pelas dificulda-

des criadas devido à guerra, que impediam os Superiores de se comunicar com os irmãos da Espanha. Além disso, a revista estava destinada a um público mais vasto em relação ao dos jovens irmãos que se encontravam em fase de formação e deviam seguir os cursos do Plano de Estudos. O motivo pelo qual a revista *Stella Maris* começou a publicar as circulares dos superiores em espanhol é explicado na própria revista:

Em substituição ao “Boletim”

Saint Genis Laval, 18 de fevereiro de 1944.

Estimados irmãos, dado que nas circunstâncias atuais não é possível publicar regularmente o *Bulletin de l’Institut*, e mesmo no caso em que fosse impresso, não seria fácil enviá-lo para fora da França, julgamos que agradeceríamos os irmãos se publicássemos um resumo de notícias, que de alguma maneira se substitua ao órgão oficial do Instituto.¹¹

As *circunstâncias atuais* mencionadas pelo redator da revista são descritas detalhadamente pelo próprio Irmão Michaëlis, Vigário-geral, em sua circular de 25 de dezembro de 1944, na qual oferece um *breve relatório sobre os males da guerra*.¹²

Na edição seguinte da *Stella Maris* assinala-se uma nova dificuldade na comunicação da correspondência e na transmissão das notícias dos su-

⁷ *Stella Maris*, t. 9 322 (dezembro de 1949) 566. Propõe a leitura dos fascículos sobre o Inferno e a Eternidade, VIII e IX.

⁸ *Stella Maris*, t. 8 282 (maio de 1946) 57. Propõe a leitura do fascículo VI.

⁹ *Stella Maris*, t. 8 297 (junho de 1947) 213. Propõe a leitura do fascículo VII.

¹⁰ *Stella Maris*, t. 8 304 (março de 1948) 313. Propõe a leitura do fascículo V.

¹¹ *Stella Maris*, t. 6 260 (maio de 1944) 176 (Existe inconsistência na numeração do t. 5 e t. 6).

¹² Michaëlis, *Circulaires*, t 19 (1944) 330-340.

periores, à qual a revista dará a devida resposta:

Do Rev.mo. Ir. Vigário-geral.¹³

Uma vez que, devido às circunstâncias, a Carta Circular do Reverendíssimo Irmão Vigário-geral, correspondente a 25 de dezembro passado [1943], não chegou às casas provinciais, acreditamos que é nosso dever dedicar um número de *Stella Maris* para transmitir aos nossos irmãos os conselhos salutareis nela contidos.¹⁴

A revista apresenta o conteúdo doutrinal completo da Carta Circular, em sua tradução do francês para o espanhol,¹⁵ e em seguida acrescenta um resumo das notícias nela contidas.¹⁶ No ano seguinte verifica-se um novo incidente na comunicação entre os superiores e os irmãos da Espanha, que foi descrito na revista *Stella Maris*.

De casa.

Da Casa geral.

Em um grande envelope recebemos um pequeno cartão de saudação em que nos asseguravam a completa normalidade da residência de nossos superiores maiores, remetendo-nos às notícias gerais contidas na primeira circular do Rev.mo. Ir. Vigário-geral, enviada no mesmo envelope. A mencionada circular não chegou até nós, mas foi retirada do envelope. E não sabemos explicar o motivo, porque constatamos que chegou a outros destinos.

Lamentamos não poder dar a conhecer aos leitores de *Stella Maris* o conteúdo da primeira carta circular do novo Vigário-geral.¹⁷

O número seguinte de *Stella Maris*, 276 (setembro de 1945), 397-404, publicou na íntegra em espanhol a circular de 24 de maio de 1945, do Rev. do Ir. Marie-Odulphe, Vigário-geral, que tinha acabado de ser eleito pelos irmãos do Regime, depois da renúncia do irmão Michaëlis.¹⁸ No ano seguinte, em julho de 1946, foi publicado também um resumo da circular de 24 de maio de 1946, do irmão Marie-Odulphe, Vigário-geral.

O reverendo irmão Assistente recebeu um exemplar da circular que o reverendíssimo irmão Vigário-geral dirige ao Instituto, com a data de 24 de maio do ano corrente [1946]. Nela, depois de ter recordado os temas *Restaurar tudo no espírito do Venerável Fundador* e *A necessidade de cultivar e desenvolver em nós a vida interior, a exemplo do Venerável Fundador*, expostos respetivamente nas circulares de 24 de maio de 1945 e de 25 de dezembro do mesmo ano, exorta todos os Irmãos Maristas *a renovar na própria alma o zelo apostólico do Venerável Fundador pela educação cristã da juventude*.¹⁹

¹³ O Vigário-geral é o Irmão Michaëlis.

¹⁴ *Stella Maris*, t. 5 261 (maio de 1944) 185 (Existe inconsistência na numeração do t. 5 e t. 6).

¹⁵ *Stella Maris*, t. 5 261 (maio de 1944) 185-192 (Existe inconsistência na numeração do t. 5 e t. 6).

¹⁶ *Stella Maris*, t. 5 261 (maio de 1944) 192-193 (Existe inconsistência na numeração do t. 5 e t. 6).

¹⁷ *Stella Maris*, t. 7 275 (agosto de 1945) 395.

¹⁸ Marie-Odulphe, *Circulaires*, t. 19 349. Circular de 24 de maio de 1945.

¹⁹ *Stella Maris*, 286 (julho de 1946) 76.

3. AS CAUSAS MAIS PROFUNDAS QUE DERAM ORIGEM A ESTE TRABALHO

A Espanha marista que caminha rumo ao jubileu de ouro de sua fundação alcança seu grau de maturidade como instituição iniciada por um grupo de quatro irmãos franceses, em 1886. As páginas da revista *Stella Maris* contêm várias biografias de ilustres irmãos de origens francesa e suíça, que semearam a própria vida no sulco desta terra hispânica. Os responsáveis pelas obras passaram o testemunho para homens que souberam formar novas gerações de Irmãos. A grande Província da Espanha primeiro subdividiu-se, dando origem pouco depois a quatro Províncias. O Irmão Sixto foi o primeiro irmão espanhol que assumiu a responsabilidade de governo, como assistente do irmão Superior-geral. A língua francesa, que no início e durante muitos anos foi o meio de comunicação oficial da instituição, deixou de ser um sinal da identidade institucional e foi substituída pelo espanhol em todas as províncias da Espanha. Os irmãos franceses, que falavam e escreviam perfeitamente em espanhol, deixaram de ser o apoio seguro para garantir a transferência dos conteúdos em suas lições de formadores, e as novas gerações de maristas tinham dificuldade de ler e traduzir o francês dos livros próprios do Instituto. A riqueza doutrinal neles contida não podia ser perdida na passagem do legado espiritual

às novas gerações, e por este motivo era necessário traduzi-los em espanhol.

Como vimos anteriormente, a revista *Stella Maris* abriu um espaço para dar resposta a uma necessidade propiciada pelas circunstâncias. Mas a tradução e a publicação da coleção de *Circulares Selectas* tiveram que ser realizadas como projeto paralelo à publicação da revista e para alcançar objetivos diferentes dos da revista.

4. TRADUÇÃO DAS CIRCULARES DO IRMÃO LÉONIDA

Uma vez iniciada a tradução das circulares de conteúdo doutrinal das origens através da revista, continuou-se a recorrer a este meio de divulgação para levar aos irmãos as novas contribuições doutrinárias emanadas da caneta do Irmão Léonida.

Na circular de 24 de maio de 1947, intitulada *Sobre o retiro espiritual*, o Irmão Léonida, Superior-geral, convidou os irmãos a praticar os exercícios espirituais anuais, e a revista *Stella Maris* publicou na íntegra a tradução em espanhol do original francês,²⁰ formando parte das páginas da revista. Esta circular foi a primeira traduzida em espanhol das 24 escritas pelo Irmão Léonida durante seu mandato.²¹

²⁰ *Stella Maris*, t. 8 298 (julho de 1947) 219-228. Faz parte da revista.

²¹ De igual modo, publica-se integralmente em *Stella Maris* a tradução das seguin-

A circular do Irmão Léonida *Sobre o cultivo e a promoção das vocações*, de 8 de dezembro de 1950, foi publicada em cinco números, de janeiro a maio de 1951 e também fazia parte nas páginas da revista. De junho de 1955 a maio de 1958 foram publicadas sete circulares do Irmão Léonida, como suplemento à revista, para evitar que os longos textos das circulares ocupassem espaço nas páginas da mesma, a fim de que pudessem ser tratadas as seções habituais. Os responsáveis pela revista criaram um novo instrumento de divulgação das circulares traduzidas, mediante o acréscimo de um suplemento que não fazia parte da revista propriamente dita.

A tradução e a publicação das *Circulares Selectas* em fascículos separados, cujo texto não foi incluído na revista *Stella Maris*, constituíram um trabalho realizado em paralelo com estas publicações.

As duas únicas circulares do Irmão Léonida incluídas nas *Circulares Selectas* são a de 8 de dezembro de 1946 e a circular *Sobre o zelo apostólico*, de 24 de maio de 1949. A de 8 de dezembro de 1946, a primeira circular escrita pelo Irmão Léonida a todos os irmãos, para lhes dar informações a respeito das sessões do 14º Capítulo geral, não está numerada na coleção das *Circulares Selectas* segundo a ordem dos fascículos, mas foi inserida

tes circulares: *Sobre a santidade*, de 24 de maio de 1948. *Stella Maris*, t. 8 307 (julho de 1948) 356-364. Faz parte da revista. *Sobre a obrigação de dar bom exemplo*, de 24 de maio de 1950. *Stella Maris*, t. 9 329 (julho-agosto de 1950) 76-85. Faz parte da revista. *Sobre o cultivo e a promoção das vocações*, de 8 de dezembro de 1950, publica-se em cinco números. *Stella Maris*, t. 8 334 (janeiro de 1951) 138-143; 335 (fevereiro de 1951) 152-153; 336 (março de 1951) 165-168; 337 (abril de 1951) 174-179; e 338 (maio de 1951) 190-191. Faz parte da revista (dividida em partes). *Sobre o amor à Congregação*, de 24 de maio de 1951. *Stella Maris*, t. 9 340 (julho de 1951) 211-220. Parte da revista. *Sobre o amor à Congregação*, 24 de maio de 1951. *Stella Maris*, t. 9 340 (julho de 1951) 211-219. Faz parte da revista. *Sobre nossa vocação marista*, de 8 de dezembro de 1952. *Stella Maris*, t. 10 358 (janeiro de 1953) 3-9 e 359 (fevereiro de 1953) 15-20. Faz parte da revista (dividida em partes). *Sobre a caridade fraterna*, de 24 de maio de 1953. *Stella Maris*, t. 10 364 (julho de 1953) 83-92. Faz parte da revista. *Sobre o Espírito e as Finalidades do Ano Mariano*, de 8 de dezembro de 1953. *Stella Maris*, t. 10 370 (janeiro de 1954) 155-167. Faz parte da revista. *Sobre a necessidade do Retiro*, de 24 de maio de 1954. *Stella Maris*, t. 10 375 (junho de 1954) 237-245. Faz parte da revista. *Sobre as visitas e a correspondência*, de 8 de dezembro de 1954. *Stella Maris*, t. 10 382 (janeiro de 1955) 414-425. Faz parte da revista. *Anunciando a beatificação de nosso V. Pe. Fundador*, 7 de maio de 1955. *Stella Maris*, t. 10, Suplemento ao n. 387 (junho de 1955) 1-10. *Sobre a fidelidade às obrigações da virtude e do voto de pobreza*, de 8 de dezembro de 1955. *Stella Maris*, t. 10, Suplemento ao n. 392 (dezembro de 1955) 623-642. *Sobre a virtude da fortaleza*, 24 de maio de 1956. *Stella Maris*, t. 11, Suplemento ao n. 397 (maio de 1956) 77-88. *Sobre a caridade para com os alunos*, de 8 de dezembro de 1956. *Stella Maris*, t. 11, Suplemento ao n. 404 (dezembro de 1956) 233-244. *Sobre a perseverança*, de 24 de maio de 1957. *Stella Maris*, t. 11, Suplemento ao n. 409 (maio de 1957) 325-336. *Sobre a pureza de intenção*, de 8 de dezembro de 1957. *Stella Maris*, t. 11, Suplemento ao n. 416 (dezembro de 1957) 445-452. *Sobre o retiro anual*, de 24 de maio de 1958. *Stella Maris* t. 11, Suplemento ao n. 421 (maio de 1958) 545-552.

entre os fascículos XVII e XVIII, sem numeração alguma. Isto indica que foi publicada depois da impressão e distribuição dos fascículos XVIII e XIX.

A vasta produção do Irmão Léonida, realizada durante seu mandato como Superior-geral, foi traduzida na íntegra em espanhol, tendo-lhe sido apresentada na conclusão do Capítulo geral, em que foi substituído pelo Irmão Charles-Raphael. Os irmãos da Assistência da Espanha que participaram no 15º Capítulo geral, pelas mãos de seu irmão Assistente, apresentaram-lhe um precioso volume realizado pela editora Luis Vives, em Saragoça.

O reverendíssimo irmão apresentou-o com perfeita oportunidade e adequação, ao longo de todo o seu generalato, nesta magnífica série de Circulares que, traduzidas em castelhano, hoje lhe oferece a Assistência da Espanha, como calorosa homenagem de admiração e gratidão.²²

5. QUEM É O TRADUTOR

Fiéis às manifestações externas de humildade próprias da época, o autor ou os autores da tradução das circulares, tanto aquelas contidas na revista *Stella Maris*, como no volume das *Circulares Selectas* ou ainda naquele com a compilação de todas as circulares do Irmão Léonida, não assinaram seu trabalho.

O Irmão Hipólito, um dos quatro irmãos fundadores da Espanha marista, e provincial da mesma, em uma crônica que abrange os cinquenta anos de apostolado docente, publicada em *Stella Maris*, aludindo ao trabalho editorial daqueles anos, escreve:

Gostaria de agradecer aqui ao público pelo bom acolhimento reservado à mencionada coleção [de livros da Editora F.T.D.]. Às vezes este público perguntava qual é o nome do autor. Diremos que é “O Marista”, como se disséssemos “O soldado desconhecido”, que luta e sucumbe em defesa do baluarte da Boa Imprensa.²³

Abre-se uma ampla vista em *Stella Maris* que, na sua seção Nossas impressões originais, inclui os relatos da tradução do francês e a edição em espanhol de uma obra editorial de grandes dimensões, em seis tomos, que começou projetando-se com o título projetado Ano Cristão, mas que no final apareceu com o título O santo de cada dia. A tradução foi uma obra realizada por uma equipe de irmãos que, em seu tempo livre, ofereciam sua contribuição para a Editora F.T.D.

Estamos em fase de organização da publicação de um Ano Cristão tendo em vista principalmente as Casas de Educação e suas Bibliotecas Escolares: portanto, será realmente moderno, muito ilustrado e interessante. Como podem ver, esta é a primeira vez que falamos não apenas do que já foi feito, mas também do que continuamos

²² Prólogo. *Circulares del reverendísimo hermano Leónides, Zaragoza 1958.*

²³ *Stella Maris*, t. 6 241 (julho de 1942) 9.

a levar a cabo e do que iremos fazer [...]. Pedimos ajuda. Para a edição deste Ano Cristão, empreendimento de alto nível, ofereceram-se imediatamente 22 penas bem limadas que já puseram mãos à obra, elevando seu mérito, enquanto se observa que muitas outras, e entre as melhores, não foram convidadas e não teriam sido aceitas, pois estão sobrecarregadas pelo peso dos estudos universitários.²⁴

As 22 penas bem limadas que ajudam neste empreendimento têm dois méritos realmente grandes: um é tradicionalmente nosso, aquele que tanto nos invejam as corporações semelhantes, ou seja, apresentar-se de maneira completamente anônima; o outro, próprio deste caso, é dedicar-se com todo entusiasmo, com todo carinho e com toda humildade a uma tarefa tão tediosa, aos olhos e sentimentos de muitos, como a de saber atuar como simples tradutor. O padre Isla já pôde escrever que, a seu ver, aqueles *que desempenham bem o trabalho de tradução, extremamente útil e glorioso, são dignos da maior estima, e que um bom tradutor merece os maiores aplausos, os maiores prêmios e as maiores aclamações*; poucos decidem sê-lo, sobretudo sê-lo com diligência e vontade, motivo pelo qual os nossos são muito mais merecedores dos maiores aplausos, dos maiores prêmios e das maiores aclamações que, indubitavelmente, um dia hão de vir.²⁵

E a partir deste número 143 (junho de 1933), o redator destas linhas oferece-nos alguns nomes daquelas 22 penas bem limadas.

Irmão Alberto: Original, com todas as condições e circunstâncias editoriais do caso; pode ir diretamente para os caixotins [...]. Irmão Dámaso: Modelo de prontidão e laboriosidade, que se aprecia muito nesta casa [...]. Irmão Cipriano Luis: É um daqueles que, mais graciosamente, sabe pisar na linha sem a cruzar. Dispõe de recursos magníficos; verdadeiras “trouvailles” de expressão [...]. Irmão José Cruz: Boa pena, boa mão, caligrafia muito boa e má tinta. Troque de tinteiro; merece o original, tanto você como nós [...]. Irmão Teófilo: Boa tradução, boa letra, boa tinta [...]. Irmão Saturio: Os linotipistas são sindicalizados e não aceitam nem lápis nem correções.²⁶

E em outro lugar conta o número de vidas de santos que traduziram e enviaram à Editora, indicando o nome dos tradutores.

Ainda esta manhã, olhando os livretos impressos, vi uma das figuras mais prestigiosas do mundo editorial da Espanha e, espontaneamente, sobressaiu a frase definitiva: *Isto, só o pode fazer uma Editora como a sua, que conta com tantos colaboradores.*

Portanto, este é o lugar onde inserir a lista dos nomes e das contribuições destes trabalhadores beneméritos: Adolfo 2, Alberto 20, Aurelio Víctor 3, Avito, Bernardo, Carlos Roberto 4, Cecilio 10, Cipriano Luis 8, Crisógono 4, Dámaso 14, Eustaquio 13, Geroncio, Honorio, Jerónimo Emiliano 4, José Cruz 8, Julio Andrés 4, Luis Felipe 4, Nicasio José 8, Pablo Agustín 4, Perpetuo 2, Pompeyo 8, Saturio 8, Teobaldo 4, Teófilo 4, Teótimo 4, Víctor Luis 7.²⁷

²⁴ *Stella Maris*, t. 4 143 (junho de 1933) 62.

²⁵ *Stella Maris*, t. 4 145 (agosto de 1933) 86.

²⁶ *Stella Maris*, t. 4 145 (agosto de 1933) 87.

²⁷ *Stella Maris*, t. 4 146 (setembro-dezembro de 1933) 100. O número que se segue ao nome de cada um dos tradutores indica o número de vidas de santos que traduziu.

Tais são os benefícios que este trabalho anônimo traz, e são tão visíveis, que nunca cessaríamos de proclamar suas excelências e vantagens, porque aumentando e aperfeiçoando este espírito de modéstia e de simplicidade nos indivíduos, fomenta de maneira extraordinária a união e o espírito de família na corporação.²⁸

O coordenador do projeto de tradução e publicação da obra editorial transforma-se em mestre de tradutores, resolvendo dificuldades e oferecendo pautas técnicas para a tradução do francês para o espanhol. Año Cristiano, em seis tomos, exige que *estas páginas sejam despidas de todos os vestígios de vestuário estrangeiro*,²⁹ pelo que oferece uma série de observações sobre a arte da tradução. No número seguinte, já celebra o sucesso delas.

As quatro breves observações que publicamos sobre a tradução foram elogiadas e apreciadas. Também foram muito úteis, pelo que, dado que pedem mais, explicaremos alguns aspetos que podem ser satisfatórios.³⁰

A partir daquele momento, a cada mês publica uma série de orientações que modificam as páginas da revista, contendo estas pautas de tradução, em uma autêntica programação de formação de tradutores, transformando assim este meio em um verdadeiro guia didático das práticas que cada um faz à distância, em casa.

Os admiráveis irmãos, que com tanta boa vontade sacrificam tempo livre, horas de descanso, recreação e passeios em prol desta obra apostólica, bem merecem ser ajudados e facilitados por nós no trabalho. Também muitos outros leitores podem tirar proveito destas notas, e é por isso que as publicamos com toda a boa vontade.³¹

Com todas estas referências, é claro que o autor ou os autores da tradução das circulares, tanto das publicadas na *Selección de Circulares* como das publicadas na revista *Stella Maris*, devem ser atribuídos à pena ou às penas destes beneméritos irmãos, que passaram para a história encobertos por um bonito anonimato marista.

Uma possível indicação para identificar o nome dos editores da Edelvives, que guiou os tradutores, consiste em consultar a lista de tarefas atribuídas aos irmãos que naquelas datas estavam na Editora. Nos arquivos de Santa Maria de Bellpuig de Les Avellanes consta um elenco parcial dos mesmos. Em 1934, da comunidade da Editora, situada na calle Sicilia 400, em Barcelona, faziam parte os Irmãos Heraclius, Bernardino, Ismier, Sergius, Marcy, Nicóstrato, Isidro, Dominicio, Cosme José, Gerardo, Floro e Jaime Ramón.

²⁸ *Stella Maris*, t. 4 147 (janeiro de 1934) 110.

²⁹ *Stella Maris*, t. 4 146 (setembro-dezembro de 1933) 100.

³⁰ *Stella Maris*, t. 4 149 (março de 1934) 134.

³¹ *Stella Maris*, t. 4 149 (março de 1934) 134.

6. AVALIAÇÃO DAS CIRCULARES

Sem dúvida, uma primeira avaliação da importância doutrinal que as Circulares dos Superiores contêm é a constatação de que a Comissão de Estudos, responsável pela formação espiritual e profissional dos irmãos nas províncias da Espanha, incluiu as mesmas como parte da formação permanente dos irmãos em um programa graduado e sistemático.

Sobre as avaliações dos livros do Instituto, entre os quais se encontram as circulares dos superiores, a revista *Stella Maris* publica um breve artigo assinado com as letras H.C., em que se narra o seguinte:

Durante meus primeiros anos de vida religiosa, li várias vezes com uma frase familiar os chamados *nossos livros, as obras do Instituto*; e nenhuma de suas leituras tinha produzido em meu espírito a profunda impressão deixada por uma leitura recente, certamente feita em tais condições de paz e tranquilidade de espírito, de solidão e despreocupação em relação a muitos assuntos materiais e intelectuais, difíceis de fazer ocorrer durante a vida comum do irmão marista. Esta leitura despertou meu espírito, tornando-o permeável a certos efeitos que, em minha alma, deram origem a sentimentos íntimos; sentimentos que depressa se propagaram no ambiente, como que impelidos por um desejo até então não abrigado no coração [...]. Os livros que tratamos têm como autor espiritual nosso fundador; pois embora ele não os tenha escrito, fizeram-no

irmãos que viveram durante muito tempo ao seu lado e os primeiros Superiores-gerais, que conheceram nosso venerável Fundador e beneficiaram parcialmente de seus ensinamentos para os próprios escritos [...]. Numerosos irmãos podem orgulhar-se de possuir uma bibliografia religiosa como a que foi legada aos seus filhos em religião pelo Venerável Marcelino Champagnat e seus dignos continuadores, os Superiores-gerais do Instituto.³²

Outro indicador do fervor e da admiração pelas circulares dos superiores é o artigo dedicado em *Stella Maris* ao centenário da publicação da circular do Irmão François a respeito do espírito de fé.

Em 15 de dezembro [de 1948] comemoramos um século desde a publicação da *Circular sobre o espírito de fé*. Ela contém a essência do que formará o primeiro capítulo da segunda parte de nossas Regras. Nada pode destacar-se sem incluir o conjunto. Mas devemos comemorar o centenário deste escrito. É a primeira circular puramente doutrinal de nosso Instituto. Bem o merecem nossos admiráveis Três-Um, cuja mão conjunta se entrevê no estilo do documento que, no cumprimento do centenário de seu magnífico estudo, nós, seus filhos espirituais, lhes dediquemos toda a nossa atenção. Esta comemoração não deve ser algo frio, nem uma recordação fugaz. Tampouco é suficiente o mínimo de uma leitura espiritual. Um documento requer estudo. Além disso, não nos deve preocupar unicamente o traço de nobreza. Podemos tirar grande proveito, dado que seus ensinamentos são tão atuais como o eram em 1848. Tão atuais como o Evangelho, cujo espírito os inspira.³³

³² *Stella Maris*, t. 4 161 (abril de 1935) 302-304.

³³ *Stella Maris*, t. 8 310 (novembro de 1948) 396.

CONCLUSÕES

A tradução em espanhol de nove circulares dos superiores na revista *Stella Maris* constitui o resultado da colaboração técnica dos líderes da revista e dos tradutores, suscitados pela iniciativa da Editora F.T.D., que põe em evidência o florescimento editorial de livros em espanhol e a emancipação da Espanha marista, em relação à sua matriz francófona. A Espanha marista, que caminha rumo ao jubileu de ouro de sua fundação, está prestes a alcançar o seu grau de maturidade como instituição iniciada por um grupo de quatro irmãos franceses, em 1886. Os irmãos franceses, que falavam e escreviam perfeitamente em espanhol, passaram o testemunho para os novos formadores que falam espanhol. A transferência dos conteúdos doutrinários do Instituto, contida nas *Circulaires*, começa

a causar dificuldades para as novas gerações de jovens e, por este motivo, impõe-se a tradução delas em espanhol. O primeiro arquivo de circulares traduzidas contém nove circulares já publicadas na revista *Stella Maris*. O segundo é o volume intitulado *Selección de Circulares*, com 23 circulares, publicado pela Província da Espanha.

A revista *Stella Maris* abriu um espaço em suas páginas para corresponder a uma necessidade propiciada por circunstâncias adversas. No entanto, a tradução e a publicação da coleção de *Circulares Selectas*, que devia realizar-se como um projeto paralelo à publicação da revista, foi levada a cabo para divulgar temas fundamentais da identidade marista, necessários em vista da formação dos irmãos na década de 1940-1950.



A PARTIR DO BOLETIM DA OBRA DOS JUVENATOS À PRESENÇA MARISTA (1879-2022)

Recrutar vocações, tornar o Instituto conhecido e difundir o espírito marista



André Lanfrey, fms

Os Irmãos Maristas, particularmente, não se sentiam com vocação de jornalistas. Mas, por volta de 1870, o recrutamento de vocações se tornara difícil, pois a indústria e as profissões ofereciam inúmeros empregos aos meninos que concluíam a escola primária. Se estes tinham tido ideias de vocação religiosa ou sacerdotal, acabavam por perdê-las rapidamente em contato com o mundo do trabalho. Por serem muito jovens para entrar no Noviciado, as congregações de sacerdotes e de Irmãos começaram a criar espécies de pequenos seminários que receberam nomes diversos: escolas apostólicas, “pequenos Noviciados” ou “Juvenatos”. É este nome que foi adotado pelos Irmãos Maristas.

Por conseguinte, a partir de 1876, os Juvenatos se tornam uma etapa da formação. Recebem adolescentes com a idade entre 12 e 15 anos, que se beneficiam com formação primária excelente antes de entrar no Noviciado. Estes juvenistas, por serem provenientes, no mais das vezes, de lugares modestos, o preço cobrado das pensões não é suficiente para o

sustento dessas obras, por isso os Irmãos Maristas solicitam ajuda de benfeitores. Um *Bulletin de l'œuvre des juvénats* (*Boletim da Obra dos Juvenatos*) é, portanto, criado em 1879, para servir de elo e meio de informação entre os benfeitores e o Instituto. Nesta data, o Instituto tem apenas três juvenatos e 180 juvenistas; porém, bem depressa, cada uma das sete províncias da França fundará, pelo menos, um juvenato.



Não consegui encontrar a coleção completa desse Boletim que pude conferir desde o número 1, janeiro de 1879, até janeiro de 1901. A congregação tendo sido dissolvida em 1903 pelo governo francês, ocasionou, sem dúvida, um tempo de interrupção da revista¹, especialmente porque os Juvenatos fechados na França tiveram que ser reconstituídos no exterior, principalmente na Itália, Bélgica, Espanha. Por isso, o período entre 1901 e 1912 me é desconhecido, porém, suponho que a interrupção do Boletim, se ocorreu, deve ter sido relativamente breve. Em todo o caso, a edição de janeiro de 1913, com apresentação bem diferente do boletim do século XIX, afirma ser o 36º ano da revista. Ela já não se dirige mais à obra dos Juvenatos, provavelmente supressa, mas aos benfeitores em geral. Sua redação é feita em Grugliasco, no Piemonte, perto de Turim, na Casa Generalícia do exílio, porém, a publicação permaneceu em Lyon, na Emmanuel Vitte. Por meio dela, os benfeitores são informados sobre o conjunto das obras do Instituto e não só sobre os Juvenatos. Na realidade, torna-se um anexo do *Bulletin de l'Institut (Boletim do Instituto)*, criado em janeiro de 1909, para servir de elo entre os Irmãos dispersos pelo mundo. A redação fica sob a responsabilidade do Ir. Dalmace, secretário geral, que utiliza alguns artigos para os dois boletins. O último

número editado é de janeiro de 1920 (41º ano). Em seu conteúdo, nada indica que vai cessar. No entanto, o “*Le Petit juveniste*” (*O Pequeno Juvenista*) vai sucedê-lo, e não será mais redigido em Grugliasco, mas na Província de St. Genis-Laval.

1. O PEQUENO JUVENISTA: RECRUTAR NOVAS VOCAÇÕES.

A primeira guerra mundial reconduziu à França muitos Irmãos mobilizados ou expulsos de países inimigos. Tem ela também o efeito de atenuar o violento espírito anticatólico dos republicanos. Os Irmãos que permaneceram na França em 1903, e os que voltaram do exterior planejam, então, recriar ali os Juvenatos, permanecendo os Noviciados, com cautela, no exterior. A escassez de vocações sacerdotais e religiosas era ainda mais grave do que na década de 1880, e as províncias da França, cujo pessoal havia envelhecido muito, precisam de reforço urgente. Para isso, são necessárias algumas casas suficientemente grandes, e uma revista informativa que retomará o boletim do século anterior. Mas também, durante o capítulo geral realizado em Grugliasco, em maio-junho de 1920, uma comissão estudou de perto as revistas

¹ A revista tendo começado em 1879, e admitindo que ela não tenha sofrido interrupção, deveria ser o 34º ano. Este erro mostra, portanto, que houve uma interrupção e que se retoma a revista sem muita preocupação quanto à exatidão das datas.

e periódicos publicados no Instituto, e recomendou moderação nesta área, visto que a imprensa não fazia parte do apostolado do Instituto. Supomos que a casa geral quis dar o exemplo, confiando o Boletim dos Juvenatos a uma Província.

O *Pequeno Juvenista* teve seu início em 1921, com Ir. Louis-Emile (Germain Goddard), no internato de Bellegarde, em Neuville-sur-Saône, onde ele era professor. Seu subtítulo é “*Boletim dos Juvenatos dos Irmãos Maristas, 44º ano*”, e o Ir. Goddard fez questão de afirmar tenazmente a continuidade com a revista anterior. De fato, o público é mais amplo do que antes: não são apenas os benfeitores, mas também pais, Irmãos e jovens. É por isso que, ao lado de textos espirituais ou edificantes, informações sobre as obras maristas do mundo, *O Pequeno Juvenista* oferece variedades e jogos. Numa palavra! A revista dirige-se a todos e todas que possam interessar-se pela vocação religiosa. É modesta: o formato é semicomercial: 135mm por 210mm. A tiragem inicial é de 500 exemplares (LPJ maio-junho de 1931). Em 1921 e 1922, é trimestral (4 números). De 1923 a 1938, aparecerá a cada dois meses. Não é apenas de interesse local; seu alcance é internacional e, em 1931, chega a 7.000 assinantes (maio-junho de 1931, nº 3). Seu editor pretende chegar a 10.000, mas parece inverossímil que a cifra de 7.000 tenha sido ultrapassada. Sempre modesta, a assinatura segue a inflação: primeiro, 5 F, depois, 8, 10, 20. Em 1945, será 35 F.



Correspondia esta realização à vontade do conselho provincial da Província de Saint Genis-Laval, da qual dependia o Internato de Neuville-sur-Saône, ou era devida à iniciativa do Ir. Goddard? Em todo caso, o internato de Neuville era um dos raros estabelecimentos franceses que dispunham de recursos intelectuais e financeiros para tal empreendimento; e o Ir. Louis-Emile Goddard não carecia de capacidade. Antes de 1944, ele conviveu num ambiente fortemente marcado pela internacionalidade, em Istambul (Turquia), e na Grécia. Após sua estada em Neuville, ele exercerá em Lyon, na escola normal católica Gerson, por 22 anos, o cargo de profes-

sor e depois de diretor. Permaneceu como o diretor e, provavelmente, o principal editor da revista sob o pseudônimo de J. de la Chautagne², Neuville-sur-Saône permanecendo a sede editorial.

Durante a segunda guerra mundial, embora idoso e enfrentando muitas dificuldades, o Ir. Goddard continua a publicar, em papel de baixa qualidade: três números anuais em 1940-1941, e cinco, em 1942-1944. Mas, o número de maio-junho de 1944 informa os leitores que o Irmão Goddard, atribulado com perda de memória (doença de Alzheimer?) é hospitalizado numa casa especializada onde morre no dia 7 de dezembro. É o Ir. Joseph-Félix Guillaud (1879-1951) quem o substitui.

Já idoso (65 anos), ele certamente ajudou o Ir. Goddard a redigir O Pequeno Juvenista, durante as duas estadas em Gerson, em 1930-1933 e, especialmente, em 1944-1945. Esta foi uma sucessão difícil: a guerra e a doença do Irmão Goddard tiveram um efeito desastroso sobre a revista que, em 1945, mal chega a 2.000 ou 3.000 assinantes. O estilo envelheceu e já em 1948 (nº 1) o Irmão Guillaud refere sérios problemas financeiros. Acima de tudo, a revista sofreu forte desafeição por parte dos Irmãos dos estabelecimentos de ensino. É por isso que o Ir. Guillaud publicou nos números 1-3 de 1945, cartas de encorajamento do Cardeal Gerlier, Arcebispo de Lyon, dos Irmãos Jean-Emile e Marie-Odulphe, assistentes

gerais. O resultado é insuficiente, pois, no número de setembro-outubro de 1949, “*uma importante nota da redação*” adverte seus leitores: será este o último número de uma revista estrangulada por crescentes despesas, insuficientemente compensadas pelo reduzido número de assinantes? O restante da nota explica, em termos velados, o cerne do problema: os Irmãos acham que esta revista já não corresponde às necessidades dos jovens. Mas o Ir. Guillaud faz questão de manter seu objetivo: “Informar sobre as Obras da Congregação e estimular as vocações religiosas e sacerdotais entre as crianças de nossas escolas”. Não se trata de “tornar-se um jornal divertido e popular para os alunos”. No número de novembro-dezembro de 1949, uma nova “Nota da Redação” pede “que os coirmãos gentilmente apresentem cada número a seus alunos como um ato de caridade a ser realizado. Assim a revista será distribuída e os custos gerais repartidos por um maior número de leitores. »

Obviamente, os coirmãos pouco se empenharão, e a revista que acaba de entrar em seu trigésimo ano, vai parar em janeiro-fevereiro de 1950. Ela perfaz treze volumes, 4.532 páginas impressas, 160 números, cada um com 30 páginas, em média. É uma fonte excepcional sobre a vida de muitas escolas pequenas e grandes e, de modo geral, sobre a vida concreta da rede marista. Mas, aos olhos dos próprios Irmãos, está

² La Chautagne é uma região da Savoia da qual certamente este Irmão é oriundo.

desatualizada. Aliás, o Irmão Joseph Félix (1879-1951) foi apenas um diretor improvisado, já bastante idoso e com saúde precária, e viria a falecer no dia 4 de abril de 1951.

No número publicado em janeiro-fevereiro de 1950, ele escreve “a palavra do Diretor do Pequeno Juvenista” que, ao mesmo tempo que apresenta seus melhores votos e se desculpa pelo atraso da última publicação devido a “obrigações bastante absorventes”, anuncia que é o último número do qual ele é encarregado.

“Aproveita a ocasião para agradecer a seus colaboradores, principalmente aquele que cuida da ilustração, aos correspondentes que lhe enviam artigos e notícias variadas, aos coirmãos que se dedicaram a divulgar a Revista entre os alunos de suas escolas ou entre as pessoas de seu entorno, enfim e sobretudo aos generosos benfeitores que lhe pagam quantia muito superior ao preço da assinatura”.

2. JUVENTUDE E AMIZADE: UMA REVISTA PARA OS JOVENS

Em 1950, uma alternativa é claramente colocada: ou a suspensão pura e simplesmente, ou a continuidade com um espírito diferente. Ao contrário da criação do *Pequeno Juvenista*, a opção pela continuidade é uma decisão provincial. O substituto do Ir. Guillaud será o Ir. Marius-Léon

Crétallaz (1903-1981), professor em Neuville-sur-Saône, nomeado para este cargo em 1950, pelo Ir. Freléchoz, Provincial. Ele é um saboiano que ingressou no Instituto em 1920. De 1927 a 1960, foi professor no internato de Neuville-sur-Saône. Seu principal colaborador foi o Ir. Victor-Camille (Guicherd) (1911-1968), que entrou no Instituto em 1926 e que, desde 1928 a 1942 foi professor em Neuville-sur-Saône. De 1942 a 1960 leciona no internato de Saint Didier-sur-Chalaronne, e vai frequentemente a Neuville, de ônibus, para trabalhar com o Ir Crétallaz, muitas vezes de noite, na redação da revista.

São homens experimentados e na plena força da idade (47 e 39 anos) que conhecem os jovens, bem como professores e animadores. A sua longa presença em Neuville permitiu-lhes colaborar na redação do Pe-



queno Juvenista, procurando dar-lhe um novo tom. Os anos 1945-1950 terão sido, portanto, os de uma pequena contenda entre antigos e modernos resultando numa revista cujo título « *Jeunesse et amitié* » (“*Juventude e Amizade*”) indicará claramente o público visado prioritariamente.

Mas este título não aparecerá imediatamente. Em março-abril de 1950, surge um novo n° 1 do Pequeno Juvenista, mas com formato (21 x 27) e espírito diferentes. O conselho editorial também anuncia que pretende imprimir à revista “uma metamorfose”, dirigindo-se prioritariamente aos jovens. Portanto, convida os “fiéis assinantes” e os “leitores amigos” a manterem sua confiança nele, porque *O Pequeno Juvenista* quer simplesmente servir melhor”.

O Ir. Crétallaz assumiu também um pseudônimo: Mauris de Prévignan. O antigo objetivo de recrutar vocações não é abandonado, mas assume um novo modo, mais próximo da sensibilidade dos jovens. Enquanto se imprimiam seis números do clássico Pequeno Juvenista por ano, toma-se a decisão de passar para dez números por ano. Os treze primeiros manterão o título anterior, sem dúvida para não levar os assinantes habituais a cancelar a revista, e atingir um público de jovens mais numeroso. É com o n° 14 (ano 31°, setembro-outubro de 1951), composto de 24 páginas, incluindo as capas, que aparece o novo nome: que melhor corresponde às intenções dos redatores e ao conteúdo.

O editorial deste número é, aliás, um verdadeiro manifesto que retoma amplamente as ideias formuladas no número 1.

“Permanecer jovem [...] Tal é a ambição de *Juventude e Amizade* que, sem negar o seu antigo título (*Le Petit Juvéniste*) encontra no novo uma expressão mais adequada do seu ideal. Criada para os jovens, a revista quer continuar a ser para eles e merecer ser aceita sempre com maior interesse;”

A continuação evoca o desejo de colaboração com “os amigos da juventude [...] sob a proteção de Cristo e da Virgem”. As imagens fotográficas, geralmente com fundo vermelho ou azul, são muitas. A revista, inicialmente sediada em Neuville-Bellegarde, agora tem a redação e a administração no Montet, em Saint Genis-Laval. A revista apresenta reportagens sobre as missões, países distantes e as obras maristas, que podem ser de proveito tanto para adultos quanto para jovens. Mas, no geral fala-se de esportes (beisebol...), de filatelia, de acontecimentos espetaculares (discos voadores...). Organizam-se concursos com premiações. Inclusive, há figuras em quadrinhos. A preocupação com o recrutamento é pouco visível: trata-se, antes, de uma revista para os alunos das escolas maristas.

Os números seguintes são do mesmo estilo, excetuando-se um número especial (sem numeração, mas provavelmente o n°22), com 36 páginas, celebrando o quarto centenário da morte de São Francisco

Xavier. É um estudo bastante detalhado, com rica iconografia sobre o santo missionário e sua época. O n.º 24, publicado em setembro-outubro de 1952, com apenas 16 páginas, será o último de uma revista cujo estilo contrastava muito com a que substituiu.

3. UNIFICAÇÃO COM A REVISTA CHAMPAGNAT (REVUE CHAMPAGNAT)

Ao longo dos anos, o Pequeno Juvenista tornou-se não apenas a revista das obras da Província de Saint Genis-Laval, mas também uma revista de ampla divulgação no Instituto dos Irmãos Maristas. Muitas províncias criaram sua própria revista, de propagação mais ou menos ampla, sempre com o mesmo objetivo: suscitar vocações, dar a conhecer as obras do Instituto e trabalhar pela beatificação do Pe. Champagnat. Este último objetivo era particularmente o da Província de L'Hermitage, que havia criado, por volta de 1935, a "Revista Champagnat" e um Calendário Champagnat. Em 1947 (F. Jean-Emile, História do Instituto) a tiragem da revista era de 5.000 exemplares e a do calendário, 35.000. Mas, as duas Províncias de St Genis e L'Hermitage, tendo os mesmos problemas de financiamento e falta de pessoal, tomaram a decisão de unificar as duas revistas coordenando seus objetivos



4. VIAGENS E MISSÕES (VOYAGES ET MISSIONS): VÁRIOS OBJETIVOS PARA A MESMA REVISTA

Em outubro-novembro de 1952, teve início a revista Viagens e Missões. O seu título é todo um programa: associar o gosto pela aventura ao ideal missionário. Esses traços já estavam bem presentes em *Juventude e Amizade*. No entanto, a unificação reduziu seu caráter de publicação juvenil. O n.º 1 (novembro de 1952) declara que aos jovens se falará da história missionária, de esporte, de cinema; ser-lhes-ão propostos jogos, adivinhações, contos e até histórias em quadrinhos. Mas os benfeitores e amigos não são esquecidos: continuar-se-á a informá-los sobre as



obras maristas. As causas de beatificação também são importantes: a Revista Champagnat tinha sido criada com o objetivo de torná-las conhecidas. É, portanto, um compromisso entre tradição e inovação do qual Viagens e Missões pretende ser a expressão duradoura.

Como a revista está sob a supervisão de duas Províncias, elas se dividem as tarefas. Assim, em L'Hermitage, o Ir. Antoine Vallet cuida da redação: reportagens, análises de filmes, artesanato doméstico, filatelia... enquanto o Ir. Crétallaz cuida da administração e dos processos técnicos. Esta dicotomia terminará em 1959 (o Ir. Vallet torna-se provincial) e o Ir. Crétallaz vai cuidar de tudo, mas sem assumir a impressão. Ele continua tendo o Ir. Guicherd como seu braço direito, que garante boa parte da redação. Mas, por serem anônimos os artigos, mal conhece-

mos os nomes dos autores e dos colaboradores.

Como Juventude e Amizade, a revista começará publicando, por ano, 10 números bastante finos com 16 páginas. Mas o ritmo de publicação não se mantém. Em 1960, chega-se apenas a 6 números por ano. Tecnicamente, a capa inclui uma foto em preto e branco sobre fundo colorido. A primeira foto de capa colorida aparecerá no n° 75 (dezembro-janeiro de 1962-1963). As páginas internas têm bastantes fotos com fundo colorido.

Para reduzir custos, o Ir. Crétallaz ousa assumir a impressão da revista: uma operação que lhe causará muitos dissabores. Compra-se maquinária de segunda mão e é colocada numa sala de aula desativada, no internato de Neuville. Pouco a pouco, ele e o Irmão Guicherd aprendem o ofício. A oficina, cada vez mais bem provida com equipamentos de segunda mão, será finalmente instalada, por volta de 1960, em St Genis-Laval num anexo da casa provincial, e conseguirá garantir seu equilíbrio financeiro graças à Federação Francesa das Associações de Antigos Alunos Maristas, as A.A.A.M.

No n° 106 de julho de 1970, M. Paul Dehondt recorda que, em 1956, os responsáveis de Voyages et Missions apresentaram aos antigos alunos de Beaucamps a difícil situação da revista, propondo a unificação do boletim dos Amicaux com Voyages et Missions. Assim, pouco a pouco,

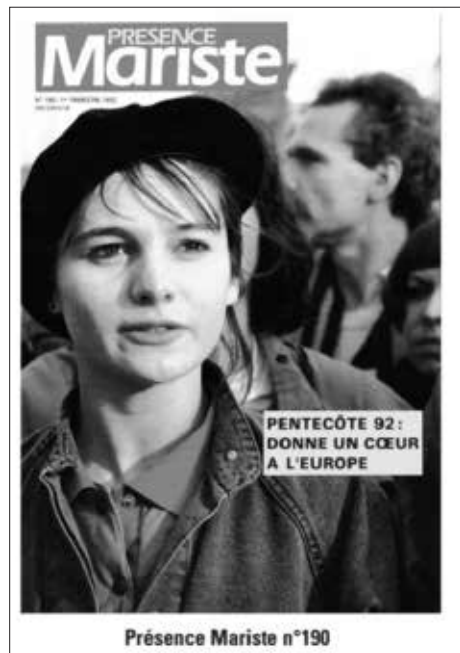
a unificação permitiu aumentar consideravelmente a tiragem da revista que, em outubro de 1963 (n° 79), se tornou o órgão oficial da Federação Francesa dos Antigos Alunos Maristas. A partir desse momento, serão impressos quatro números por ano, com tiragem superior a 30.000 exemplares, com encartes de páginas especiais para as associações dos diversos estabelecimentos. O trabalho administrativo e técnico ainda depende essencialmente dos Irmãos Crétallaz e Guicherd, ajudados por Irmãos voluntários. Mas o tempo passa e o Irmão Guicherd morre em fevereiro de 1968. O Irmão Crétallaz envelhece e não consegue fazer o trabalho sozinho. Apresenta-se, então, a questão do encerramento da revista por falta de pessoal novo (n° 106).

5. DE VOYAGES ET MISSIONS (IMAGENS E MISSÕES) À PRÉSENCE MARISTE (PRESENÇA MARISTA) (1970-1983)

Após um período de incerteza, a revista é retomada, e seu n° 107 nos dá a composição de seu conselho de administração e de redação. O diretor da revista é o Ir. Pierri Zind, professor em Mâcon e historiador, que, a partir do número 105, de abril de 1970, começou a escrever “*Seguindo os Passos de Marcelino Champagnat*”, uma biografia do fundador que será um marco na congregação. O editor-chefe é o Ir. Paul

Boyat, auxiliado por uma dezena de Irmãos e leigos que cuidam, entre outras coisas, das páginas da Federação das Associações de Antigos Alunos. Mais do que antes, a revista visa à educação e à pedagogia, tratando, por exemplo, da matemática moderna ou de grandes pedagogos do passado como Coménius. Realça também a identidade, atenta à espiritualidade marial. Mas, já quase não se dirige aos jovens. O Irmão Paul-Boyat tornou-se oficialmente seu diretor com o n° 111, de 15 de setembro de 1971.

O tempo de sua direção será particularmente fecundo em acontecimentos externos e internos. É época de intensa secularização e o tema da vocação quase não está na ordem do dia. Em nível escolar,



surgiu o problema da anexação do ensino católico a um grande serviço público unificado (1981) que acabou por ser abandonado. Mas, nos estabelecimentos, cada vez mais se torna presente a questão do relacionamento entre Irmãos e leigos, estes, que se tornaram muito numerosos, assumem rapidamente cargos de responsabilidade. Por sua vez, o Instituto demonstra pouco interesse para com as federações de antigos alunos e prefere desenvolver o conceito de “família marista”, unindo Irmãos e leigos em um conjunto mais claramente marista. A revista evoca tudo isso, mas a meu ver, se mantém um pouco na defensiva.

Todas essas mudanças contribuíram para reduzir a divulgação de *Viagens e Missões*; também a habitual tensão, entre custo de produção e número insuficiente de assinantes, volta a entrar em jogo, se levarmos em conta a pesquisa patrocinada pelos provinciais em 1976, que pergunta aos leitores o que pensam da revista. Este documento informa-nos que a revista tem tiragem de 30.000 exemplares, assim distribuídos: 3.000 para assinantes individuais; 12.000 para pais de alunos; 14.000 para antigos alunos; 1000 para assinantes diversos no exterior. Não temos conhecimento do conteúdo das respostas desta pesquisa, mas o novo título “Presença Marista”, no 4º trimestre de 1978 (nº 137), certamente responde às sugestões dos leitores. Mas será apenas uma prorrogação: no número 156, do terceiro trimestre de 1983, sob o título “Últimas Páginas” apa-

rece um breve comunicado assinado pelos Irmãos Provinciais: “*Você está lendo as derradeiras páginas de uma revista que, esperamos, lhe tenha interessado*”. Segue-se uma homenagem a todos aqueles que se dedicaram a esta empreitada.

No entanto, no 4º trimestre de 1983, aparece o nº 157, cujo diretor passa a ser o Ir. Jean Dumortier, auxiliado na redação por um grupo de quatro Irmãos e colaboradores ocasionais. O editorial não explica a aparente inversão das políticas provinciais, mas expressa a esperança de ver os Irmãos deixarem seu “manto de indiferença” para garantir a “sobrevivência” da Presença Marista. Parece-me que o conteúdo da revista sistematiza uma tendência já perceptível antes: desenvolver uma reflexão sobre o mundo contemporâneo, paralelamente a questionamentos de modo particular maristas. Ainda que os Irmãos fossem bastante indiferentes em relação à revista, esta escolha suscitará algumas restrições e um pouco mais de interesse.

6. REDEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS DA REVISTA (1988-2017)

A direção da Presença Marista será assegurada pelo Ir. Jean Dumortier, até o 3º trimestre de 1988 (nº 176). O Ir. Antoine Vallet o sucede com o nº 177, do 4º trimestre de 1988. Ele é auxiliado tecnicamente pelos Irs. Jean Gonod e Elie Devémy. A impressão da revista é sempre garan-

tida pela tipografia do Montet administrada por um diretor de impressão: o Sr. Rossillol. O conteúdo da revista tornou-se um pouco mais clássico. Vários números trazem a descrição da presença marista em vários países: Hungria (nº 186); Argélia (nº 189); Argentina (nº 187) ...

O nº 190 (4º trimestre de 1991) anuncia, num breve comunicado que, a partir de agora, a redação e a administração da revista estarão em Notre-Dame de L'Hermitage, e os trabalhos de impressão permanecerão em St Genis-Laval, até que a tipografia Delta (nº 195) de Chassieu se encarregue da impressão. O diretor agora é o Ir. Maurice Bergeret, ex-provincial de L'Hermitage, auxiliado por uma dezena de redatores e administradores, incluindo dois leigos. A Sra. Isabelle Herche foi contratada para assegurar a secretaria técnica da revista. O Ir. Henri Vignau, Provincial, recordou e, em parte, redefiniu os objetivos da revista:

- Informações sobre a realidade marista no mundo;
- Meio de comunicação para a rede de escolas maristas da Província de Hermitage (visto que a Província de Saint Genis-Laval decidiu não constituir uma rede de tutela);
- Um lugar de intercâmbio e partilha para as comunidades educativas e amigos no que concerne à educação, à vida cristã dos jovens e às grandes questões contemporâneas.

Se a primeira parte da programação é tradicional, a segunda leva em conta o aumento dos leigos nas escolas e a necessidade de torná-las uma comunidade educativa. A terceira parte, que afirma a abertura às questões fundamentais, pode ser considerada como complemento da anterior, na medida em que a revista já não diz respeito apenas aos Irmãos, mas às equipes educativas a eles vinculadas. Do ponto de vista pedagógico, a revista se torna, portanto, consideravelmente a da comunidade educativa marista; e espiritualmente, a da “família marista”. O Irmão Maurice Bergeret vai dirigi-la por 11 anos (1991-2002). O número 235 da revista reproduz o discurso de agradecimento do Ir. Maurice Goutagny, Provincial, que destacou alguns dos temas tratados. Por exemplo: “Bem no corpo, bem na vida”; “Que tipo de escola para a Europa? “; “Projeto educativo marista”, “Ensinando uma nova profissão? » ou « Parceiros na missão »... « O diálogo inter-religioso ». Notemos uma alteração técnica significativa: a partir do nº 200 (3º trimestre de 1994) as fotos das páginas interiores são coloridas.

É com o nº 234 (1º trimestre de 2003) que começa a atividade do Ir. Michel Morel como diretor da revista. A partir de agora, o modelo está bem estabelecido: em torno do diretor, uma equipe de redação e colaboradores mais ou menos ocasionais preparam os quatro números anuais, sempre a partir de um tema de atualidade em geral, ou mais es-

pecificamente marista. Desde algum tempo, a tipografia está no estabelecimento *Touron, em La Ricamarie, perto de Saint Etienne*.

Em julho de 2011 (nº 268) o Irmão Michel alertou os leitores para uma “passagem de batuta” e fez um balanço de sua ação: 31 números publicados a partir de janeiro de 2003. Além dos agradecimentos aos colaboradores e assinantes, lembrou os objetivos da revista: “Estabelecer vínculos entre as instituições da rede” e “permitir que as famílias descubram ou conheçam melhor as realidades maristas vividas na França ou no mundo afora”. Aproveita para expressar “uma pequena lamentação”: a falta de comentários dos leitores sobre os artigos ou sobre o dossiê central. Vários de seus predecessores já haviam apontado essa carência crônica de um “espaço do leitor” bastante recheado. Obviamente, Ir. Michel Morel teve o cuidado de desejar boa sorte ao seu substituto, Ir. Jean Ronzon, ex-secretário geral, que sinteticamente se apresentará no nº 269 (outubro de 2011).

Ele garantiu a edição da revista até o número 312, de julho de 2022. Não haverá número 313, porque o conselho provincial decidiu que, dada a carência de recursos humanos para continuar esta aventura editorial, era melhor programar uma suspensão da atividade do que

ser repentinamente forçado a isso. Em decorrência deste fato, a qualidade da revista se manteve muito boa, até o final, como indicam os temas de muitos números: “Você se interessa por política? (nº 291, abril de 2017) ou o número seguinte “O cristianismo entre a desgraça e um novo impulso”. Às vezes, o tema é claramente marista, como no nº 295, de abril de 2018 sobre o Capítulo-Geral. Ou é educacional como no nº 307 (abril de 2021): “A escola de amanhã: apostas e desafios”. Mas o título do nº 306 de janeiro de 2021: “Surgimento de um novo mundo” parece-me que nele se sintetiza o percurso desta revista desde o seu nascimento até o seu término, passando por suas múltiplas transformações. Todos os seus diretores e redatores procuraram, à sua maneira, suscitar ou pelo menos acompanhar o mundo novo.

7. ESBOÇO DE UM BALANÇO

Fazer o balanço de uma atividade editorial de quase cem anos (1921-2019), sem contar o *Boletim da Obra dos Juvenatos*, de quase 500 números (160 + 22 + 300), exigiria um estudo aprofundado. Isso, aliás, é possível porque *Viagens e Missões*, assim como *Presença Marista*, existem em versão digital³.

³ https://maristesmy.sharepoint.com/:f/g/personal/secretariat_maristes_org/EqVfYV4kwg1IrdxEy8A36vcBV0gPnLQiiQVzrF4pkYL7Fg?e=mVmCtK

Limitar-me-ei, portanto, a algumas observações breves e bastante subjetivas. O elemento mais estável e basicamente pouco surpreendente é a preocupação de informar sobre as obras educativas maristas, em nível nacional e internacional. Eu hesitaria em afirmar que a apresentação do espírito marista é outra constante, porque me parece que, com o suceder dos anos e dos diretores, é pensado de modo bastante variável. E de qualquer forma esse assunto é pautado por eventos e comemorações.

Com efeito, muitos conteúdos da revista, importantes numa época, se transformam, diminuem ou até mesmo desaparecem. Nada é mais claro sobre este assunto do que o tema da vocação, que o fechamento dos juvenatos, por volta de 1970, reduziu a quase nada. Ao contrário, outros temas se tornam importantes, como a Família Marista e L'Hermitage como lugar de peregrinação...

Talvez seja, porém, no público-alvo que as mudanças são maiores e menos nítidas. Inicialmente, o Boletim da Obra dos juvenatos se dirige aos benfeitores, depois o *Pequeno Juvenista* incentiva a vocação marista junto dos Irmãos, pais e jovens nas escolas. Por volta de 1950, com *Juventude e Amizade*, volta-se sucintamente para uma revista orientada aos jovens. Mas bem rapidamente, com *Viagens e Missões*, volta-se aos objetivos anteriores. Quando a revista se torna o órgão da Federação dos Antigos

Alunos, opta-se pelo público adulto: antigos alunos sem dúvida, mas também pais e professores. Os jovens e os benfeitores são focados apenas periféricamente. Em suma, de 1879 a 1950 o objetivo era claro: promover as vocações. Ao que parece, é nas décadas de 1950 a 1970 que se perdeu a oportunidade de criar uma revista para jovens. Em seguida, *Viagens e Missões* e depois *Presença Marista* serão revistas de informação geral, mesmo que o aspecto de reflexão vá se aprofundando.

Sem dúvida, é preciso também ressaltar uma mudança técnica da revista que, de bom grado situarei nos anos da direção do Irmão Paul Boyat, por volta de 1970-1980. Antes era artesanal: administrada por um número muito reduzido de Irmãos, muitas vezes idosos, e cuja revista não era sua única atividade.

Basicamente, ela só viveu graças ao trabalho árduo e a uma dedicação sem limites. Não parece ter havido um comitê de direção muito organizado nem uma divisão clara de tarefas editoriais, administrativas e mesmo de impressão. Os anos de 1970-1980 foram o tempo de transição, esboçando um verdadeiro profissionalismo: redação, administração e impressão são claramente diferenciadas, e os assuntos definidos previamente por equipes de redação. No entanto, resta a afirmar que, apesar de uma qualidade real de fundo e de forma, a revista teve dificuldade em viver porque sofria com uma expansão

diminuta e, sobretudo, com a indiferença bastante generalizada dos próprios Irmãos, como se esta re-

vista tivesse permanecido um simples apêndice à margem das obras maristas ⁴

⁴ Um primeiro histórico da revista foi escrito pelo Ir. Paul Boyat, em 1970, em *Viagens e Missões* n° 106, sob o título: “50 anos de presença marista a serviço das vocações, da causa do Pe. Champagnat e das Associações de Pais e Mestres.”



CINQUENTA ANOS DE HISTÓRIA MARISTA NA COREIA



Juan Castro, fms

INTRODUÇÃO

Após a eleição do Irmão Basílio Rueda como Superior Geral no Capítulo de 1967-68, o Instituto dos Irmãos Maristas encontrou-se no início de uma nova era e no final de um antigo modo de compreender o seu lugar no mundo. O Irmão Basílio convidou todas as Províncias do Instituto a abrirem-se às necessidades que surgiam em toda a parte.

Na quarta seção de sua primeira Circular de 1968 – intitulada “Um Capítulo para o Mundo de Hoje” – o Irmão Basílio escreveu sobre a necessidade do Instituto se engajar em missões em novos países. A Província do México Central – à qual ele próprio pertencia – aceitou este desafio, com todas as consequências que isso implicava. A ideia principal do convite do Superior Geral era abrir novos apostolados que levassem os Irmãos a deixar para trás seus lugares de origem e estar dispostos a se mudar para um novo país de missão, abraçando-o como seu próprio país, sem olhar

para trás. Ou seja, eles tiveram que se estabelecer lá por toda a vida. O objetivo principal desses novos ali-cerces era “levar os jovens a Deus por meio da educação”. Neste espírito, o Instituto centrou a sua missão na juventude pobre da Coreia.

O Capítulo do México Central respondeu a este chamado, e a Província comprometeu-se a enviar oito Irmãos para as missões: quatro em 1971 e outros quatro no ano seguinte. A escolha do território da missão foi influenciada por circunstâncias além do controle dos Irmãos. A primeira opção era a Índia, mas a entrada era problemática para os missionários estrangeiros. Os Padres de Guadalupe (uma congregação missionária mexicana com a qual os Maristas mantiveram estreito contato) foram muito úteis na escolha de uma área de apostolado. Eles propuseram a Coreia que era um país em desenvolvimento na época, e que havia sofrido o impacto da guerra. Os Padres ofereceram-se também para acolher e acompanhar os Irmãos missionários.

1. OS PRIMÓRDIOS

O Provincial da época – Irmão Arturo Chávez – e seu Conselho anunciaram quem eram os membros do primeiro grupo que foi para a missão. Eles eram os Irmãos Jesús Rodríguez (ex-provincial), Enrique Ruiz (líder do grupo e animador-chave nos primeiros anos), Sergio Gutiérrez (especialista em questões técnicas) e Manuel Villarreal (o mais jovem dos quatro, escolástico de votos temporários).

Após o envio, em 4 de setembro de 1971, os missionários empreenderam uma viagem à Coreia, numa jornada que foi planejada em diferentes etapas. Do México, eles voaram para São Francisco, de lá para Tóquio, Kobe e Kumamoto, e depois para Pusan, a segunda cidade da península coreana. Eles chegaram a Seul em 13 de setembro de 1971. Em seu primeiro ano de estadia, os Irmãos se dedicaram a estudar a língua e a se familiarizar com a nova cultura em que se encontravam. Eles logo começaram a procurar vocações e foram capazes de anunciar seu modo de vida através do jornal católico local. Esta promoção despertou o interesse do primeiro jovem que bateu à sua porta.

No ano seguinte, em maio de 1972, aconteceu a chegada do segundo grupo de missionários, formado pelos Irmãos Héctor Villarreal, Eduardo Ramírez, Ricardo Piña e Juan Castro. Dois deles eram professores temporários. Com a presen-

ça deste segundo grupo, sentiu-se a necessidade urgente de se conseguir uma casa que fosse realmente seu lar. A casa abrigaria os oito Irmãos e também acomodaria jovens interessados na vida marista.

No início, os primeiros candidatos coreanos que foram morar com os Irmãos encontraram-se diante de uma realidade bastante complexa. Eles chegaram a um lugar onde os maristas estrangeiros não tinham autoridade ou status, sendo – como eram – um grupo de leigos que viviam em uma casa alugada, sem domínio da língua, sem propriedade, sem carro próprio e sem conexões com pessoas abastadas ou influentes. Os únicos amigos dos Irmãos eram as pessoas com quem viviam, seus vizinhos e alguns outros missionários estrangeiros.

Por outro lado, as próprias circunstâncias do país afetaram o processo de discernimento dos candidatos coreanos, como foi o caso do serviço militar, que era obrigatório para todos os jovens em idade de alistamento. Um serviço que, então, durava três anos. Apenas os doentes ou jovens com deficiência estavam isentos. Entre os nossos primeiros Irmãos houve alguns que foram dispensados do serviço por essas razões.

No final de 1972, o Provincial visitou a comunidade, tomou conhecimento em primeira mão da situação e compreendeu a necessidade do grupo ter sua própria casa. Em 15 de fevereiro de 1974, os Irmãos se

mudaram para a nova casa, o antigo Convento Maryknoll, em Seul. Nesse mesmo ano, receberam a visita do Superior Geral, que estava acompanhado pelo Irmão Paulo Ambrósio. O Irmão Basílio aceitou os votos perpétuos dos Irmãos Manuel Villarreal e Juan Castro. Para garantir a formação dos novos candidatos coreanos foi necessário criar um noviciado. Deveria ser solicitada uma autorização especial para que o Irmão Manuel Villarreal, recém-professo perpétuo e ainda não na idade exigida para ser mestre de noviços, assumisse esta função. O indulto foi concedido.

Durante este ano chegaram as primeiras vocações locais: o futuro Irmão Carlo Kim e outros dois companheiros, Ireneo Yan e Rafael Kim.

Em março de 1975, uma segunda comunidade marista foi estabelecida na cidade de Andong. Os Irmãos alugaram uma casa e começaram a discernir qual seria o apostolado mais adequado para eles naquela cidade. Após vários meses de reflexão, uma decisão foi tomada. Não foi uma escolha fácil, e os Irmãos sabiam que, para tornar seu sonho realidade, eles precisariam de ajuda financeira do exterior. O projeto era construir um centro educacional que oferecesse diversas atividades. Uma parte destinava-se a ser uma residência para estudantes internos do ensino secundário e superior. Esta seção tinha uma biblioteca que servia, ao mesmo tempo, como um espaço de estudo para os alunos, onde algumas aulas de matemáti-

ca e inglês eram ministradas. O piso térreo funcionaria como uma escola noturna para homens e mulheres jovens que não tinham a oportunidade de ir à escola durante o dia, devido aos seus compromissos de trabalho.

Em 1977, com a tomada do hábito, iniciou-se o noviciado para o segundo grupo de postulantes. Cinco deles fizeram seus primeiros votos no ano seguinte: Joseph Kim, Joseph Ahn, Gabriel Cho, Thomas Chong e Bartolomeo Kim.

Em 1979, o bispo Dupon de Andong nos convidou a colaborar no cuidado de pacientes com hanseníase na região. A ideia era trabalhar com os filhos desses leprosos. Para este fim, foi-nos pedido que assumíssemos a direção de um hospital dermatológico de iniciativa diocesana. De março de 1981 a setembro de 1996, o “Hospital Damian” para leprosos na cidade de Yeong-ju foi administrado pelos Irmãos.

Durante este ano, a terceira cerimônia de profissão foi realizada. O Irmão Dominique Ryu e o Irmão Alexander Shin fizeram seus primeiros votos. Foi um ano politicamente difícil, pois em 26 de outubro aconteceu a morte violenta do presidente Park Chong Hee. Enquanto isso, as vocações continuavam chegando: em 1982, Andrew Hyong e Simon Ho; em 1985, Simon Moon e Gabriel Pae.

Em 1985, a comunidade marista decidiu lançar um novo projeto des-

tinado às meninas que trabalhavam em ônibus urbanos. A ideia era dar abrigo a essas jovens que trabalhavam em várias empresas de ônibus. O projeto foi adiante, mas quando as instalações estavam prontas para a recepção, a cidade de Seul mudou sua política e removeu essas mulheres do sistema de transporte público. Assim, os Irmãos decidiram usar o edifício como uma Casa de Retiros.

Nesse mesmo ano, 1985, a diocese de Won-ju convidou os maristas a participarem de seu programa diocesano de pastoral juvenil. Quatro irmãos foram designados para este novo ministério. A diocese ofereceu-lhes um centro de convivência localizado em Bong San Dong como um lugar para seu trabalho, a fim de lançar várias atividades apostólicas para crianças e jovens. Uma delas foi incentivar o cuidado pastoral na Chin Koan Catholic Middle and High School. Junto a isso havia a colaboração com a Catholic High School Student Association e a Catholic College Student Association. Também foram realizadas atividades com grupos de jovens e catequistas paroquiais de toda a diocese.

Em 1985, a construção do novo noviciado também foi concluída. Dois anos antes, Dom Kim Nam Soo, bispo da diocese de Suwon, havia assinado um acordo com o Provincial do México Central que nos permitiu ter uma casa de formação (postulantado e noviciado) em sua diocese. Cinco noviços fizeram seus votos em 1985: David Hong, Vianney Kim, Raphael Kim, Michael Park e Gregory Moon.

Um novo projeto foi lançado em fevereiro de 1986, quando os Irmãos aceitaram a direção da Escola Técnica “Ioan Bosco” para órfãos em Seul. Pouco tempo depois, o Governo ordenou o deslocamento do centro para Chong-ju. Os trabalhos foram realizados durante o ano olímpico de 1988. Uma vez concluído, os alunos e os Irmãos mudaram-se para as novas instalações. Neste mesmo ano, três noviços fizeram sua primeira profissão: Stephano Chang, Domingo Lee e Jacobo Song.

Ainda no mesmo ano, em 12 de dezembro, o Setor Marista Coreano tornou-se um Distrito. O fluxo vocacional foi mantido. Em 1989, eles professaram três novos irmãos: Andrea Ahn, Damiano Song, Leo Lee.

2. NOSSAS ESCOLHAS APOSTÓLICAS

Durante os primeiros 35 anos do Distrito, antes de se tornar parte da nova Província da Ásia Oriental, dez fundações foram feitas. Alguns deles tiveram uma vida bastante curta; outros continuaram ao longo dos anos. Havia também obras em que os Irmãos tinham objetivos concretos a alcançar e, uma vez cumprida a tarefa, mudaram-se para outro lugar. Em outros estabelecimentos, no entanto, os Irmãos Maristas finalmente optaram por se retirar da missão devido a problemas com alguma diocese ou às dificuldades que encontraram para poder levar um estilo de vida comunitário adequado. Até o momento, os

Maristas realizaram seu trabalho em seis dioceses: Seul, Andong, Chong-ju, Won-ju, Suwon e Incheon.

Seul, a capital, foi o primeiro lugar onde uma comunidade de Irmãos foi fundada, e foi também, mais tarde, a sede da Casa Central e do Escolasticado.

Andong é uma diocese rural pobre. Os Irmãos foram lá a convite do bispo e trabalharam no Centro de Juventude e no Hospital Dermatológico. A missão no hospital permitiu-lhes estar em contacto com os filhos dos leprosos e acompanhar estes jovens.

A diocese de Chong-ju acolheu a presença dos Irmãos quando o internato técnico para órfãos de Seul se mudou para lá. Este estabelecimento é hoje um internato para crianças com deficiência mental.

Na diocese de Won-ju, os irmãos trabalharam por cinco anos na pastoral juvenil. Atualmente, eles administram uma casa de convivência que proporciona consciência ecológica aos alunos. Está situado no campo, o que proporciona a possibilidade de trabalhar com jovens num ambiente de acampamento de jovens.

Na diocese de Suwon, foi estabelecida uma casa de formação, sede do primeiro noviciado até 2001. A primeira propriedade foi vendida e um pequeno noviciado foi construído na cidade de Ansan, na mesma diocese.

Na diocese de Incheon, há dois anos, os Irmãos animam um pequeno projeto em um abrigo.

Seul é o lar das duas mais recentes novas iniciativas apostólicas. Uma refere-se a uma pequena escola noturna para crianças pobres; a outra, a um novo edifício anexo à Casa de Retiros destinado a desenvolver atividades juvenis.

3. 2007: UM NOVO PASSO NA VIDA DO DISTRITO

Após um intenso processo de discernimento e planejamento, em 2007 foi lançada uma nova configuração da presença marista na Ásia. Das seis antigas unidades administrativas da região nasceram duas novas Províncias: a Província do Sul da Ásia, que engloba a antiga Província do Sri Lanka e as Províncias do Paquistão e da Índia; e a Província da Ásia Oriental, compreendendo as antigas Províncias de Filipinas, da China e o Distrito da Coreia. O primeiro Provincial do Sul da Ásia foi o Irmão Sunanda Alwis, e o primeiro Provincial da Ásia Oriental foi o Irmão Manuel de León. Essas Províncias realizaram seus primeiros capítulos, respectivamente, em agosto e dezembro de 2007 e, imediatamente, passaram a funcionar como novas unidades administrativas.

Os quatro Irmãos missionários que ainda estavam na Coreia tiveram que tomar uma decisão novamen-

te. Eles tinham três opções: juntar-se à nova Província da Ásia Oriental, juntar-se ao projeto “Missão Ad Gentes” ou retornar ao seu território original. O Irmão Alfredo Herrera decidiu continuar como membro deste novo território e foi nomeado mestre dos noviços de Cotabato, nas Filipinas. O Irmão Enrique Ruiz e o Irmão Eduardo Ramirez escolheram voltar ao México. E o Irmão Juan Castro decidiu unir-se à nova Missão Ad Gentes. Neste momento, a Província do México Central, após ampla con-

sulta, optou por rescindir seu contrato com o Distrito da Coreia para que o Distrito pudesse ser integrado à nova unidade administrativa, a Província da Ásia Oriental.

O então Provincial do México Central, Irmão Fernando Mejía, confirmou formalmente isso em uma carta datada de 28 de setembro de 2007. Este foi mais um passo importante no desenvolvimento da vida marista na Ásia. Aqui está a parte principal da carta:

Celebração do contrato entre a Província do México Central e o Distrito da Coreia

Com a sincera esperança de que a nova unidade administrativa – a “Província da Ásia Oriental” – ajude o Instituto a crescer em vitalidade e fecundidade, o Irmão Fernando Mejía, em nome da Província do México Central, confirma a decisão, tomada após um processo de discernimento que incluiu todas as partes, de que o Distrito da Coreia se torne parte da Província da Ásia Oriental.

Em virtude desta decisão, a Província do México Central, através de seu representante, cede oficialmente à Província da Ásia Oriental todas as obras e propriedades do Distrito da Coreia que anteriormente dependiam da Província do México Central. As obras e propriedades atuais são: 1. - Internato (Chong-ju); 2. - Casa de Retiros (Chae-chon); 3. - Centro educativo (Seul); 4. - Centro juvenil (Seul); 5. - Centro infantil local (Seul); 6. - Casa do Noviciado (Ansan); 7. - Apartamento (Seul); 8. - Apartamento (Incheon); 9. - Casa Comunitária (Seul); 10. - Casa do postulante (Ansan). As comunidades atuais são: Centro juvenil + Centro educativo (5 Irmãos); Centro infantil local (3 Irmãos); Noviciado (1 Irmão, 3 noviços); Postulante (2 Irmãos, 1 candidato); Internato (5 Irmãos); Residência para idosos (2 Irmãos); Irmãos que estudam no exterior (2 Irmãos no MAPAC); Irmãos estudando na Austrália (2 Irmãos); Irmãos mexicanos que trabalharam até agora (3 Irmãos); Irmão enviado para ajudar na formação MAG (1 Irmão). Total de membros: 14 Irmãos coreanos de votos perpétuos; 7 Irmãos coreanos de votos temporários; 3 noviços; 1 postulante; 1 Irmão americano do projeto MAG com um contrato de 3 anos; 2 Irmãos mexicanos transferidos para o projeto MAG; 1 Irmão mexicano com um contrato de 3 anos no projeto MAG.

Em 2005, dois anos antes dessa reestruturação, o Conselho Geral decidiu criar um novo projeto originalmente conhecido como “Missão

Ad Gentes” marista. Originalmente visto como um setor do Instituto, o projeto MAG englobava pessoas enviadas para novos países de missão

na Ásia. Mais tarde, foi reconstituído como “Distrito Marista da Ásia”. Os Irmãos coreanos participaram desta iniciativa desde o início, como parte da equipe de orientação. O Irmão Alfredo Herrera colaborou em Davao, Filipinas, na organização dos primeiros seis programas de orientação para missionários dos seis novos países asiáticos. O Irmão Ignacio In e o Irmão Anselmo Kim também se juntaram ao projeto. O Irmão Inácio, que fazia parte de uma comunidade missionária internacional na China,

mudou-se para o Camboja, e o Irmão Anselmo se juntou à missão no Vietnã.

Durante os cinquenta anos de vida e missão maristas na Coreia, também por lá passaram Irmãos de outros países que enriqueceram o carisma marista. Nossos sinceros agradecimentos aos Irmãos Gerard Brereton, Hugo Rivera, Wency Callimpon, Briccio Baynosa, José Torrecampo e Rommel Occasione.



OS IRMÃOS MARISTAS DE ARDÈCHE QUE FORAM PARA O EXTERIOR



Georges Cellier,
fms

“Eles deixam o país um a um para ir ganhar a vida longe da terra onde nasceram. ».

Com essas simples palavras, como que em “atalho”, Jean Ferrat, em La Montagne¹, estigmatiza o êxodo rural que afetou nossas terras do Vivarais. Nos últimos dois séculos, por razões políticas, econômicas, sociais, culturais ou religiosas, homens e mulheres de Ardèche atravessaram fronteiras, cruzaram mares e oceanos em busca de emprego nas “colônias” ou em países estrangeiros. Deixemos que os historiadores ou demógrafos analisem esses fluxos migratórios; mas, entre todas essas pessoas do Vivarais em movimento, pelo menos quatrocentos delas atraem nossa atenção. Quem eram eles? Quais foram as motivações que os levaram a tal aventura? De arquivos que se encontram em Le Montet, em Saint-Genis-Laval e Roma, de suas biografias às vezes pitorescas, que destaques podemos lembrar?

Todos eram religiosos, “Irmãozinhos de Maria”, ou “Maristas”, uma congregação outrora bem estabelecida na diocese de Viviers. Esse Instituto foi fundado em 2 de janeiro de 1817 em La Valla-en-Gier (Loire). Marcelino Champagnat, recém-nomeado vigário, chocado pela miséria moral, espiritual e intelectual das crianças de sua vasta paróquia, convidou dois jovens a lançar as bases da futura congregação para

“tornar Jesus conhecido e amado... e formar bons cristãos e verdadeiros cidadãos”.

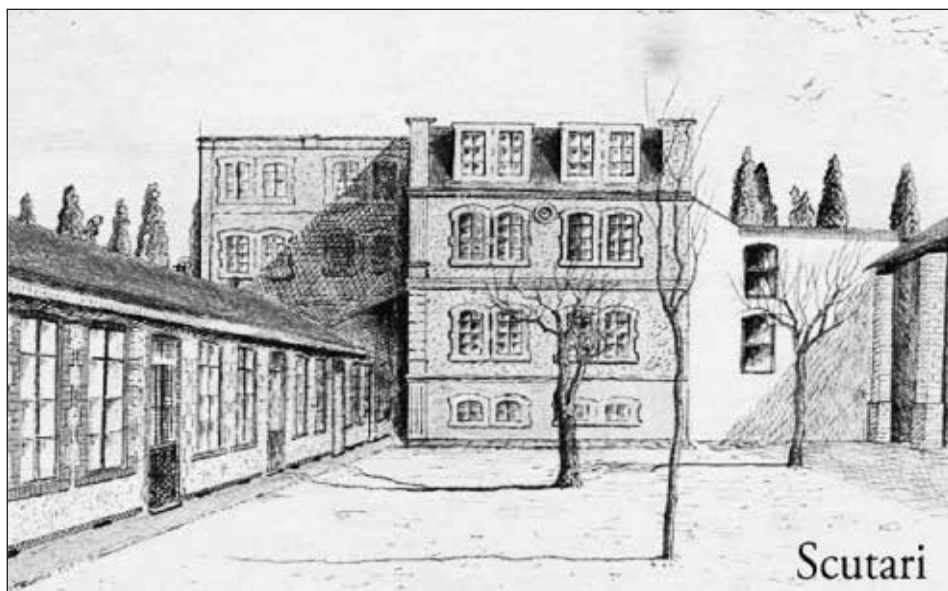
Não tardou (em 1824-25) a construir com seus Irmãos a casa de l’Hermitage em Izieux para torná-la um centro de formação religiosa e intelectual. Da mesma forma, na Igreja da França duramente provada pela Revolução e desordens, e para retardar o processo de descristianização já iniciado no século XVIII e acentuado pelos dez anos de dificuldades, sacerdotes se levantaram

¹ Jean Ferrat é um cantor popular dos anos 1960-1990 muito crítico da sociedade de consumo. Essa música é uma das principais de seu repertório.

para promover uma nova evangelização por meio de congregações de professores. Assim, no Drôme, François Mazelier reuniu os Irmãos da Instrução Cristã de Saint-Paul-Trois-Châteaux; em Ardèche, os abades Richard e Boisson fundaram os Irmãos da Instrução Cristã de Viviers. Por falta de vocações e falta de perseverança, essas duas pequenas congregações vegetavam. Sendo a unidade a força, os Irmãos de Saint-Paul concordaram em fundir-se com os maristas em 1842; dois anos depois, os de Viviers os imitaram. Feliz fusão: os cerca de trinta e seis Irmãos de Viviers tinham treze estabelecimentos e reconhecimento legal; os Irmãos Maristas trouxeram, além de seu dinamismo, estruturas bem estabelecidas e pessoal treinado. O no-

viciado, instalado pela primeira vez em Labégude de 1844 a 1878, foi transferido para a novíssima casa provincial da Imaculada Conceição, em Aubenas, em 8 de setembro de 1878. O Vivarais tornar-se-ia um verdadeiro berçário de vocações. A fim de facilitar a administração dessa congregação em expansão, os Irmãos foram divididos em províncias: L'Hermitage, Saint-Paul, Aubenas etc.

A lei Guizot (1833) ordenou que os municípios criassem uma escola primária. Muitos municípios ou paróquias apelaram aos trabalhadores congregacionais para se encarregarem dos estabelecimentos existentes ou futuros. Como resultado, os Irmãos Maristas administraram oitenta e cinco casas no departa-



A Casa Provincial da Imaculada Conceição, conhecida como Internato da Imaculada Conceição, agora Complexo Escolar Saint-François-d'Assise

mento de Ardèche no final do século XIX; sessenta casas no sul dependiam da província de Aubenas, as outras no Haut-Vivarais pertenciam à província de l'Hermitage. Os jovens candidatos, embora numerosos, treinados nos escolasticados de Aubenas, Saint-Paul-Trois-Châteaux ou l'Hermitage, não foram suficientes para honrar os pedidos emanados de várias paróquias.

Um novo fôlego parecia levar os jovens a olhar para outros horizontes. Vindos do mundo rural, nossos Irmãos da província de Aubenas poderiam ter permanecido ligados à sua terra. Mas, como o rio de águas vivas, do qual o departamento leva seu nome, mais de quatrocentos deles não tiveram tempo de estagnar. Enviar em missão, forçar o exílio ou treinar fora de nossas fronteiras, todas as motivações justificavam suas partidas.



1. ENVIO EM UMA MISSÃO, OU “O CHAMADO DO MAR”

Para Marcelino Champagnat, a missão era antes de tudo local, mas não se limitava ao sopé do Maciço Central: repetia aos seus discípulos:

“Todas as dioceses do mundo entram em nossos planos”.

Ele mesmo gostaria de ter partido para a Oceania, campo de apostolado confiado aos Padres maristas.

Mais ou menos, nossos Irmãos de Vivarais entraram nessa dinâmica.

2. RUMO À OCEANIA

A Sociedade de Maria, oficialmente aprovada em 1836, recebeu a responsabilidade pelos territórios da Oceania Ocidental. Que audácia para os jovens que se apegavam às suas torres sineiras arriscarem-se em longas travessias de quatro a seis meses. Já em 1845, Jean-Fran-

çois Manhaudier (Irmão Lucien), de Saint-Martin-de-Valamas, embarcou no navio com o nome predestinado de “L’Arche d’Alliance”. Depois de sete anos em Rotuma, ao norte de Fiji, dedicou-se inteiramente por vinte e sete anos à missão de Léalatélé na ilha de Savai’i (uma das ilhas de Samoa, no sul do Oceano Pacífico). E quanto ao Henri Imbert (Irmão Constantien), de Saint-Sernin que morreu no barco que o levou à Nova Caledônia...? Dezoito dos nossos desembarcaram no “Caillou” antes de 1900! Chegando a essas terras do sul, eles tiveram que superar dificuldades financeiras ou administrativas. Sobre este assunto, a experiência de Jean Guibourdenche (Irmão Philotère), de Chazeaux, diz muito: designado para um orfanato perto de Noumea, este Irmão teve que sair após a secularização do estabelecimento; ele fundou uma obra semelhante em Païta e por vinte e cinco anos cumpriu as funções de prefeito daquela cidade!

3. PARA A AMÉRICA

Sob o Generalato do Irmão Théophile, (Louis Durand, de Saint-Priest), o Instituto voltou-se particularmente para o Novo Mundo.

3.1 Canadá - EUA

Em 15 de agosto de 1885, seis Irmãos de l’Hermitage embarcaram de Le Havre para o Canadá. Antoine Usclard (Frère Stratonique), de Vion, então assistente da província de l’Hermitage, tinha compreendido

a importância desta missão. Cheio de realismo, o Irmão Stratonic previu as dificuldades devidas à política secularizante da República: o Canadá e os EUA poderiam servir de “refúgio” ou de novo campo de apostolado para os nossos Irmãos da França. O Haut-Vivarais dependendo de l’Hermitage, os da Ardèche não hesitarão em atravessar o Atlântico. Assim, dezenove do Vivarais estavam trabalhando antes de 1903 neste espaço norte-americano. Henri Lapierre (Irmão Marie Sylvestre) de Prunet dirigiu Lévis, Saint-Hyacinthe; Jean-Louis Riboulet (Irmão Pierre Gonzales), de Saint-Alban-d’Ay, tornou-se promotor de estudos em Iberville.

O elan é muito menor na América Latina: apenas quatro dos nossos foram para o México antes de 1903; é verdade que a fundação só datava de 1899. Por outro lado, nove moradores de Ardèche, da província de Saint-Paul-Trois-Châteaux escolheram a Colômbia. Entre eles, Pierre Pagès (Irmão Cândido) de Cros-de-Géorand, um dos sete fundadores da missão em Popayán, em 1889; Foi nomeado vice-provincial do distrito. Victorin Cellier (Irmão Jovita), de Ailhon, dedicou trinta e seis anos de sua vida ao ensino.

4. RUMO A OUTROS HORIZONTES: CHINA E SEICHELES

Em conexão com a província de Saint-Genis-Laval, que havia criado

um ponto de ligação no Império do Meio, Henri Dubois (Irmão Camille), de Largentière, ficou inculturado por quarenta e nove anos com os jovens de Xangai. Apenas os acontecimentos de 1951 o forçaram a retornar. Como a missão não era exclusiva dos professores, mas do trabalho comunitário, Henri Chalancon (Irmão Jean-Maurice), de Saint-Clément, destacou-se como alfaiate neste distrito da China.

E como não mencionar a bela figura de Henri Boutière (Irmão Ciro), de Aubenas, que em 1894, em Mahé, a principal ilha das Seychelles, assumiu o comando de uma escola primária para transformá-la em um colégio. Quando partiu, depois de quarenta anos de serviço, as autoridades não poupavam os elogios:

«O povo das Seychelles não pode esquecer a dívida de gratidão que tem para com este Irmão dedicado que, com o seu trabalho incansável, fez do Collège Saint Louis ... ele não foi apenas o pioneiro da educação, mas permitiu que estudantes de todas as religiões tivessem acesso ao Colégio. ».

5. EUROPA

Em 1887, quatro Irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteaux iriam para a Argentina para uma primeira fundação. Jean Moulin (Irmão Hilário), de Orgnac, tinha sido nomeado diretor desta pequena comunidade. A fim de se familiarizar com a língua de Cervantes, o grupo ficou em Girona, na Catalunha. A missão da Ar-

gentina sendo adiada, a comunidade abriu uma escola nesta cidade sob o nome de Sagrado Coração. Em 1890, um segundo estabelecimento, “La Immaculada”, nasceu: o Irmão Hilário dirigiu-o por vinte anos. De 1887 a 1894, nove maristas de Ardèche, sempre em conexão com a província de Saint-Paul, completaram o número de irmãos. Por uma questão de eficiência, as Autoridades Gerais logo abriram um editorial para publicar os manuais de que precisavam. Este inesperado assentamento em solo catalão foi o berço do nosso trabalho na Espanha; e esta província da Catalunha tem sido de grande utilidade para os nossos cidadãos...

Desta breve panorâmica, destaca-se que, no século XIX, as partidas para o estrangeiro faziam parte do zelo apostólico e da realização do sonho do fundador. Seiscentos e oitenta e seis Irmãos da França, incluindo setenta e cinco de Ardèche, foram ao encontro de outros povos e culturas, como testemunhas da convivência, como profetas da fraternidade. Mas na França, a progressiva secularização das escolas e a proibição de professores congregacionais forçariam os Irmãos a escolhas e, muitas vezes, a um exílio forçado. Deste transplante para outras terras germinarão novas obras.

6. O CHOQUE DE 1903

A lei de 7 de julho de 1904 declarou em seu artigo 1º:

“O ensino de qualquer ordem e natureza é proibido na França às congregações.

As congregações autorizadas como congregações exclusivamente de ensino serão abolidas dentro de um período máximo de dez anos.”

Foi o ato final de uma ofensiva anticongregacional. Esta lei visava apenas congregações ainda não destruídas pelo governo: aquelas que haviam sido reconhecidas por lei, como os Irmãos das Escolas Cristãs ou muitas congregações femininas. Os Irmãos Maristas, simplesmente reconhecidos por uma portaria em 1851, já haviam sido vítimas da lei Waldeck Rousseau de 1º de julho de 1901, que autorizava todas as associações, exceto as religiosas não reconhecidas por lei. Eles teriam que solicitar permissão legal dentro de três meses. Foi um ato de hostilidade aberta contra a Igreja, mas que poderia ser interpretado de forma mais ou menos dura. De fato, o governo presidido por Emile Combes optou em 1903 por recusar o decreto de autorização a todas as congregações de ensino e de pregação. Em abril de 1903, os Irmãos Maristas receberam a ordem de se dissolver em três meses.

Diante desse decreto o que fazer? Sentindo a tempestade chegando, alguns Irmãos se anteciparam em se integrar a outros setores do Instituto. Como a província de Aubenas não tinha casas no exterior, soluções tiveram que ser encontradas com urgência. Oitenta jovens que não podiam ser designados para qualquer emprego retornaram para suas famílias. Na casa provin-

cial de Aubenas, os Irmãos idosos, doentes ou enfermos esperavam por outro alojamento. Vários Irmãos optaram por secularizar-se, para manter certas escolas, apesar das dificuldades de todos os tipos. Esta perseverança deu esperança de um futuro mais fecundo. Mas em 1920 o distrito de Aubenas contava apenas com vinte casas e cento e sessenta Irmãos empregados nas salas de aula. Outros, recusando a secularização, tomaram o caminho do exílio!

7. NA TERRA DOS SPRINGBOKS

Trinta Irmãos embarcaram em 1903 para a África do Sul, onde três confrades de nossa província já os haviam precedido nessa missão que data de 1867. A maioria deles possuía o Brevet Elementaire ou o Brevet Supérieur. No momento em que eles dominavam a linguagem de Shakespeare, às vezes com sotaques de Cévennes, eles estavam aptos a ensinar. Podemos admirar Camille Pigeyre (Irmão Sonda), de Ailhon, que, aos 50 anos, ousou a aventura. Outros, como Germain Rousset (Irmão Joseph Samuel), de Aubenas, ou Alfred Aureille (Irmão Maurice Vital), de Meysse, dirigiram vários estabelecimentos. Este último até se tornou Provincial. Cada comunidade é rica na diversidade dos talentos de cada um dos seus membros: enquanto alguns introduziram as crianças à leitura ou à aritmética, outros cuidaram dos afazeres domésticos, tal como Adrien Dallard (Ir-

mão Louis Adrien), de Saint-Andéol-de-Fourchades, que passou anos a fazer as batinas dos seus confrades.

8. FUNDAÇÃO DA PROVÍNCIA DO BRASIL NORTE

Dom Maia, Bispo do Pará, propôs aos nossos Superiores a direção do Colégio-Seminário do Carmo, de Belém. Em 19 de março de 1903, quatro Irmãos: Louis Chabroulin (Irmão Auxent), de Lavilledieu, Gustave Oddes (Irmão Paul-Dominique), de Coucouron, Ludovic Jallat (Irmão Aldérade), de Lachapelle-Graillouse, e Jean-Pierre Robert (Irmão Claude-Régis), de Saint Cirgues-en-Montagne, embarcaram em Le Havre no “Jérôme” com destino a Belém.

Eles pensaram que encontrariam um colégio em funcionamento. No entanto, estava fechado há mais de seis meses. A abertura do estabelecimento sendo ansiosamente aguardada, tudo foi colocado em ordem à custa de dias dolorosos. Além disso, era importante treinar na prática do idioma... Graças à energia e à iniciativa de nossos Irmãos, o colégio recuperou gradualmente sua antiga prosperidade. Na mesma sala, vinte e sete Irmãos da França, em duas ondas sucessivas, descobriram a língua e os costumes do país: o colégio tornara-se um centro de formação para jovens Irmãos!

Como faltavam os recursos financeiros, os Irmãos abriram escolas

paroquiais em vários distritos da cidade, onde, enquanto dispensavam os elementos básicos do conhecimento secular, ensinavam catecismo. Um grupo mais ousado, sob a direção de Albert Chamontin (Irmão Reginaldo), de Saint Alban-Auriolles, não temeu ter que, a convite dos Padres Dominicanos, subir o Rio Tocantins para percorrer mais de 700 km até Conceição, para encontrar os jovens índios.

Às dificuldades já encontradas, a doença e a morte acrescentaram o peso das provações: em menos de um ano, cinco ou seis dos recém-chegados foram varridos pela febre amarela ou doenças mais ou menos endêmicas da região: Jean-Louis Bacconnier (Irmão Fulberto), de Lachamp-Raphaël, e Louis Courtial (Irmão Audry), de Coucouron, para citar apenas alguns!

Foi necessário encontrar trabalho para os Irmãos que ainda estudavam nas instalações do Colégio do Carmo. Para este fim, o Irmão Auxent empreendeu uma longa viagem (são mais de 1.600 km entre Belém e Recife) em direção ao Sul, durante a qual visitou as principais cidades espalhadas no litoral e lançou, ao longo do caminho, as bases de um bom número de fundações: Camaragibe-PE, Salvador-Bahia, Alagoinhas-BA fundada em 1905 por Louis Ozil (Irmão Marie-Amadeus), de Villeneuve-de-Berg que fundou em 1908 São Luis do Maranhão, Maceió, Recife. Essas escolas ou colégios inicialmente registraram apenas algumas dezenas de matrículas, então seu

número rapidamente aumentou para 300 ou 400 alunos, se não mais...

Os Irmãos da França constituíam o núcleo da Província Brasil Norte (oficialmente erigida em 1908); mas era importante convidar os jovens brasileiros a seguir os passos de Marcelino Champagnat: a casa provincial de Apipucos, além dos serviços administrativos, abrigava o juvenato, o noviciado e o escolasticado.

Quarenta e sete Irmãos vieram do Vivarais, de 1904 a 1907. Falamos sobre a dedicação sem conta do Irmão Auxent; é importante destacar também os talentos do Irmão Claude-Régis, um verdadeiro autodidata: professor de latim, grego e filosofia, autor de cursos de português e inglês! Quanto ao Irmão Aldérad, ele era “o faz-tudo”. E o que dizer de Albert Chamontin (Irmão Reginaldo) que, com esforço obstinado, adquiriu uma sólida e variada formação científica, literária e artística. Para Henri Bourret (Frère Jovite) de Largentière, o trabalho manual andava de mãos dadas com o trabalho intelectual. A obra de Henri Jouve (Irmão Marie Alypius), do Dompnac, é digna de louvor: fundação e direção do colégio da Bahia, dois mandatos como provincial, e criação, em 1916, do colégio de Fortaleza! Marius Thibon (Irmão Conon), de Saint-Alban-Auriolles, foi um valioso formador. Provincial por duas vezes, elaborou as plantas e dirigiu a construção de vários estabelecimentos.

9. ESPANHA, PÉ NO CHÃO OU GRANDE CAMPO PARA CULTIVAR?

A manutenção das obras existentes e a criação de novas obras só poderiam ser feitas por pessoal dinâmico, recrutado localmente ou do estrangeiro e formado para tal. Já mencionamos a chegada de quatro Irmãos a Girona, Espanha, em 1º de junho de 1887. Em 8 de fevereiro de 1888, uma portaria real reconheceu a existência legal da Congregação para todo o país. Os numerosos reforços de Saint-Paul-Trois-Châteaux e os jovens irmãos catalães ou espanhóis do noviciado local a partir de 1892 permitiram a abertura de várias escolas: Mataró, Vich, Torello, Canet. A Espanha, o novo espaço da missão marista, viu florescer as vocações. A colheita foi abundante.

Por causa dos decretos de Combes, de 1903 a 1906, sessenta e seis Irmãos da região Ardèche ingressaram no setor de Girona, primeiro para buscar refúgio, antes de participar da ampliação das obras maristas já em construção. Em 26 de maio de 1903, três Irmãos vieram se estabelecer no antigo castelo do Marquês de la Quadra em Pontós, uma antiga casa senhorial em ruínas. Já em 1904, nas dependências da casa, uma escola recebia os primeiros alunos. Os Vivarois emigrados deram origem ao Distrito de Pontós, enquanto os Irmãos secularizados que permaneceram

nos postos da antiga província de Aubenas constituíram outro Distrito do lado da França.²

Esta força de trabalho da França estava ansiosa para se reconectar com o ensino: o tempo para se aclimatar, para dominar suficientemente esta língua nova para eles, e ei-los enviados para os filhos de Besalu, Borrassa e La Bisbal (1905), Figueres (1906), antes de se espalhar para a Galícia, em Lugo, Ourense e Carballino (1907) ou Astúrias, para Oviedo (1908). De 1903 a 1905, vinte e duas escolas foram fundadas na Espanha! Tendo esgotado a pequena reserva de pessoal, era importante propor a vida marista aos jovens da Espanha ou da França para manter as obras nos dois distritos e providenciar a sua formação organizando o juvenato, o noviciado e o escolasticado.

De 1903 a 1907, os Irmãos do Vivarais, já formados, que haviam trabalhado nas escolas da província de Aubenas e que se encontravam aqui exilados, comprometeram-se, portanto, com as crianças espanholas. Como os três “irmãos” Duny (Irmão Adolphe Eloi, Irmão Ernesto Paulo e Irmão Isaac), de Issanlas; José Deldon (Irmão Lisímaco), de Coucouron, Louis Chabanis (Irmão Tempier), de Cros-de-Géorand, Pierre Assenat (Irmão Dizier), de Loubaresse...

Outros, como Louis Chanut (Irmão Joseph Amarin), de Montpezat, Mathieu Saladin (Irmão Alexius), de Saint-Marcel-d’Ardèche assumiram o cargo de diretor. Pierre Plantevin (Irmão Prior José), da comuna de Le Roux, dedicará tempo a “L’Editorial” (editora de livros escolares para nossas escolas). Joseph Montet (Irmão Sévérino), de Saint-Pierre-le-Déchausselat, colocou-se ao serviço dos mais novos como director do orfanato de Oviedo. Baptiste Fargier (Irmão Bertuald), de Cros-de-Géorand, recebeu a responsabilidade pelo Distrito antes de ser nomeado provincial. Mas quantos outros, como Auguste Payre (Irmão Solon), de Lachamp-Raphaël, Urbain Ranc (Irmão Vicenza), de Rocles, Henri Moulin (Irmão Adolphe Etienne), de Béage, de modo mais discreto, asseguraram o bom funcionamento dos estabelecimentos pelo cuidado do administrativo!

10. ITÁLIA, UM PAÍS DE PASSAGEM

Vinte e sete Irmãos do nosso departamento atravessaram os Alpes de 1903 a 1904, mas quase não permaneceram lá porque as províncias de Aubenas e Saint-Paul estavam voltadas para a Espanha e a América. No entanto, em 1886, Arsène Filiol (Irmão Marie Urbain), de Vallon, um excelente professor, foi

² As congregações não foram suprimidas por uma lei (aprovada pelo parlamento), como está escrito em todos os lugares, mas pelos decretos de um governo sectário.

escolhido para liderar uma pequena comunidade destinada à aprendizagem do italiano, em San Remo, antes de lançar as bases da escola de Roma, que evoluiria para o Colégio San Leone Magno. Mas a Itália será sobretudo o refúgio da Administração Geral que se estabeleceu em 4 de julho de 1903 em Grugliasco, nos subúrbios de Turim, enquanto os enfermos e os idosos permaneciam na França, hospitalizados nas antigas casas provinciais. A famosa destilaria de Arquebuse de l'Hermitage em Saint-Genis-Laval fechou suas portas na região de Lyon para renascer em Carmagnola. E os noviciados de várias províncias foram estabelecidos não muito longe desses lugares: o de Saint-Genis-Laval em San Maurizio, o de l'Hermitage na Villa Santa Maria, em San Mauro e o de Saint-Paul, em Mondovi.

11. ALGUMAS FIGURAS DE ARDÈCHE EMERGEM NA HISTÓRIA DA CONGREGAÇÃO

Primeiro Louis Durand (Irmão Théophane), de Saint-Priest, formado durante anos no seminário maior de Viviers, antes de se voltar para a vida marista, mostrou todo o seu talento como professor e depois diretor do internato de Valbenoîte em Saint-Etienne. Nomeado assistente em 1860, tornou-se superior geral do Instituto em 1883. Durante seu generalato, o Instituto teve um desenvolvimento extraordinário no ex-

terior: Canadá, EUA, Itália, Espanha, Dinamarca, Colômbia, Turquia, Suíça, Síria, Brasil, Egito, México! O seu espírito clarividente levou-o a insistir junto a seus irmãos sobre a necessidade de continuar sua formação:

“Sede homens de estudo e de ciência, se amais o Instituto...”, disse ele. Ele favoreceu a publicação de livros didáticos mais de acordo com o pensamento cristão: esta foi a origem das edições F.T.D. (acrônimo estabelecido após seu nome: Irmão Théophane Durand). Foi em Mataró, na Catalunha, que ele morreu aos 83 anos, em 1907.

Em seguida, Antoine Usclard (Irmão Estratônico), originalmente de Vion, professor em Valbenoîte, foi eleito em 1883 assistente do Irmão Théophane encarregado da província de l'Hermitage. Como dissemos, ele desenvolveu o Instituto na América do Norte antes de ser escolhido como superior geral em 1907. Soube administrar ao mesmo tempo a internacionalização da congregação e as dificuldades criadas pela Grande Guerra, mobilizando mais de 1.000 Irmãos de várias nações.

Finalmente, Jean-Louis Laurans (Irmão Dalmace), de Sagnes-et-Goudoulet, com humildade e discrição, foi professor de literatura e geografia no Cours Supérieur de Saint-Genis-Laval antes de se tornar Secretário-Geral do Instituto por vinte e dois anos. Poliglota (espanhol, inglês, italiano), dirigiu e, muitas vezes, editou o boletim informativo do Instituto, rico em informações sobre a vida dos irmãos em todo o mundo.

12. REFORÇOS PARA MISSÕES EXISTENTES

Entre 1903 e 1908, o Canadá viu a chegada de dez Irmãos do distrito de Tournon. Investiram no ensino: Lucien Caillet (Irmão Marie Feliciani), de Saint-Félicien; Régis Faucon (Irmão Etienne Régis), de Borée, nomeado para vários cargos nos EUA; Pierre Deshières (Irmão Camille Ernest), de Colombier-le-Jeune: um educador nato, cheio de delicadeza... Quatro do distrito de Largentière foram para a Argentina: Alphonse Chazalon (Frère Loger), de Cros-de-Géorand, viajou por quarenta e cinco anos pela Argentina, Chile e Peru. Joseph Borne (Irmão Simeão), de Malbosc, dedicou-se por sessenta e dois anos como professor, mestre de novíços, etc. A Colômbia acolheu cinco Irmãos da província de Aubenas de 1903 a 1906. Joseph Coste (Irmão Hermeland), de Montpezat, passou mais de cinquenta anos neste país, incluindo trinta na missão Putumayo que ele havia fundado.

Finalmente, o México beneficiou-se da contribuição de onze Irmãos de 1903 a 1908. Muitos serviram como professores; outros, como Jean-Pierre Teyssier (Irmão Anthelmus), de Coucouron, dirigiram este ou aquele estabelecimento; Cyprien Faure (Irmão Maximene), de Lavillatte foi responsável pela administração no México, Cuba e El Salvador... Quanto a Emmanuel Amblard (Irmão Euphrosin), de Darbres, logo exerceu o cargo de provincial de Cuba-México; depois abriu uma editora de livros escolares...

Se fizermos as contas (alguns Irmãos se juntaram aos países vizinhos, como Bélgica, Inglaterra ou Suíça): cento e cinquenta e três saíram em 1903, seguidos por trinta e três em 1904 e doze em 1905, cento e noventa e oito no total ao longo de dois anos, e quarenta e oito que foram adicionados de 1905 a 1910: hemorragia real para a província de Aubenas, mas também sangue re-vigorante para missões recentes e para novas fundações!

13. RUMO A UMA ESTIAGEM

De 1910 a 1940, foram os aspirantes que cruzaram nossas fronteiras para aprender sobre a vida religiosa. Os fluxos ocorreram em direção a dois polos em estreita ligação com a antiga província de Aubenas, a saber, a província do Brasil Norte e a Espanha.

A jovem província do Brasil Norte tinha obras para manter ou desenvolver. As casas de formação estavam funcionando, mas reforços externos ainda eram necessários antes que os Irmãos nativos assumissem. Descobrimos alguns desses Irmãos: Régis Krasousky (Irmão Abdon), de Burzet, passou quarenta anos com os jovens de Recife, Fortaleza, Ceará. Henri Luquet (Irmão Henri Doro-thée), de Saint-Julien-La-Brousse, poderia ter-se gabado de ter dedicado oitenta anos de sua vida ao serviço deste setor. Louis Fayolle (Irmão Paul Feliciano), de Sablières, soube

atrair a estima de seus companheiros; ele até deu cursos na Faculdade de Fortaleza; nosso querido René Brunel (Irmão Louis Cyprien), de Borne pode ser definido como “Notável professor e educador”. Jean-Baptiste Chasson (Irmão Herman Joseph), de Thueyts, era admirado por sua inteligência aguçada e memória prodigiosa. Léon Ollier (Irmão Léon Corsini) não se contentava em ser um excelente professor de física e química: habilidoso com os dedos, cuidava das instalações elétricas das casas. Elie Thomas (Irmão Elie Norbert), de Saint-André-de-Cruzières, mostrou uma erudição incomum: formado em arquitetura e engenharia, também deu bons conselhos. Dois *Cheylarois* se destacam: Maurice Teisseire (Irmão Guy Maurice), que dirigiu a Faculdade de Filosofia do Ceará e que, de 1954 a 1962, assumiu o cargo de provincial. Quanto a Armand Brugière (Irmão Vérand), também lecionará na faculdade.

Assim, de 1910 a 1940, cerca de quarenta jovens da nossa região ousaram atravessar o Atlântico; treinados em Apipucos (Brasil), em sua maior parte, eles se integraram mais facilmente. O tempo de permanência variou, e alguns voltaram para completar suas carreiras na França; outros permaneceram no país que os acolheu; todos entregues à sua missão de educadores. Certamente podemos falar de professores autodidatas, mas nas cidades o acesso

aos cursos das faculdades era possível ... Com as escolas, as faculdades se multiplicaram e adquiriram certa notoriedade.

Da mesma forma, trinta e cinco adolescentes escolheram seguir a sua vocação atravessando os Pireneus. Em um país onde as obras maristas foram um verdadeiro sucesso, eles não tiveram dificuldade em ser empregados. Em 1920, a casa de Pontós foi vendida e a província de Leon fundada (o irmão Bertuald era o provincial).

O México recebeu apenas três dos nossos. Léon Roux (Irmão Luigi Calliste), de Cros-de-Géorand, ficou lá quarenta e sete anos! Henri Ducros (Irmão Henri Justin) d'Alboussière depois de uma estadia na Turquia refugiou-se na Grécia e lá, de 1921 a 1962, dedicou-se a ensinar e dirigir o ensino médio. Este último período, muito diferente dos outros em termos da natureza dos deslocamentos, ainda dizia respeito a noventa e dois jovens de nossas aldeias do Vivarais!³

A antiga província de Aubenas já não tinha noviciado, os jovens formados na Espanha não regresavam em número suficiente para preencher as lacunas deixadas pela idade, enfermidade ou morte nas nossas escolas francesas; Isso provavelmente criaria dificuldades. No entanto, alguns Irmãos tomaram o

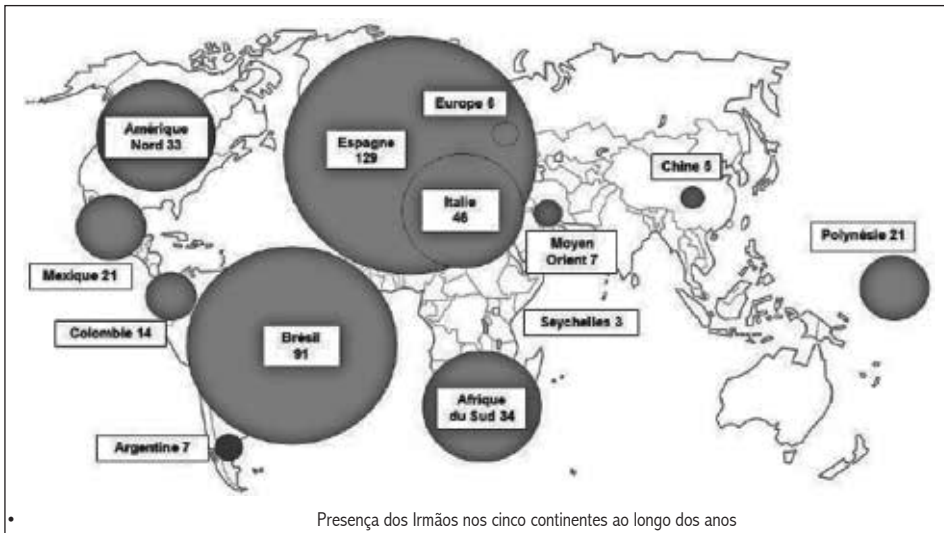
³ Tendo a Turquia optado pelas Potências Centrais, as escolas foram fechadas.

caminho de volta para Toulouse ou Ruoms. Assim, Robert Rieu (Irmão Fabien), de Rocles, marcou presença durante sessenta anos de ensino e trabalho no Editorial de Saragoza; Jules Enjolras (Irmão Marie Didier), de Coucouron, dedicou-se nada menos que trinta anos ao serviço dos jovens de Oviedo, Madrid, Corunha... Sem falar em Marius Dumarquer (Irmão Philomène), de Gras, que completou um contrato de vinte e sete anos como professor, diretor e provincial de Leon-Argentina!

De 1914 a 1918, os jovens já empregados nas escolas espanholas foram chamados ao serviço militar: Aimé Chareyre (Irmão Adelaido), de Cros-de-Géorand, morreu no campo de batalha do Nordeste em 20 de agosto de 1914; Edmond Teyssier (Irmão Gabriel José), de Vals, caiu

no Aisne em 25 de julho de 1918 e Emile Bruguier (Irmão François Xavier), de Orgnac, morreu como resultado da guerra. Da mesma forma, Léon Bille (Irmão Joannès Louis), de Sarras, retornou da Itália para derramar seu sangue pela França em 21 de junho de 1918. Estes quatro religiosos estão entre os quinze Irmãos de Ardèche que morreram no campo de honra!⁴

De 1817 até os dias atuais, a diocese de Viviers enriqueceu o Instituto dos Irmãozinhos de Maria com mil cento e quarenta e cinco membros. Os envios em missões, o êxodo de 1903 e os fluxos de 1910 a 1940 totalizaram mais de quatrocentos e dez movimentações. Assim, 36% dos nossos Irmãos do Vivarais atravessaram fronteiras ou atravessaram oceanos! Mas as três “ondas” eram



⁴ Pouco mais de 100 Irmãos Maristas franceses foram mortos na guerra.

bem diferentes. Nos primórdios, cheios de audácia e zelo, pioneiros na prática, missionários de coração, eles queriam realizar o projeto de Marcelino, da missão universal...

A partir de 1903, mais de duzentos religiosos, profundamente feridos por tanta hostilidade em relação a eles, buscaram refúgio nos países vizinhos; outros, talvez mais ousados, lançaram as bases para uma nova província no Brasil. Os emigrantes transpirineus transmitiam, mesmo sem querer, os hábitos dos quais era difícil livrar-se, constituindo mais ou menos um “distrito de Ardèche” transferido. Mas temperado com espírito novo! Aqueles que desembarcaram em Belém foram tomados de espanto, mas, passado o efeito da surpresa, a urgência da missão multiplicou as energias e iniciativas; então eles se lançaram em obras admiráveis.

Depois disso, eles não são religiosos “realizados”, mas simples aspirantes que seguem os passos de seus antepassados: sua inculturação é mais profunda e enriquecidos com maior diversidade. Estas três gerações cheias de zelo e fortalecidas no dinamismo das jovens comunidades souberam incutir em seus alunos e aspirantes nativos este espírito de família imbuído de simplicidade, tão característico do Instituto. Graças a eles, milhares de crianças de todas as condições tiveram acesso à educação. Dos Andes às ilhas da Oceania, de Fortaleza a Xangai, de Iberville à Cidade do Cabo, eles testemunharam seu espírito religioso e comunitário, mesmo difundindo por muito tempo uma cultura francesa que dificilmente merecia tal fidelidade.

BIBLIOGRAFIA

Lista de todos os Irmãos Maristas franceses (falecidos) ou que pertenciam às Províncias da França, feita pelo Irmão Jean Rousson. Este documento pode ser consultado nos arquivos dos Irmãos Maristas em Saint-Genis-Laval (Le Montet). F. Georges Cellier, para contribuir para a redação deste artigo, baseou-se principalmente na lista estabelecida por F. Jean Rousson.

Arquivos Irmãos Maristas, Casa Geral de Roma (Champagnat.org).

Pesquisa do Irmão Noël Bourret: *Irmãos Maristas de Ardèche falecidos de 1829 a 2005*. Esta pesquisa está em processo de digitalização: os quatro cadernos manuscritos, bem como o essencial desta pesquisa, serão depositados nos arquivos dos Irmãos Maristas de Saint-Genis-Laval.



ANAIIS DA PROVÍNCIA DE CONSTANTINOPLA DE 1892 A 1942



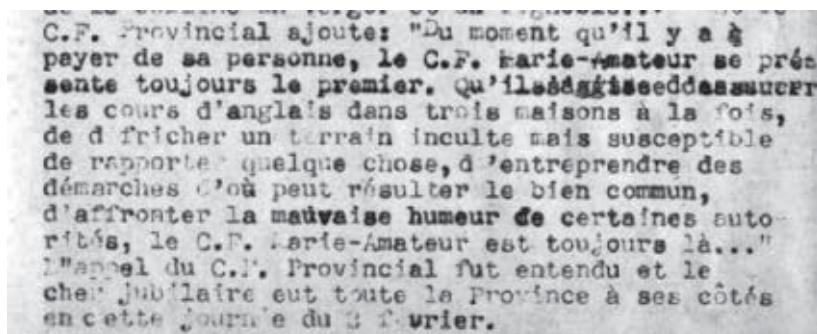
Gérard Cuinet, fms

Tendo residido durante vários anos na Grécia, tive a oportunidade de me interessar pelos arquivos conservados nas comunidades de Atenas e, em particular, pelos Anais da província a que a Grécia pertenceu. O arquivo, que me foi dado, contém 13 fascículos cobrindo o período de 1892 a 1942, que agrupei em um arquivo informatizado. Outros documentos da Província relacionados a este período foram adicionados: o livro de lembranças dos primeiros 10 anos do Liceu Leonino “St-Denis”, um livro de apresentação histórica produzido pelo Instituto Francês em Atenas, os arquivos

de estado civil dos Irmãos, fotos dos Irmãos, etc. Sendo a província de Constantinopla filha da província francesa de Saint Genis-Laval, a maioria dos documentos está em francês.¹

1. OS 13 FASCÍCULOS

O formato dos livretos é aproximadamente A5 (19,5 cm por 14,5 cm). A escrita é em azul escuro datilografado. Aqui está um trecho (fascículo V, página 30) para se ter uma ideia.



¹ Contém outros documentos mais modestos: um relatório da Visita do Reverendíssimo Irmão Stratonique, Os Anais de Scutari, uma história da 2ª expulsão de Samsun em 1920, uma carta do Irmão Stanislas dirigida ao Irmão Pascal e alguns desenhos de época. Esses documentos foram todos digitalizados nos formatos JPEG e PDF.

De acordo com o Irmão Georges Vidos e um ex-professor do Liceu Leonino, eles foram duplicados através da hectografia: uma “pasta policopiadora” ou superfície gelatinosa foi usada, depois folhas encedradas. Este processo não permitiu exceder cinquenta cópias com qualidade aceitável. Especialmente nos primeiros livretos, o papel usado é “remendado” para fazer um livreto. Seu número de páginas está entre 39 e 61. O total é de 611 páginas.

Como vimos no trecho acima, muitas páginas são difíceis de ler, devido a caracteres muito pálidos ou rasuras. Muitas vezes há erros de digitação por inversões de caracteres. E, sendo as folhas escritas na frente e no verso, a leitura de cada página é delicada porque os escritos dos dois lados são sobrepostos.

2. O(S) AUTOR(ES) DESTES LIVRETOS

O Irmão João Emile, que era Provincial da Província de Constantinopla, e cujo estilo é característico, certamente iniciou estes anais. No entanto, notei uma mudança de estilo nos últimos livretos: um estilo menos poético, mas direto, a evocação de eventos sem comentários detalhados, a reprodução de discursos. Tudo isso sugere outra fase da escrita e, portanto, um segundo autor. Além disso, naquela época, o Irmão Jean-Emile era assistente geral. (Foi secretário-geral a partir de 1930 e assistente a partir de 1939. Portanto, ele não estava mais na Grécia por volta de 1930.)

Em qualquer caso, as datações principais não constituem um problema. No Fascículo I, aparece a data de 25 de setembro de 1919, seguida por esta introdução:

“É um ato piedoso coletar cuidadosamente as belas ações de nossos predecessores e não deixar o esquecimento devorar até a lembrança de seu trabalho. É por isso que contaremos aqui os primórdios do nosso Instituto no Oriente. Se, como espera o narrador, estas terras derem uma bela colheita aos trabalhadores do futuro, será difícil imaginar a aridez dos primórdios; E se estas páginas puderem dar uma ideia, delas surgirá uma lição de coragem para futuras provações. Setembro 1919 »

3. TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO EM FORMATO DIGITAL.

Para realizar este trabalho da forma mais rigorosa possível, impus as seguintes regras:

1. A transcrição respeita o texto e seu estilo tal como foi escrito.
2. Pode haver nomes próprios escritos de diferentes maneiras que eu respeitei.
3. Corrigi erros ortográficos óbvios.

4. Os poucos aditamentos que pude fazer, para uma melhor compreensão, estão escritos em itálico e uma nota acompanha-os.

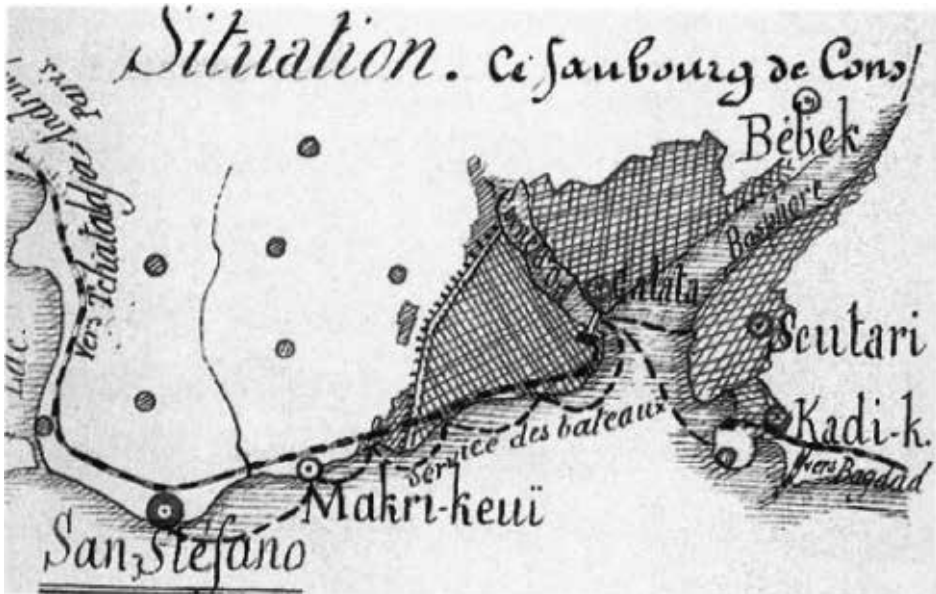
Cada fascículo foi copiado em formato WORD, com:

1. A adição de um índice.
2. Uma introdução ao documento.
3. Notas explicativas em itálico e notas referenciadas para permitir uma melhor compreensão da história, geografia dos lugares e da vida marista para um grego que não conhece a Bretanha ou para um francês que não sabe nada sobre o Oriente.

Todo esse trabalho foi finalizado em um documento de 440 páginas, nos formatos WORD e PDF.

4. VISÃO GERAL DO CONTEÚDO DOS ANAIS

Em 1891, os Irmãos Maristas fundaram seu primeiro estabelecimento na China. Os Irmãos Maristas já se aproximaram do Império Otomano, especialmente na Síria. Em 3 de setembro de 1892, a pedido dos Padres Lazaristas, os Irmãos Acyndinus, diretor do pequeno grupo, Emile-Etienne, Marie-Agilbert e Louis-Rupert embarcaram em Marselha para Istambul, capital do Império Otomano. Em 11 de setembro, eles desembarcaram nas margens do Bósforo. Esta nova fundação permitiu que os jovens Irmãos se beneficiassem do artigo da lei militar, então em vigor, que isentava legalmente do serviço os jovens franceses que viviam fora da Europa.



5. OS PRIMEIROS PASSOS NO ORIENTE MÉDIO

Os Irmãos serão os mestres auxiliares das congregações clericais ou bispos. Vamos listar rapidamente esses locais.

1. Collège Saint-Benoît, em 1892.

O Sr. Lobry, Visitador dos Lazaristas, pediu Irmãos para que assegurassem a educação moderna que acaba de ser aberta. Com o Irmão Acindynus, nomeado Diretor da Comunidade, Irmão Emile-Etienne, partem o Irmão Louis-Rupert e Irmão Marie-Agilbert; em 14 de setembro começam as aulas. E os Anais esclarecem que

“O trabalho de nossos pioneiros foi rapidamente apreciado. Sua modéstia agradou a todos; a sua devoção, num papel secundário, em que se está sempre a lutar sem reivindicar honras, valeu-lhes

a estima do Sr. Lobry que, muito rapidamente, durante o mesmo ano, pediu três outros Irmãos²»

Em 1897, o pequeno Collège Saint-Benoît mudou-se para o edifício dos reverendíssimos padres jesuítas italianos em Pera; os Irmãos seguirão seus alunos e, assim, uma nova comunidade marista será criada.

2) SCUTARI. Menos de um ano após a chegada desses primeiros Irmãos, uma segunda fundação foi lançada no lado asiático de Constantinopla. Os Irmãos vieram para ajudar uma escola de meninas dirigida pelas Irmãs de Caridade. Eles abrirão uma nova escola para os 30 meninos já matriculados na escola das Irmãs. Sua implementação foi épica diante da burocracia e da má vontade dos empresários locais. Assim se evoca esta instalação:

“Depois de 5 longos meses de espera, em 27 de novembro de 1894 os fundadores de Scutari saem, não bandeira ao vento, cornetas tocando, mas com infinitas precauções, ao anoitecer, em um carro com persianas abaixadas, e logo entram sorrateiramente em seus apartamentos cujo estado miserável eles não devem ver até o dia seguinte, ao amanhecer. Quatro barracos miseráveis e uma pequena casa de pedra, aqui e ali em terrenos baldios, tal foi a nossa aquisição. Não havia necessidade de cantar vitória; mas como nossos anciãos não tinham vindo lá para se lamentar, eles começaram a trabalhar imediatamente. Por volta das 9 da manhã, os meninos das Irmãs, liderados por uma delas, vieram se instalar em dois quartos, mobiliados da melhor maneira possível. Momento de surpresa para as crianças, sem conseqüências e rapidamente passado. A aula começou, a Escola de Scutari foi fundada.³»

² Edição I, página 3

³ Fascículo I, páginas 5 e 6

3. MAKRI-KEUÏ. A pedido dos frades dominicanos, esta terceira casa foi aberta nos subúrbios asiáticos de Constantinopla com o Irmão Germain. Ela começou na casa paroquial, com 7 alunos e o ano letivo terminou com 55 alunos divididos em duas classes, sob a direção do Irmão Marie-Agilbert (Montibert Cl.). Apesar do assédio da polícia local, e com a ajuda da embaixada da França, a escola desenvolveu e expandiu-se para o nível de bacharelado em 1905, sob o impulso dos Irmãos Marie-Amateur e Marie-Clémentin. Em 1910, um internato foi aberto. Um setor comercial é criado lá e adquirirá uma sólida reputação. Em 1914 tinha 270 alunos.

4. SAMSOUN. Em novembro de 1895, a 2 dias de barco de Constantinopla, no Mar Negro, a escola de Samsun foi fundada a pedido do Cônsul da França e do Rev. André, Superior da Missão dos reverendíssimos padres jesuítas na Anatólia. Gradualmente, o sucesso veio e, em 1914, a escola tinha 240 alunos, incluindo 75 internos, das principais cidades do Mar Negro: Batoum, Novorossiysk; Kerch, Theodosia, Rostoff-s/Don, Kherson, Odessa, Sulina, etc. Hoje, esses nomes estão de volta às nossas telas e em nossas memórias durante a guerra na Ucrânia.

5. BEBEK. No mesmo ano, em Bébek, na margem asiática do Bósforo, uma quarta escola co-

meçou modestamente. Em 1908 foi anexado à escola um internato, com 50 internos, que em 1914 tinha uma matrícula de 150 alunos.

6. ANO 1903

Tudo parece estar indo bem e pacificamente. A França apoiou estas novas obras e congratulou-se por ver a sua influência continuar. Mas os decretos de Combes suprimiram a congregação na França e, naquele ano, cerca de trinta jovens Irmãos vieram ajudar os antigos! Novas escolas são criadas em muitos lugares:

- Junto aos reverendíssimos padres Lazaristas de São Jorge e Gálata;
- O Colégio Católico Armênio de São Gregório, o Iluminador, Pera;
- Nos reverendíssimos padres Mekitaristas de Pancaldi...
- Em Bébek, uma Casa de Estudo é aberta para os jovens Irmãos e uma Casa Central em Gálata, que servirá tanto como residência para o Irmão Visitador e quanto referência para o Distrito.

Outras escolas serão criadas para dar uma ajuda:

- Aos jesuítas de Adana, na Cilícia;
- Aos Conventuais de Caragatch;

- Aos Padres Ressurrecionistas em Adrianópolis;
- Aos Padres Ressurrecionistas em Adrianópolis; Repetido, né!?
- Na casa dos Padres Capuchinhos em Tarsous e Mersine;
- Na Macedônia, através da direção das escolas paroquiais dos lazaristas em Monastir;
- Em Ruchuk, a pedido do bispo Doulcet, etc.

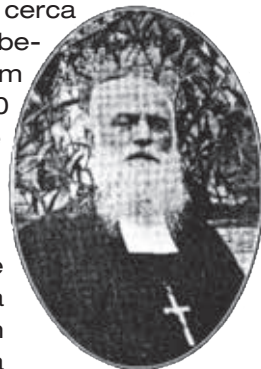
Abertas no calor das numerosas chegadas dos jovens Irmãos, estas escolas não resistirão à prova do tempo. Eles não eram, ao que parece, senão um meio de abrigar temporariamente irmãos refugiados da França. As escolas paroquiais de Monastir e Ruchuk, na Macedônia, ainda existiam na época da entrada na guerra em 1914.

Finalmente, mencionemos a fundação da escola de Metelin (hoje ilha grega, Μυτιληνη, ilha de Λησβος), desejada pela Embaixada da França na Sublime-Porta. Apesar de uma implantação e de um início atrapalhados pela administração turca, 25 estudantes estavam matriculados no final do primeiro ano de funcionamento.

7. ANOS ANTES DA 1ª GUERRA MUNDIAL

Os 10 anos pré-guerra foram pacíficos. O número de Irmãos chegou

à centena, em cerca de quinze estabelecimentos com quase 2.000 alunos. Entre os eventos importantes para a Província: a fundação de um posto na Hungria, em Orsova, para o recrutamento húngaro,



Ir. C. Aeyndinus
Provincial de 1908-1914

depois a chegada dos Irmãos ao Liceu Leonino “St-Denis” em Atenas em 1907. Em 1910, a Província fundou um estabelecimento em San Stefano, no lado europeu de Constantinopla, uma encantadora escola paroquial que reunia, após 4 anos de existência, cerca de 100 alunos.

Às vésperas da Guerra de 1914-1918, o clima é de otimismo: os Irmãos, que vieram jovens, estão no auge da vida e cheios de experiência. A formação nas escolas é de alto nível: até ao bacharelado. Um grupo de Irmãos compôs obras clássicas, adaptadas para o Oriente, que fizeram muito sucesso no Egito, Romênia, Pérsia... Planos ambiciosos para o futuro são discutidos... O Irmão Aeyndinus foi nomeado Visitador em 1896 e tornou-se o primeiro Irmão Provincial de 1908 a 1914. Ele passará o bastão para o Irmão Jean-Emile. Naquela época, havia 104 Irmãos⁴

⁴ Ele foi Diretor do Juvenato de St Genis antes de sair para ser o 1º diretor da Comunidade de São Bento na Turquia.

8. LICEU LEONINO “SAINT-DENIS”, ATENAS

Detenhamo-nos, por um momento, na chegada dos Irmãos ao Liceu Leonino de Atenas. Este e sua futura subsidiária, o Liceu Leonino “Sacré-Cœur”, tornar-se-ão a espinha dorsal desta Província e, acima de tudo, serão os sobreviventes não-franceses desta Província durante a 1ª e 2ª Guerras Mundiais.

A fundação do Liceu Leonino remonta a 1888. Deve o seu nome ao Papa Leão XIII, que a reconheceu como “Liceu Pontifício”. Por volta de 1906, o bispo da época, Dom Delenda, estava preocupado com o declínio desta obra, que tinha 90 alunos. A conselho do Visitador dos Lazaristas, passando por Atenas, entrou em contato com os Irmãos.

Assim que chegaram, havia rumores, dizem os Anais em fascículo XIII, de que “acabara de chegar, ao Liceu ‘Saint-Denis’, um grupo de religiosos, respeitosos do governo e das autoridades locais, bem como dos costumes e da religião do país, que se dedicavam de corpo e alma à instrução e educação das crianças que lhes foram confiadas”.

Assim, no ano seguinte, o Liceu experimentou um aumento sur-

preendente de 100 alunos. E a chegada de um 5º Irmão tornou possível lançar as bases de uma escola particular, que mais tarde experimentaria um sucesso brilhante. A crescente notoriedade do estabelecimento levou o bispo a confiar a direção aos Irmãos. Assim, o Irmão Marie-Brunon foi nomeado Diretor do Liceu Leonino. Em 1914, o Liceu tinha 400 alunos⁵



Ir. Marie-Bruno

to levou o bispo a confiar a direção aos Irmãos. Assim, o Irmão Marie-Brunon foi nomeado Diretor do Liceu Leonino. Em 1914, o Liceu tinha 400 alunos⁵

9. A GUERRA DE 1914-1918

O vento do otimismo não durou.

A guerra eclodiu em agosto de 1914 e causou o esvaziamento das Comunidades com a partida de muitos Irmãos mobilizados. Além disso, a Turquia tornou-se um dos beligerantes e os Irmãos não tiveram senão alguns dias para partir. A guerra causou a suspensão de todas as escolas da província, exceto as de Atenas e Patras (fundada em 1915), na Grécia. E mesmo, em 1917, após 25 anos de presença no Oriente Médio, não havia mais esta-

⁵ Irmão Marie-Brunon •. Nome de família: Louis-Marie BAUD. Ele nasceu na comuna de Les Gets, Haute-Savoie, em 15 de setembro de 1878. Ele morreu em 15 de julho de 1947 em Atenas e está enterrado em Heraclea.

belecimentos em operação, porque os eventos políticos de 1916 na Grécia haviam causado seu fechamento. O Irmão Jean Emile, Provincial, teve de ir para o exílio com todos os Irmãos. Apenas Irmão Réginald e Irmão Michel Antoine, respectivamente de nacionalidade suíça e grega, permaneceram, dedicando-se à guarda do estabelecimento em Atenas. Em Patras permaneceu o Irmão Rafael.

10. “OS PELUDOS” DA “GRANDE GUERRA”

Fascículo III dedica três páginas à memória daqueles que pagaram um preço alto durante esta 1ª Guerra Mundial. Descobrimos a sua mobilização, as doenças que os atingiram, os mortos em combate, a prisão sofrida, a 14 Cruz de guerra, ... Sua perseverança na vida espiritual também é mencionada... Vamos citar um trecho do Documento III, páginas 12 a 15:

“O pobre peludo marista vive um pouco dividido, bravo soldado de um lado e bom religioso do outro. Nenhum dos dois é fácil. O quente, o frio, a chuva, a neve, a “barda” para carregar em todos os climas, em todas as horas, em todos os setores, todos os ofícios para fazer, sem nada muitas vezes, o cinto a apertar de vez em quando, isso em geral para os 5 anos de guerra. Devemos adicionar os perigos da própria guerra, as balas, as “marmitas” (projéteis de grande calibre), os torpedos, os projéteis que chovem como granizo no meio de um acidente em comparação com o qual o trovão está apenas chilreando. Os gases no final se misturam, as feridas são incontáveis, os mortos se sucedem, as doenças aparecem.

É impossível mencionar tudo: Irmão Frument-Jérôme tem uma perna meio-amputada, Irmão Marie-Jubin um pedaço do ombro, Irmão Marie-Frédéric, ambas as pernas perfuradas; Irmão Léonce, ambos os braços; Irmão Rodriguez tem lascas de estilhaços na panturrilha; Irmão Marie-Flavien tem estilhaços no ombro e no braço, Irmão François-Philogone, um estilhaço na cabeça; Irmão José, uma mão crivada de pequenas lascas; Irmão Marc, uma perna quebrada; Irmão Paul Philomène, a mandíbula; Irmão Louis-Prosper, um calcanhar; Irmão Paul-Justin, um braço. ⁶ »

11. DEPOIS DA GUERRA, UMA RESSURREIÇÃO

Depois de 25 anos de presença marista, aqui está uma Província à beira do desaparecimento. E, no

entanto, assim que a guerra terminou, foi o seu renascimento. Quatro países merecem um comentário sobre esta história: Turquia, Grécia, Hungria, França.

⁶ Estilhaços: “projéteis de bala”. Também significa “estilhaços”. (Fascículo III, pág. 13)

11.1 Turquia em 1918

Logo no armistício de 1918, os Irmãos retornaram a um campo de ruínas. O país está em miséria, os estabelecimentos em San Stefano e Samsoun estão num estado lamentável. Tudo tem que ser reequipado. Em 1919, o Exército francês desmobilizou os Irmãos que outra estavam nas obras da província, em Scutari, por exemplo. Sob o impulso do Irmão Jean-Emile, Provincial, as escolas de Scutari, Bebek, Makri-Keui, San-Stefano (subúrbios de Constantinopla), Samsoun (Mar Negro) e Monastir (Iugoslávia), são reerguidas. Uma nova escola, a de Yédi-Koulé (Constantinopla), foi até inaugurada em 1921, numa antiga escola alemã. Mas esse belo período não dura! As divergências entre os vencedores, o cheiro de petróleo em Mossul, permitiram que Mustapha Kemal libertasse a Turquia do jugo dos Aliados e criasse um Estado laico. Assim, pouco a pouco, as escolas fecharão.

O Tratado de Sèvres foi sucedido pelo Tratado de Lausanne em 1923. Os turcos, então deixados à própria sorte pela Europa dividida, obtiveram da Liga das Nações a expulsão de todos os cristãos da Ásia Menor, comprometendo-se a repatriar os muçulmanos que lhes seriam enviados da Grécia. Um êxodo lamentável no meio do inverno causará mais de 100.000 mortes. Ainda hoje marca profundamente a memória dos gregos.

Novas circulares organizam o ensino das escolas estrangeiras: língua

turca, professores turcos, proibição de símbolos religiosos, proibição de recepção de crianças do ensino primário, etc. Os Irmãos da região de Constantinopla se encontrarão na rua do dia para a noite... “Sem muita preocupação”, no entanto, dizem os Anais, porque a construção do Liceu Leonino “Sagrado Coração” nos subúrbios de Atenas, ia abrir e exigia mão de obra!

11.2 Grécia - A Escola Secundária Leonina “Sagrado Coração” em Atenas - 1923

Os Irmãos foram para Atenas e descobriram a antiga Escola Secundária Leonina “St-Denis”, na rua Sina, no centro de Atenas, perto da Catedral Católica, cheia de estudantes: quase 900 em 1923. Felizmente, os irmãos anteciparam isso comprando terras em 1914 nos arredores de Atenas, Patissia.

Em 25 de novembro de 1923, Dom Louis PETIT, Arcebispo de Atenas, solenemente lançou a primeira pedra deste futuro Liceu (principalmente internato) do qual o Irmão Marie-Florentien havia elaborado os



Athens - Lycée Léonin (section Sacré Coeur)

planos, sob a direção técnica do Sr. Pascalidès, arquiteto. Terraplenagem e alvenaria são realizadas ativamente:

“Portas, janelas, persianas, mesas de sala de aula, todos os trabalhos em madeira, finalmente, todos passaram pelas mãos do valente e venerado Irmão Marie-Agilbert.⁷ Estima-se que existam, neste Colégio, mais de 20.000 janelas ou pequenos azulejos; nenhuma que não tenha sido cortada e assentada pelos Irmãos⁸”.

Em suma, dez meses após a bênção da primeira pedra, em um edifício mal concluído, uma grande comunidade foi estabelecida, sob a direção de Irmão Marie-Damien. O prédio ainda não estava concluído e já, no primeiro ano, 360 alunos apareceram, incluindo 160 pensionistas. Para coroar a construção desta obra, o Superior Geral, Irmão Diogène, acompanhado pelo Ecônomo Geral Irmão Louis-Marie, ex-diretor do Liceu Leonino “St-Denis”, inaugurou oficialmente o Liceu du “Sacré-Cœur” na presença das autoridades civis, militares e religiosas, francesas e gregas, em 17 de outubro de 1924.

Em 1925, um segundo edifício será construído. O internato ganhou uma grande reputação em

toda a Grécia e além, com estudantes vindos da Albânia, Iugoslávia, Romênia, Turquia, Egito, Abissínia. Estas duas escolas secundárias serão locais de excelência acadêmica e desportiva. E um setor comercial respeitável se desenvolverá.

A situação foi serena até 1930. Então, de repente, é a queda. A Lei Papandreou proíbe os alunos de nacionalidade grega de frequentarem escolas estrangeiras antes dos 15 anos de idade. Os dois Liceus Leoninos não podem mais abrir as aulas primárias. Mas em 1937, a situação melhorou: havia mais de 1.000 alunos.

11.3 1930 - 1942: Abertura de obras na Europa Central e na França

O grande problema da província, que já não recebia muita ajuda da França, era o recrutamento de novos Irmãos. Também as aberturas na Jugoslávia, Hungria, Romênia e França (Bretanha) terão como objetivo encontrar e formar vocações tanto quanto ensinar.

Em 1922, uma segunda escola foi aberta na Hungria, na própria Budapeste. Esta é a “École Champagnat”. Um pensionato será ane-

⁷ Irmão Marie-Agilbert (Claude MONTIBERT) nasceu em 15 de maio de 1872 em La Chapelle-de-Mardore (Rhône). Partiu para Constantinopla em setembro de 1892. Foi professor em Saint-Benoît de 1892 a 1895. Ele foi o fundador da Escola de Makri-Keui de 1895 a 1910. Depois, foi o fundador da Escola de San-Stefano de 1910 a 1914. Após a 1ª Guerra Mundial, ele foi para Atenas para o trabalho técnico. Ele morreu em Varennes-sur-Allier em 20 de agosto de 1961.

⁸ Edição XIII, página 13

xado. Em 1930, uma escola, anexa ao “Colégio Joana d’Arc”, dirigido pelas Irmãs Oblatas da Assunção, foi aberta em Béograd (Belgrado), na Iugoslávia. É uma história incomum esta fundação: oficiais sérvios servindo em Paris em 1914-18, implorou às Irmãs para segui-los para a Sérvia para continuar a cuidar de suas filhas (meninas)! Mas os pais também querem uma escola para seus filhos e os Irmãos Maristas são chamados! 10 meninos, o primeiro ano, depois 20, o segundo! E isso... até o fechamento em 1941-42 por causa da guerra.

11.4 A Bretanha – França

Em 1931, na própria Bretanha católica, um primeiro campo de apostolado foi aberto a pedido do reitor da paróquia de Pipriac (Ille et Vilaine) com 200 alunos. Para os Irmãos, o objetivo inicial era

“penetrar neste território bretão, dar a conhecer o nome dos Irmãos Maristas, seu ensino e seu sistema de educação, a fim de despertar vocações maristas.”

Quatro escolas paroquiais serão abertas no processo: Montauban-de-Bretagne, Bains-sur-Oust e Langon, em Ille et Vilaine. Em Tréguinc, em Finisterra, um internato para cerca de sessenta internos funciona desde os primeiros dias. Esta Escola conhece os sucessos mais dignos no final do ano, tanto que foi proclamada, em altos cargos, a Escola Modelo de Finisterra. Finalmente, duas fundações terão lugar em Saint-Nazaire e Gorges,

no Loire Atlantique. Um total de 1.200 alunos serão matriculados na escola primária. Não devemos esquecer os “Juvenatos” criados em Langon (França), Kispest (Hungria) e Atenas (Grécia), que começaram a dar frutos em 1938.

Mas não faltarão dificuldades. Em 1936, a Casa de Formação de Heraclea foi fechada, pois não havia mais noviços. A tomada de hábito será retomada em 8 de setembro de 1937 em N.-D. de Lacabane e San-Maurizio (Itália), e a partir de 1938, os Juvenatos de Langon, Kispest e Atenas, darão vocações.

12. ANO 1942 FIM DOS ANAIS

Em 1942, em Atenas, a situação econômica não é brilhante! A pobreza vagueia por toda parte. A horta que ocupa toda a terra arável de Patissia é cuidadosamente trabalhada pela Comunidade, o que melhora muito a dieta.

As aulas não funcionam regularmente e as duas Escolas Secundárias Leoninas, em conexão com a organização “Le Collégien charitable” apoiada pelos católicos gregos do rito bizantino, distribuem até 4.000 rações de alimentos todos os dias para famílias carentes.

No dia 27 de dezembro, no final do Ano, as duas Comunidades dos Liceus Leoninos reúnem-se para celebrar modestamente a festa

de São João Evangelista. O clima era sereno entre os Irmãos para o próximo ano de 1943. Somente o roubo de três vacas, na noite de 26 para 27 de dezembro, lançou um véu de tristeza sobre este final de ano. Elas nunca foram encontradas, apesar da investigação da Polícia!

13. 1942 - A PROVÍNCIA TEM 50 ANOS DE IDADE. QUE FUTURO?

O Irmão Damasceno (JAUNAY Marcel), apresentou esta questão durante a sua Conferência retratando a história desta mesma Província. Sabemos que após a Segunda Guerra Mundial, uma nova Província chamada “Varenes-Oriente” foi criada a partir de três antigas Províncias enfraquecidas: Varenes; Síria-Líbano; Constantinopla. Outra história começará, que também mereceria um desenvolvimento histórico.

14. PARA NÓS HOJE, QUE LIÇÃO?

Abrir os Arquivos Maristas e mergulhar neles com cuidado é comovedor. Esta região do mundo, que abrange a Europa e o Oriente Médio, foi para os Irmãos Maristas um campo de ação de heroísmo e apostolado que não deve ser esquecido por causa de sua dimensão exemplar e até profética.

Atrevo-me a escrever “profético” porque, sem querer, estes Irmãos abriram novos caminhos e fortaleceram convicções que, desde o Concílio Vaticano II, nos motivam. Por exemplo:

- A importância dada à formação inicial dos jovens Irmãos, mediante a obtenção de diplomas adequados de alto nível e em todas as disciplinas, antes de os lançar no apostolado, como expresso no fascículo XI, página 31 (ano 1940):

“A fim de promover o máximo possível o amor pelos estudos sérios e a conquista dos diplomas oficiais, o Conselho Provincial decide que os jovens Irmãos Helênicos seguirão cursos regulares de grego, sob a direção de um professor civil, e que os Irmãos matriculados na Universidade serão dispensados o máximo possível do ensino, reservando-lhes sobretudo a supervisão na distribuição do trabalho escolar”.

- A opção pelos “mais pobres” e fracos, acolhendo órfãos, apoiando famílias em dificuldade durante as guerras; pelo resgate de mais de 2.000 armênios pelo Irmão Dióscoro, ajudado pelos jesuítas, que será a primeira morte da Província durante a guerra de 1914-18.
- A abertura eclesial num “acolhimento mútuo” no campo de diferentes congregações, ritos litúrgicos, por exemplo, com os greco-católicos do rito bizantino apoiando prática e financeiramente a obra

“Casa da Divina Providência” de Dom Calavassy, que “multiplica suas casas e aumenta suas porções. São 1.500 porções que cada um de nossos dois Colégios distribui todos os dias aos adultos” (Documento XIII, página 32, (ano de 1942).

Mencionemos também o apoio infalível ao Carmelo, até o fornecimento de móveis, janelas ... feito nas oficinas dos Liceus Leoninos; a grande convivência com os Padres Lazaristas que sempre propuseram aos Bispos escolher os Irmãos Maristas para o apostolado dos jovens; e também a proximidade com os Padres Capuchinhos, com os Assuncionistas, os Jesuítas, ... E até mesmo uma surpreendente colaboração com as Irmãs Oblatas da Assunção em Béograd (Belgrado) para abrir uma escola.

Quanto a uma maior proximidade com a Ortodoxia, foi preciso tempo e paciência. De fato, em 1914, os Anais (Fascículo II, página 11) nos dizem:

“Quanto à ação religiosa sobre os alunos, só Deus sabe exatamente. O elemento católico foi certamente tão bem cuidado como na França e bastante melhor. O elemento cismático, que constitui a maioria de nossas turmas, participou dela, exceto para a recepção dos sacramentos.⁹

O discurso é mais combativo com as religiões não-cristãs, mas em suma, conforme a mentalidade da época:

“O elemento turco e judaico, por sua vez, recebeu o ensino cristão pelos cursos de Moral nos últimos anos e até mesmo foi timidamente, ou melhor, cautelosamente trazido ao catecismo nos últimos tempos. O número de conversões, meia dúzia, é minúsculo, mas é certamente secundário no trabalho: 1) de aproximar as Igrejas separadas; 2) de destruição do islamismo. »

Quando o Irmão Damasceno (JAUNAY Marcel), em uma palestra que proferiu em 1942, durante os acontecimentos do cinquentenário da Província, evocou a partida definitiva dos Irmãos da Turquia, San Stefano e Scutari, o discurso havia mudado:

“Adeus, alegre Bósforo, às ondas azuis que 2 linhas de Halcyons percorrem incessantemente; Adeus, páginas, que viram o trabalho árduo de uma juventude ardente! Ah! Nunca mais veremos a maravilhosa silhueta de Constantinopla, erigida de minaretes esguios, nos encantar no final da jornada! Mas saber que esta imagem de Jesus Cristo, que queriam banir de nossas escolas, resplandece novamente sob a cúpula de Santa Sofia, é para nós uma pista, ou melhor, o símbolo de que os esforços de nossos antepassados não foram em vão. É o penhor de que nossos



⁹ É necessário entender “ortodoxo”.

sucessores, ou nós mesmos, quem sabe, um dia, com alegria, completarão o que nossos antecessores começaram em lágrimas, porque, diante da pregação do ódio e da exaltação da força bruta, o princípio espiritual representado pela cruz de Cristo, o princípio da paz e do amor, sem dúvida sempre parece o mais fraco mas permanece, no final, sempre vitorioso. (In Documento XIII, página 11)

Essas palavras parecem-nos imbuídas de uma abertura ecumênica, talvez mais sentida do que pensada, mas, em todo o caso, bastante comovente quando liga a bela sucessão dos Irmãos ao Ícone da venerável Igreja de Santa Sofia.

Ao longo dos anos, vimos uma mudança no foco cultural e na abertura. As condições políticas, o ambiente cultural, o fato de ser uma minoria, assim como os católicos, contribuíram de forma difusa para esse processo. Por exemplo, não há dificuldades em celebrar a grande festa dos Três Hierarcas e, também, traduzir em grego para os estudantes peças de origem estrangeira, em 1938:

“Em Atenas, a Festa dos Três Hierarcas é celebrada em todas as escolas, assim como o Dia de São Nicolau para o Ocidente. Esta festa foi marcada, no dia 30 de janeiro, por um dia

eucarístico e pela inauguração do “Foyer” dos Escoteiros Católicos do Liceu. Sua Excelência o Arcebispo Filippuci de Atenas abençoou o foyer e presidiu as várias cerimônias religiosas do dia...¹⁰

O dia termina com uma bela sessão artística: “Les Martyrs”, drama em três atos, de Lebardin, traduzido para o grego moderno, e realizado pelos alunos do Ginásio. O grande público compartilhou com toda a alma a beleza dos sentimentos expressos e admiravelmente apresentados. (Documento IX, pág. 58)

Assim, pouco a pouco, as escolas dos Irmãos já não são a “ponta de lança” da cultura francesa, mas está a serviço da promoção das identidades culturais nacionais: o feriado nacional grego, a saudação da bandeira grega, a introdução de línguas gregas, turcas ou húngaras, dependendo do lugar, etc. Também é verdade que cada vez mais Irmãos gregos assumem responsabilidades escolares.

Além disso, desde o início da Província, houve a preocupação de encontrar vocações no ambiente local! A leitura dos arquivos individuais dos Irmãos nos faz descobrir a origem dos juvenistas, depois dos Irmãos: Hungria, Bulgária, Turquia, Armênia, Grécia, ... pois o objetivo era fundar uma província madura e

¹⁰ O Festa dos Três Hierarcas - feriado De Três Hierarcas. 30 de janeiro na Grécia é um feriado público para as escolas. Celebramos os Três Santos Hierarcas, padroeiros da Educação Nacional: Basílio, o Grande, Gregório, o Teólogo, e João Crisóstomo. Esta festa foi criada no século XI pelo bispo João Mavropous (Mavropodas) que desejava celebrar a unidade da Igreja que na época era compartilhada entre os basilistas, os gregoristas e os joanistas. Seu objetivo era apresentá-los como a “Trindade dos Doutores” para simbolizar sabedoria, igualdade e unidade social. Oito séculos depois, em 1843, o Estado grego dá-lhes o status de santos padroeiros da Educação Nacional. É por isso que este dia se tornou um feriado público para as escolas, até 2022.

independente, com todos os mecanismos necessários: Juvenato, Postulado, Noviciado, Escolasticado, etc.

Infelizmente, os Anais são bastante desiguais na evocação da vida comunitária naquela época. Sobre a comunidade de Patissia, que tinha mais de 25 irmãos antes de 1939, temos poucos detalhes, exceto sobre alguns Irmãos, festas, aniversários, recepções. Em Patras, uma comunidade de 4 irmãos, não sabemos muito mais. O Irmão Provincial, em carta enviada às Comunidades (circular n° 27, de 8 de fevereiro de 1938), escreveu:

“... Em Patras, tudo muda: pequena comunidade, pequeno número de alunos; Mas que atmosfera calorosa de vida familiar, piedade, regularidade. Sempre o bom Deus servido primeiro, mesmo que o recesso tenha que ser encurtado, diga-se de passagem. Como desfrutei destas orações que seguem o tema da meditação e recordam a devoção do dia: na segunda-feira, as almas do purgatório; às terças-feiras, anjos da guarda, etc... Pois isto nos aproxima do noviciado, mantém

a sua memória e o seu espírito.
(Documento IX, pág. 57).

A atmosfera nas grandes comunidades de Atenas estava próxima ou longe dessa descrição? Os Anais não dizem. !

Eles terminaram em 1942. A Guerra Mundial causou o fechamento de todas as escolas da Província, exceto as duas Escolas Secundárias Leoninas em Atenas - mas apenas por pouco! - e as escolas da Bretanha. A Província tem 50 anos e seu futuro em breve passará pela integração na futura Província de “Varenes-Oriente”.

No entanto, é importante não perder a memória desta Província de Constantinopla, cuja história é tão cheia de provações, especialmente porque os nossos Irmãos gregos são hoje os seus orgulhosos e laboriosos herdeiros. Plantados no sopé da Acrópole e sob a proteção da Panagia – Παναγία – eles nos convidam a “olhar além” de qualquer fronteira.



Provincia Santa María de los Andes
**VINTE ANOS
 FAZENDO
 VIDA O SONHO
 DE CHAMPAGNAT NO PERU,
 CHILE E BOLÍVIA¹
 2002-2022**



Francisco J.
 Fores Sánchez²

“Todas as dióceses do mundo entram em nossos planos”³

Essa frase de Marcelino Champagnat é claramente um desejo, porém também é um presságio que, com o tempo e uma atenta leitura dos sinais dos tempos, seus sucessores souberam concretizar. Não é demais recordar que o plano de chegar a “todo mundo” com a missão de evangelizar educando inicia-se em 1836 quando, o Fundador, envia Irmãos Maristas às Missões na Oceania. Graças a esta decisão, em 1837, dá-se o primeiro contato entre o Instituto e o continente americano, na estada que

um grupo de Irmãos faz numa escala de quase 40 dias, no porto de Valparaíso (Chile), para em seguida retomar a navegação até a Polinésia Orienta⁴.

Sem dúvida, essa “política” de fundações fora da França será conduzida principalmente pelo Ir. Teofâneo que, como Superior geral entre 1883 e 1907, deve enfrentar os estragos provocados por um governo anticlerical e conduzido por “leis leigas”. Finalmente, em 1903, o primeiro ministro Émile Combes,

¹ El presente artículo es un relato construido en conjunto, puesto que surge de la reflexión realizada por el Grupo de Patrimonio Marista de la Provincia Santa María de los Andes durante el 2021, con la finalidad de dar vida a la exposición virtual “Miren cómo se aman... Provincia Santa María de los Andes (1909-2021)” [https://sway.office.com/j5wKpUpl6vwXEv3w?ref=Link].

² Licenciado en Historia por la Pontificia Universidad Católica de Chile. Máster en Archivística por la Universidad Carlos III de España. Máster en Museología y Gestión de Museos por el Instituto Iberoamericano de Museología de España. Coordinador del Equipo de Archivo y Patrimonio Marista del Sector Chile. Coordinador del Grupo de Patrimonio de la Provincia Santa María de los Andes. Integrante de los Grupos de Referencia en Investigación, Comunicación y Técnico, y del Comité Gestor de la Red de Centros de Memoria Marista de la Región América Sur.

³ *Carta de Marcelino Champagnat a monseñor Filiberto De Bruillard* (obispo de Grenoble). 15 de febrero de 1837. Copia de la minuta AFM, RCLA, 1, p. 31, nº 6. CEPAM Virtual: ch110093. Editada en PS 93, CSG, 1, p. 219, AAA p. 208.

⁴ Cf. DI GIUSTO, L. (2004). *Historia del Instituto de los Hermanos Maristas*. Provincia Cruz del Sur: Rosario, Argentina, p. 39.

rejeita toda autorização às congregações de ensino e pregação, obrigando a seus membros a escolher entre o exílio ou a secularização. O “golpe de misericórdia” a estas restrições, vem com a lei de 5 de julho de 1904, que proíbe exercer o ensino a todas as congregações religiosas⁵. O Instituto, com o decreto de Combes (1903), tomou dois eixos de ação: partir ao estrangeiro e fundar novas escolas ali e, alguns Irmãos, optaram por tirar a batina e encerrar toda relação visível com o Instituto, trabalhando como educadores livres, sem fazer parte de nenhuma congregação. Por outra parte, as Províncias e Distritos, habituados a receber da França o pessoal que necessitava, ao não obtê-lo, viram-se na necessidade de recrutar em suas regiões, criando novas Casas de Formação⁶.

Nas linhas seguintes, percorreremos a história de três solicitações que tiveram uma resposta favorável por parte do Instituto. Três países que, após ter recebido a chegada de Irmãos Maristas e gerar durante anos abundantes “frutos”, decidem, em inícios do século XXI, caminhar juntos. Assim, nosso relato descre-

ve o caminho que leva Peru, Chile e Bolívia, a unirem-se na Província Santa María de los Andes e, de como esta busca de unidade dentro da diversidade, reencarna e revitaliza o carisma Marista em terras americanas.

1. AS PRIMEIRAS CHEGADAS E ESTABELECIMENTOS MARISTAS: PERU (1909), CHILE (1911) E BOLÍVIA (1956)

Um dos tantos países que solicitam a presença dos Irmãos Maristas é Peru. No início do século XX, a Igreja local tinha muito pouca influência na população e menos ainda na educação, para a qual a fundação de um colégio católico era muito necessária⁷. Por isso, em inícios de 1907, cria-se o English Comercial School no Callao⁸ (em 1913 muda seu nome para *Saint Joseph's College* e em seguida é conhecido em espanhol como *Colegio Marista “San José”*). Para sustentar a educação católica deste novo colégio, solicita-se Irmãos Maristas em duas tentativas⁹: A primeira foi su-

⁵ Cf. LANFREY, A. (F.M.S.). (2015). *Historia del Instituto...* Tomo 1. FMS STUDIA N° 3. Roma, Italia: Casa General Congregación de los Hermanos Maristas p. 290-291.

⁶ Cf. GAJARDO, J. – LOYOLA, C. (2012). *Cien años de Presencia Marista en Chile*. Santiago, Chile: Hermanos Maristas de Chile, p. 31.

⁷ Cf. BOLDÚ, A. (F.M.S.) (2009). *Historia de la Obra Marista en el Perú*, pp. 3-4. (Investigación y recopilación inédita realizada en vistas al centenario de la presencia marista en Perú, 1909-2009). [www.cepam.maristas.cl: in844203].

⁸ Cf. BOLDÚ, A. (F.M.S.) (2009). *Historia...*, op. cit., p. 7-8].

⁹ “Con anterioridad, en carta de 1882 de Fray Bernardino González de la Orden de San Francisco, solicitaba Hermanos Maristas para que tomaran un colegio fundado por la Tercera Orden de San Francisco, sin éxito”. [BOLDÚ, A. (F.M.S.) (2009). *Historia...*, op. cit., p. 9].

gerida pelo Padre Cipriani Casimir, pároco da Igreja Matriz de Callao e, gestionada pelo Centro da Juventude Católica, porém, o requerimento não prospera; principalmente pela escassez de pessoal que sofria a Congregação por causa do fechamento das Casas de Formação na França. Enquanto que, a segunda solicitação, em inícios de 1908¹⁰, dirigida ao Superior Geral do Instituto, Ir. Estratônico, traduz-se no envio de quatro Irmãos: Marie-Charles, Modeste, Arthur, Gédéon e Plácido Luis, os quais permanecem uns cinco meses em Nova York e em seguida, em 15 de janeiro de 1909 partem rumo a Callao. Finalmente, a 15 de março de 1909, iniciaram-se as atividades escolares no *English Commercial School*, “com uma centena de alunos, mais ou menos”¹¹. Assim começa o caminhar dos Maristas no Peru, ponta de lança de Santa Maria de los Andes.

Os Irmãos Maristas chegariam ao Chile só dois anos depois¹². Sem

dúvida, a jornada começa em 1910, quando Monsenhor Martín Rucker foi nomeado Vigário Geral do Arcebispado de Santiago pelo arcebispo Juan Ignacio González Eyzaguirre. Investido deste cargo, realizou algumas viagens à Europa onde se entrevistou com o Ir. Adventinus, em Valência (Espanha), e com os Superiores, em Grugliasco (Itália). No seu regresso começou as gestões para trazer ao Chile esta congregação ensinante¹³. Foi assim que, o Centro Cristão¹⁴ pede ao Padre Josep Moubon (Visitador dos Assuncionistas) para acertar as condições educativas, administrativas e econômicas entre o Arcebispado de Santiago e a Congregação dos Irmãos Maristas. Realizados os acordos e após a sessão do Conselho Geral, o Ir. Michaëlis, Assistente Geral¹⁵, enviou ao Pe. Maubon, uma carta (datada de 15 de novembro de 1910) na qual se “promete Irmãos para uma primeira fundação na diocese de Santiago, para o início do novo curso escolar”¹⁶. Finalmente, a 27 de fevereiro de 1911,

¹⁰ Esta solicitud cuenta con el apoyo del presidente de Perú (José Pardo), del arzobispo de Lima (Monseñor Pedro García Naranjo), del nuncio apostólico (Monseñor Dolci) y del secretario de Estado del Papa (Merry del Val). [Cf. BOLDÚ, A. (F.M.S.) (2009). *Historia...*, op. cit., p. 9-10]

¹¹ *Anales del Callao* 1° Tomo 1909-1941, pp. 1. [www.cepam.maristas.cl : in844199].

¹² Antes de 1911, hay tres intentos fallidos para traer a los Hermanos Maristas a Chile. Cf. LEÓN, R. (2011). *Historia del Instituto Chacabuco de los Hermanos Maristas*. Instituto Chacabuco - Congregación de los Hermanos Maristas: Los Andes, Chile, p. 18-25.

¹³ Cf. GAJARDO, J. - LOYOLA, C. (2012). *Cien años...*, op. cit., p. 45.

¹⁴ Sociedad católica de laicos que, a inicios del siglo XX, se preocupó de la educación y formación moral de la familia obrera y de clase media. Se transformó en un organismo oficial de la Iglesia católica chilena, por medio del cual se canalizaba todo lo relacionado con la educación. Al Centro Cristiano se le deben los primeros cuatro colegios Marista en Chile. [Cfr. GAJARDO, J. - LOYOLA, C. (2012). *Cien años...*, op. cit., p. 34-36].

¹⁵ Tenía a su cargo la zona marista americana y fue Asistente General desde 1909 hasta 1945.

¹⁶ Cf. GAJARDO, J. - LOYOLA, C. (2012). *Cien años...*, op. cit., p. 47-48.



chegam à cidade de Santa Rosa de Los Andes, os primeiros quatro Irmãos: Adventinus, Adulfo, Jacinto e José Andrônico. Eles fundam o primeiro colégio Marista chileno, o Instituto Chacabuco, que inicia suas atividades a 13 de março de 1911¹⁷.

Após estas duas primeiras chegadas, passaram-se quase 45 anos, para que a Bolívia conte com a presença Marista¹⁸. Nesta ocasião, as gestões são realizadas de maneira direta, pelo Vigário Apostólico de Chiquitos (Bolívia), Monseñor José Rosenhammer, que chega à Casa Mãe de Saint-Genis-Laval em 1954, com a esperança de obter Irmãos para seu pobre Vicariato. A situação não era atraente: era um

setor pobre em recursos, em educadores religiosos e também, em elementos de vida cristã. Sem dar-lhe uma resposta definitiva, os Superiores lhe dão a entender que seu pedido seria examinado com benevolência¹⁹. O Ir. Leônidas, Superior Geral dos Maristas (1946-1958), por ocasião do retiro dos Superiores, estende o convite realizado por Mons. Rosenhammer, aos quatro Irmãos Provinciais da Espanha, sendo o Ir. Ramón Sebastián (Demetrio Alzaga), Provincial de Bética, quem aceita esta “Missão”²⁰. Finalmente, a 8 de dezembro de 1956, chegava a Roboré, proveniente de Madrid, o Ir. Pedro Lacunza, para preparar as condições da primeira fundação Marista na Bolívia. Foi as-

¹⁷ Cf. LEÓN, R. (2011). *Historia del Instituto Chacabuco...*, op. cit., p. 55.

¹⁸ Cf. “*Historia del Instituto II, Bolívia. Los Inicios de la Obra Marista en Bolívia*” (Tomado de: Bulletin de l’Institut, Tomo XXII n° 167, julio de 1957), pp. 3-4. [www.cepam.maristas.cl : in846511].

¹⁹ Cf. “*La Provincia de Bética funda una Misión en Bolívia*”, p. 1. Historia del Instituto II, Bolívia. Tomado de: Bulletin de l’Institut, Tomo XXII, n° 165, enero de 1957. www.cepam.maristas.cl : in846511.

²⁰ Cf. LACUNZA, P. (F.M.S.). “*Colegio Marista de Roboré 1956-1997*”, p. 2. [www.cepam.maristas.cl : in846509 / Cf. “*La Provincia de Bética...*”, op. cit., p. 1].

sim que, em fevereiro de 1957, abre suas portas o Colegio *Marista de los Sagrados Corazones*²¹. Posteriormente, no dia 22 de março de 1957, chegaram os Irs. Agustín (Ángel Redondo Mariscal) e Apolinar (Pedro Alegre Puente), completando assim a primeira Comunidade Marista na Bolívia²². Em 1959 colocou-se a primeira pedra do atual colégio²³.

2. CRESCENDO ATRAVÉS DAS MUDANÇAS: DISTRITOS E PROVÍNCIAS

Já revisamos nossas origens, com a chegada dos primeiros contingentes de Irmãos Maristas ao Peru, Chile e Bolívia; agora, veremos como foi organizada sua vida e missão. Cronologicamente, no Peru e Chile viveu-se um processo similar e até em conjunto. Ambos os paí-

ses dependem administrativamente, desde sua fundação, da Grande “Província da Espanha”, situação que se manterá até 1920. Neste ano, tendo oito obras entre ambos os países —seis no Chile²⁴ e duas no Peru²⁵— e com a perspectiva de ir incrementando o pessoal, os Superiores decidem criar uma unidade administrativa “interdependente” da Província Espanha: o Distrito Chile-Perú²⁶. A situação, em termos econômicos e administrativos, não foi muito distinta daquela vivida previamente, mesmo que se bem existia uma “certa autonomia” com a denominação de Distrito²⁷, nada se fazia sem a autorização que vinha da Espanha²⁸. Isto continuou até 1934, quando o Conselho Geral do Instituto considerou oportuno entregar ao Distrito Chile-Peru autonomia de direito com respeito à Província da Espanha. Bem que esta decisão não significou uma mudança substantiva na administração e gestão.

²¹ Esta obra fue aprobada por el Consejo Provincial de Bética en enero de 1957 y por el Gobierno boliviano el 22 de febrero de 1957. [Cf. MÉRIDA, P. (Dir.). (2007). *Educando para la vida, Maristas 50 años de historia*. Exalumnos del Colegio Marista de Roboré: Santa Cruz, Bolivia, p. 29].

²² Cf. LACUNZA, P. (F.M.S.). “*Colegio Marista...*”, op. cit., p. 2.

²³ PERALTA, A. (F.M.S.) (2002). *Obra Marista en el Distrito de Bolivia (1956-2002)*. Provincia Santa María de los Andes – Sector Bolivia: Santa Cruz, Bolivia, p. 3.

²⁴ El Instituto Chacabuco en Los Andes (1911), el Instituto San Martín en Curicó (1912), Instituto Rafael Ariztía en Quillota (1914), Instituto O’Higgins en Rancagua (1915), Colegio Arturo Prat en Rengo (1915-1921), Noviciado “San José” en Santiago (1918-1972).

²⁵ El Colegio “San José” en el Callao (1909) y la Escuela de “San Teodoro” en Huánuco (1913-1917).

²⁶ Cf. “Provinciales y gobierno de Perú marista — 1909-2002”, p. 4 (Texto tomado de los Apuntes del H. Pedro Martínez). [www.cepam.maristas.cl: in 844146].

²⁷ El Distrito es dirigido por el Hermano Visitador, tenía su casa matriz en Santiago (Chile) y estaba organizado en base a un Consejo Distrital que sesionaba una vez al mes y dirimía todos los asuntos relacionados con cada una de las casas. Este aspecto pudo haber sido algo engorroso para el caso de Perú, considerando las distancias.

²⁸ Cf. GAJARDO, J. – LOYOLA, C. (2012). *Cien años...*, op. cit., p. 97.

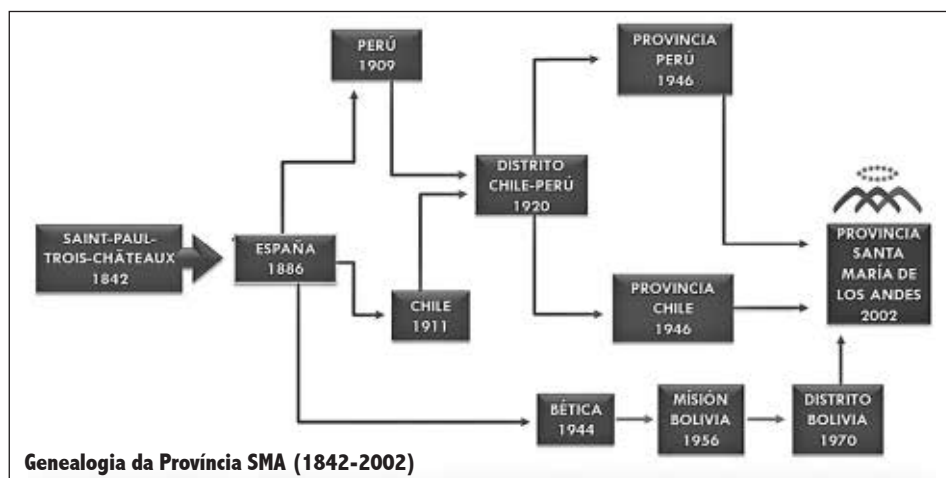
Na prática o Distrito funcionava com certa independência da Espanha, porém possibilitou que Chile e Peru tivessem mais liberdades no aspecto econômico. O Distrito se manteve até 1946, já que o Conselho Geral do Instituto, para facilitar o governo de algumas divisões administrativas, cria novas Províncias e reestrutura outras. Isto dá passagem para a divisão de ambos países, originando a Província Chile e a Província Peru.

Na Bolívia o assunto foi similar. Desde sua chegada em 1956, a Província Bética, cataloga sua presença como Misión Bolivia²⁹. Assim se mantém até 1970, quando se “institucionaliza” ainda mais a ação educativa e evangelizadora, com o: Dis-

trito Bolívia³⁰. No entanto, as condições econômicas e administrativas são similares ao período anterior, ao manter-se a “interdependência” com a Província fundadora.

3. UM CHAMADO A DISCERNIR NOSSO CAMINHO: REFUNDAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO DO INSTITUTO

No início da década de noventa, o Instituto começa um profundo processo de discernimento, que é impulsionado energicamente pelo *XIX Capítulo Geral* (1993). Nesta instância,



²⁹ Durante este primer período, Bolivia tiene tres obras educativas: el Colegio Marista de los “Sagrados Corazones” en Roboré (1957), el Colegio “Maristas San José” en San José de Chiquitos (1965) y el Colegio “Marista” en Santa Cruz de la Sierra (1968).

³⁰ El H. Javier García Terradillos, Provincial de Bética, envió en 1969 una circular a los Hermanos de Bolivia invitándoles a la elección del H. Visitador. A mediados de año quedó constituido, como tal, el Distrito Bolivia, siendo su primer Visitador el H. Agustín Llanillo. Cada tres años se convocaba el Capítulo Distrital y se celebraron once durante los años que duró esta unidad administrativa. [Cf. DELGADO, J. (2003). El Distrito marista de Bolivia. Santa Rita: Granada, España, p. 51-52]

propõe-se uma conversão radical de mentalidade e comportamento; centrando-se na “solidariedade”, como um compromisso de transformação, renovação e revitalização do Instituto e da sociedade. Neste sentido, o novo Conselho Geral, propõe uma verdadeira “refundação” do Instituto³¹ e, como tal, uma “reestruturação” de mentalidade, seja nas diversas frentes de missão, como da forma de ser Irmão Marista no mundo de hoje. A isto se soma a necessidade de uma série de mudanças organizacionais nas unidades administrativas, centrando-se nos princípios de vitalidade (maior vida e renovação do Instituto) e viabilidade (opções realistas e menos dispendiosas)³².

O Ir. Benito Arbués, como Superior Geral (1993-2001), lança formalmente o tema da “reestruturação” em 1996, solicitando às Províncias realizar seu próprio “estudo de vitalidade e viabilidade”, em sua *Comunicação aos Provinciais, Superiores de Distrito e seus Conselhos* (8 de julho de 1996):

“O princípio fundamental que deve guiar-nos em todo esse processo e a relação missão-recursos-estruturas. O ponto de partida é nossa missão como Irmãos e apóstolos da Igreja, e a capacidade de responder às novas necessidades que exige a evangelização dos jovens de hoje”³³.

Para levar a cabo de maneira correta a “refundação” e como tal, a reestruturação, é muito importante, para o Superior Geral e seu Conselho, que todas as decisões estivessem baseadas em um processo integral de discernimento e que as propostas surjam das próprias Províncias³⁴. Em nosso caso, as Províncias latino-americanas do Cone Sul teriam algumas diferenças, sobretudo, em: a história de suas fundações, os vínculos (às vezes permanentes) com a Espanha e também, na influência que exerciam os Irmãos espanhóis na mesma unidade administrativa; no entanto, ficou demonstrado que o critério mais influente na organização definitiva foi a proximidade geográfica³⁵.

4. COMUNHÃO NASCENTE: CRIAÇÃO DA PROVÍNCIA SANTA MARÍA DE LOS ANDES (2002)

Para começar o processo de “reestruturação” que, finalmente dará origem à *Provincia Santa María de los Andes*, o Irmão Superior Geral e seu Conselho realizam algumas reuniões com os provinciais, superiores

³¹ Cf. “*Mensaje del XIX Capítulo General a todos los Hermanos*”. (23 de octubre de 1993), p. 4 [CEPAM Virtual: in625401]

³² Cf. GAJARDO, J. – LOYOLA, C. (2012). *Cien años...*, op. cit., p. 298.

³³ Cf. GREEN, M. (F.M.S.) (2017). *Historia del Instituto*. La luz incierta de la aurora (1985-2016). Tomo 3. FMS STUDIA N° 3. Roma, Italia: Casa General Congregación de los Hermanos Maristas, p. 306.

³⁴ Cf. GREEN, M. (F.M.S.) (2017). *Historia del Instituto...*, op. cit., p. 306.

³⁵ Cf. GREEN, M. (F.M.S.) (2017). *Historia del Instituto...*, op. cit., p. 309.

e alguns conselheiros das Províncias e Distritos do Cone Sul³⁶. No encontro de Chosica (Peru) já se podia ver a possível estrutura da nova Província, uma vez que só se convoca aos Conselhos Provinciais e do Distrito da Bolívia, Chile e Peru, para em seguida fixar a data da reestruturação e estabelecer comissões de trabalho (23 a 27 de outubro de 2000). A reunião em Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), sela o processo interno da Bolívia, Chile e Peru, determinando o nome da nova *Província Santa María de los Andes* e estabelecendo, 15 de agosto de 2002, como data de início da nova unidade administrativa (3 a 7 de julho de 2001). O ponto final deste caminho, marca-o o Ir. Seán Sammon, Superior Geral (2001-2009), com sua carta aos Irmãos da *Província Santa María de los Andes*, na qual nomeia como novo Provincial o Ir. Pedro Marcos (25 de maio de 2002)³⁷.

Como se mencionou, o início oficial da nova Província se programou para 15 de agosto de 2002, dia da Assunção da Virgem e festa patronal da Congregação. Com o encerramento do Primeiro Capítulo Provincial³⁸ que se realiza entre 12 e 17 de agosto de 2002, no Centro de Espiritualidade Marista (CEM) em Santiago do Chile, começou a vida

desta nova unidade administrativa: a Província Santa María de los Andes. Neste mesmo dia, assumiu o primeiro Provincial, o Ir. Pedro Marcos e seu Conselho se constituiu pelos Irmãos: Antonio Peralta³⁹(vice-provincial) e Saturnino Alonso⁴⁰ (representando a Bolívia), Mariano Varona e Isidro Azpeleta (representando o Chile) e, Pablo González⁴¹ e Barsén García (representando o Peru).



³⁶ Enero de 1997 en Santiago (Chile). Julio de 1998 en Luján (Argentina). 30 de marzo al 4 de abril de 1999 en Asunción (Paraguay).

³⁷ Cf. AZPELETA, I. (F.M.S.). “Reestructuración Provincial. Nueva Provincia Santa María de los Andes”. Revista Presencia. Publicación de la Provincia Marista de Chile. N° 10, julio 2002. Santiago, Chile: Holanda Comunicaciones, p. 5-6.

³⁸ Participan de este Primer Capítulo Provincial: 46 Hermanos (12 de Perú, 8 de Bolívia y 20 de Chile) y 6 laicos.

³⁹ Provincial de Santa María de los Andes 2009-2014.

⁴⁰ Provincial de Santa María de los Andes 2014-2021.

⁴¹ Provincial de Santa María de los Andes 2021-2024.

Esse Primeiro Capítulo Provincial de SMA⁴², estabelece quatro Prioridades (cada uma com suas Ênfases particulares), que se manterão por dois triênios (2002-2008):

Irmãos e Leigos (as)

1. Centrados em Jesus Cristo, ao estilo de Maria e Champagnat, cultivando a Espiritualidade Apostólica Marista.
2. Que enfatizam a dimensão comunitária de acordo com sua própria vocação em chave de lar, de simplicidade, de abertura e de escola de fé.
3. Comprometidos na mesma missão evangelizadora, presentes entre as crianças e os jovens, na escola e outros âmbitos educativos, optando preferentemente pelos mais pobres – em contínuo discernimento – e comprometidos em despertar vocações.
4. Que promovam a integração dos três Setores e cresçam em comunhão, como sinal profético, buscando a unidade dentro da diversidade⁴³.

Desde o Primeiro Conselho Provincial, decide-se ter três Setores, coincidentes com cada um dos países que formam a nova unidade administrativa: Setor Peru, Setor Chile e Setor Bolívia. À frente de cada uma destas divisões estaria um Delegado do Irmão Provincial⁴⁴ e um “Conselho de Setor”⁴⁵. Este último aspecto é um claro exemplo, que permite dar vida às Prioridades Provinciais, em que “Irmãos e Leigos” encarregam-se de levar adiante a missão em cada um dos Setores, projetando assim a sustentabilidade da liderança carismática Marista.

5. UM PORVIR SUSTENTÁVEL, COMPROMETIDO E ATUALIZADO A SERVIÇO DE EVANGELIZAR EDUCANDO

Tomando como eixo as palavras de Marcelino: “nossa obra está toda ela no interesse das pobres

⁴² Abreviación de Santa María de los Andes.

⁴³ “Sector Chile. Provincia Santa María de los Andes”. Revista Presencia. Publicación de la Provincia Marista de Chile. N° 13, abril-mayo 2003. Santiago, Chile: Holanda Comunicaciones, p. 5.

⁴⁴ Cf. “Acta N° 1. Consejo Provincial. Provincia “Santa María de los Andes”. Sesión de 18, 19 y 20 de agosto de 2002. Santiago – CEM”. Conjunto de Informes del Consejo de la Provincia Santa María de los Andes. Desde su fundación (15 de agosto de 2002), p. 1-2. [www.cepam.maristas.cl : in844135].

⁴⁵ Su función es “colaborar con el H. Vicario en la animación del Sector, incorporar más Hermanos y Laicos/as a instancias de animación y gobierno, promover la corresponsabilidad y la subsidiaridad, favorecer un mejor discernimiento y ser una instancia intermedia entre los Sectores y el Consejo Provincial”. [“Provincia Santa María de los Andes. Informe de la 17ª. Sesión del Consejo Provincial. Los Andes, Chile, 23-27 de octubre 2005”. Conjunto de Informes..., op. cit., p. 44].

crianças do campo e das pequenas cidades”⁴⁶; o Primeiro Conselho Provincial de SMA quer abrir, em cada Setor, uma obra nova a ser-

viço dos mais pobres e que, com a estreita colaboração dos Leigos, se possam incorporar mais crianças e jovens necessitados aos benefícios



Grupo dos 52 assistentes ao Primeiro Capítulo Provincial de Santa María de los Andes (CEM, 2002)

da educação Marista. Este plano começa a se concretizar justo antes de terminar o primeiro triênio, com a fundação da *Unidad Educativa “Santiago”* em 2005, no bairro Ticti Norte, cidade de Cochabamba, Bolívia. No Chile, em 2007, cria-se o Colegio Hermano Fernando no povoado “La Negra” de Alto Hospicio. E, finalmente, no Peru, em 2008, instala-se o Colegio Santa María de los Andes na Villa María del Triunfo, Lima.

Durante o primeiro período do Ir. Antonio Peralta (2009–2011) como

Provincial, ele e seu Conselho, dedicam quase dois anos para elaborar o primeiro planejamento estratégico com que conta Santa María de los Andes. Sendo aprovado pelo Quarto Capítulo Provincial (11 a 15 de julho de 2011, em Santiago do Chile), lança-se o “Projeto Provincial 2011–2017”, o qual, assume a Missão e Visão (junto com 6 Estratégias) que, orientarão a direção dos 12 objetivos estratégicos das diversas Comissões Provinciais e Equipes Setoriais, até que celebraremos o XXII Capítulo geral, no marco do Bicentenário da Congregação⁴⁷.

⁴⁶ *Carta de Marcelino Champagnat al cardenal Hugo Roberto Juan Carlos de Latour D’auvergne (obispo de Arras, Somme)*. 11 de febrero de 1840. Copia de la minuta, AFM, RCLA 1, p. 172-173, nº 216. [www.cepam.maristas.cl : ch110319. Editada en PS 319].

⁴⁷ PERALTA, A. (F.M.S.) (2011). *Proyecto Provincial 2011-2017*. Hermanos Maristas – Provincia Santa María de los Andes / Bolívia, Chile, Perú.

Durante 2017, desde a Província, e em particular desde o Setor Chile, “tomamos conhecimento da maioria das denúncias de abusos sexuais que alguns membros da comunidade educativa Marista (Irmãos, Leigos e presbíteros) haviam cometido contra meninos e meninas que estavam sob nosso cuidado institucional, nas últimas décadas”. E tal como o apresenta o Ir. Saturnino Alonso, Provincial de Santa María de los Andes (2014-2021): os abusos de menores por parte de Irmãos é uma realidade dolorosa, pela qual temos que pedir perdão e agradecer aos responsáveis que estão atuando para obter deles o nunca mais. Também precisa pedir perdão pela insuficiente visibilidade do Provincial e do Conselho provincial nesta primeira etapa da crise⁴⁸. Desde que se efetuaram as denúncias de abusos até o presente 2022, foram impulsionados e realizados múltiplos processos relacio-

nados com a justiça civil e canônica (que até a presente data não foram conclusivos). No entanto, em nível interno, a Congregação está dando passos no âmbito da reparação e acolhida às vítimas⁴⁹, somado ao fomento da criação de uma “cultura protetora e de bom trato para meninos, meninas e adolescentes de nossas obras, através da implementação da política de proteção e a formação das equipes escolares, para prevenir que estes delitos voltem a ocorrer e para que, caso aconteçam, garantiremos uma resposta oportuna e adequada”⁵⁰.

Obviamente, a situação de abusos sexuais com menores em colégios Maristas —no marco do Bicentenário da fundação do Instituto—, fere os princípios básicos do carisma Marista e nos apresenta novos desafios para o futuro; os que são cobertos pela *Província Santa María de los Andes*, através de três “Li-

⁴⁸ Cf. SATURNINO, A. (F.M.S.) – GONZALEZ, P. (F.M.S.). (5 de diciembre de 2017). “Provincia Santa María de los Andes. Informe del VI Capítulo provincial. Santa Cruz de la Sierra, 1 al 5 de diciembre de 2017”. Santa Cruz de la Sierra, Bolivia, p. 1-2.

⁴⁹ “[...] el Consejo Provincial decidió iniciar ... un Proceso de Acogida y Reparación para las personas que sufrieron abusos sexuales, en décadas pasadas, cuando estaban al cuidado de algún colegio marista. En octubre de 2021, constituimos la Comisión de Acogida y Contribución a la Reparación que, durante seis meses y de forma autónoma e independiente, conoció y estudió los antecedentes de que se disponía. [...] Simultáneamente al trabajo de esta Comisión, se conformó un equipo institucional ad hoc, cuya misión... fue preparar y liderar la delicada etapa posterior: acercamiento a cada una de las personas aceptadas como víctimas plausibles, para ofrecerles nuestras disculpas, pedirles perdón individualmente por no haberles cuidado oportunamente y por el daño causado y proceder a todo aquello que contempla el Esquema de Reparación”. [H. Pablo González Franco (Provincial). Comunicado a los hermanos y laicos maristas de Chile. Santiago, 26 de julio de 2022].

⁵⁰ H. Pablo González Franco (Provincial). Declaración Pública – Congregación Marista de Chile. Chile, 28 de julio de 2022.

nhas Mestras 2017-2021”: Evangelização de meninos, meninas e jovens. Formação e acompanhamento de Irmãos e Leigos/as. Estruturas e Província⁵¹.

A pandemia da COVID-19 tornou nossas vidas e as fez vulneráveis, distanciou-nos de nossos seres queridos e nos tirou a liberdade de estar com nossos pares. Os Setores da Bolívia, Chile e Peru não foram alheios a esta realidade. Os estudantes, Irmãos, Leigos e Leigas de cada país, empenhamo-nos em continuar nossa missão, utilizando todos os meios possíveis e apoiados pela tecnologia, seguimos congregando-nos virtualmente. Este foi precisamente o contexto no qual se desenvolveu o VII Capítulo Provincial (2021).

A partir da reflexão e aprendizagens dos Irmãos, Leigos e Leigas da Bolívia, Chile e Peru, surgem as atuais “Linhas Mestras de Atuação da Província 2021-2024”. Nelas está inserida a história dos discernimentos prévios e dos olhares estratégicos, para seguir caminhando na melhora contínua da Vida de Irmãos e Leigos através da sustentabilidade carismática, da animação vocacional e da formação permanente de

nossos educadores e animadores. Fomentando a partir de diversos ângulos a Missão Marista, buscando a qualidade educativa e evangelizadora, que promova, proteja e defenda os direitos dos meninos, meninas, jovens e, permita cultivar a liderança carismática Marista. Avançando como Unidade Administrativa para uma maior unidade e comunidade provincial, fazendo sinergia por meio do trabalho em rede⁵².

Finalmente, chegamos à atualidade e nosso relato se cruza com a história recente. É aqui onde fazemos uma recordação do presente e a partir do presente, posto que fazer memória responsabilmente é querer ser o que o passado tem tornado possível, porém também superar o que foi inviável. Dito com outras palavras, fazer memória é esforçar-nos para viver o presente com paixão e olhar o futuro com esperança; é abraçar o passado abertos ao futuro⁵³. Por isso, ao olhar o 15 de agosto de 2022, festa da Assunção de Maria, como Província Santa María de los Andes, não nos resta mais que agradecer e celebrar os 20 anos de caminhada juntos, abraçando e compartilhando nossas diversidades e particularidades, por causa de um sonho que tem

⁵¹ Avanzamos hacia una mayor integración provincial desde las realidades locales, mediante estructuras flexibles, participativas y humanizadoras, que faciliten el desarrollo de las personas, el acompañamiento de los procesos y el logro de los objetivos provinciales.

⁵² “Líneas Maestras de Actuación de la Provincia 2021-2024”. [Recuperado desde: http://www.maristas-smla.org/downloads/Lineas_Maestras_Actuacion_Provincia_2021-2024.pdf]

⁵³ GONZÁLEZ, P. (F.M.S.). (07 de agosto de 2022). “Algunas reflexiones con motivo de nuestros 20 años de vida provincial”, p. 2.



mais de 200 anos, porém que hoje, seguimos fazendo realidade na Bolívia, Chile e Peru⁵⁴.

Assim foi o início da presença Marista no Peru, Chile e Bolívia, isto é, os cimentos em que se edifica e mantém atualmente a Província Santa María de los Andes⁵⁵. São 20 anos de reencarnar o carisma nesta porção do mundo, 20 anos de reconhecer as contribuições de uma história passada que possibilita a renovação, 20 anos de buscar e fomentar em cada uma de nossas presenças, espaços de fraternidade, onde compartilhamos a vida, a fé e a missão de evangelizar a partir da educação de meninos, meninas, adolescentes e jovens, de maneira prioritária aos que estão em situação de pobreza e vulnerabilidade.

Mas também, são 20 anos de omissões e erros que assumimos com uma atitude orante, de perdão, responsabilidade e compromisso na promoção, proteção e defesa férrea dos direitos dos meninos, meninas e jovens.

Esta história, assim como a vida, segue-se construindo e se segue renovando, com cada pensamento, sonho, projeto e ação que realizamos no seguimento de Cristo ao estilo de Maria; vamos revitalizando, com viabilidade, vitalidade e esperança a união de três países que decidem, desde 2002, caminhar juntos, para concretizar da melhor maneira o sonho de Champagnat no mundo de hoje, formando desde este dia a Província Santa María de los Andes.

⁵⁴ Vídeo de la celebración virtual de la Provincia Santa María de los Andes (15 de agosto de 2022). “Celebrando 20 años de caminar juntos”. [En: <https://www.youtube.com/watch?v=VuQ-3TKrcVg>]

⁵⁵ Para una visión general de los orígenes de esta unidad administrativa, recomendamos el video “20 años del caminar como Provincia Santa María de los Andes”. [En: <https://www.youtube.com/watch?v=N1JNj1et2Fc>]



O HERBÁRIO DO COLÉGIO DE PAMPLONA

Ciência e arte na época dos museus pedagógicos



André Lanfrey, fms

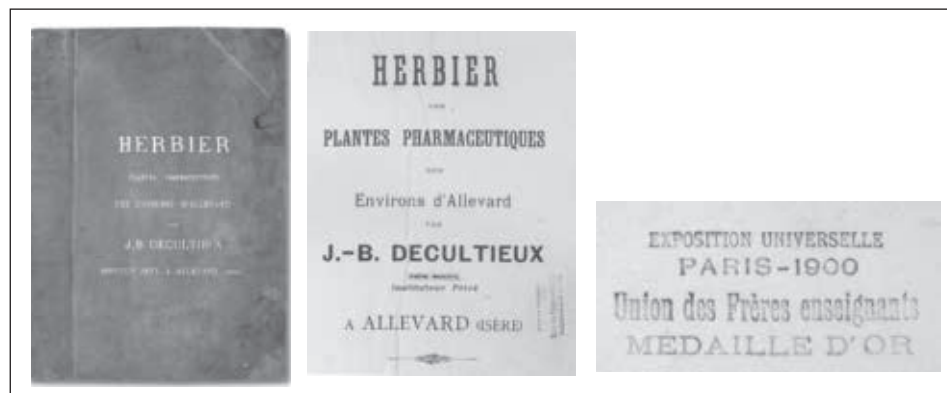


Victor Pastor, fms

O Ir. Victor Pastor da comunidade de Sarriguren, perto de Pamplona, em Navarra, informou-me da existência, na biblioteca do colégio, de um herbário premiado na exposição Universal de Paris em 1900. Suas dimensões são imponentes: 42 cm de altura por 31 de largura. Apresenta 100 plantas dissecadas coladas sobre a folha direita com um comentário científico cuidadosamente caligrafado na frente (ver abaixo). Duas tabelas terminam este herbário: a primeira dá os nomes técnicos e vulgares (comuns) das plantas; a segunda indica as enfermidades e indisposições que elas curam. Trata-se, portanto, de uma obra com

finalidade científica e farmacêutica. O título indica-nos igualmente o nome do autor e o lugar deste estudo: J. B. DECULTIEUX, professor particular em Alleverd (ISERE).

Nós sabemos que se tratava de um Irmão Marista porque, sobre a primeira página do interior do livro (ao lado) alguém colou sob seu nome uma tira de papel contendo as palavras “Irmão Marista”. A propósito Alleverd, de onde provinham as plantas estudadas, é uma pequena vila ao pé dos altos Alpes onde os Irmãos Maristas mantinham uma escola desde 1845.



Em baixo, à direita da página, foi adicionado por meio de um carimbo um conjunto de precisões, reproduzidas abaixo em formato maior, que nos informa que este herbário foi apresentado na exposição universal de Paris, em 1900. E que ele obteve uma medalha de ouro.

1 ENSAIO BIOGRÁFICO DO IR. ANTOINE MARIUS (DECULTIEUX) DE ACORDO COM SEU PERFIL ADMINISTRATIVO

Conforme meu conhecimento o Ir. Antoine Marius (1864-1946) não foi favorecido com um obituário. Vou me permitir esboçar um a partir de sua ficha de matrícula, que recapitula as grandes etapas de sua vida marista.

Jean Benoît Decultieux nasceu em Meys, nos Montes Lyoneses, cantão de Saint Symphorien-sur-Coise, numa região muito católica e dispendo de numerosas escolas maristas e fornecendo um grande número de vocações sacerdotais e religiosas. Sua ficha não menciona que ele tenha feito um tempo de juvenato. Este tipo de casa de formação começava apenas a existir. Ele entrou, portanto, diretamente no noviciado de St Genis-Laval, em 1º de janeiro de 1878, com a idade aproximada de 14 anos e tomou o hábito a 8 de setembro do mesmo ano. Terminou o noviciado em setembro de 1880, mas desde 1879 ele fez um estágio como cozinheiro na escola de Charnècles, município do departamento do Isère a uma centena de km ao sudeste de St Genis-Laval. Terminado seu noviciado ele residirá aí novamente até o fim de 1882. É uma pequena escola de duas classes, fundada em 1858. Seu primeiro diretor, o Ir. Candide

“foi substituído em setembro (1861) pelo Ir. Faustinien que estava em seu grande esplendor como herborista. Foi durante sua permanência aqui que ele foi nomeado membro da Sociedade Grenoblense de ciências naturais. Numerosos botânicos vinham se inspirar em seus conhecimentos. Suas férias e suas quintas-feiras eram totalmente consagradas às incursões sobre as montanhas para lá descobrir plantas novas.

Ele partiu uma quarta-feira depois da aula com seus dois auxiliares, viajou toda a noite e chegou à Grande Chartreuse (Grande Cartuxa, no massiço dos Pré-alpes) quinta-feira ao amanhecer. Deixando seus Irmãos no mosteiro, ele caminhou todo o dia pelas montanhas e voltou para buscá-los à tarde e chegou a Charnècles com eles durante a noite, sob uma chuva contínua. A contagem de suas andanças para vasculhar seria longa.¹”

¹ Anais de Charnècles. O verbo « fourrager » é usado aqui num sentido aproximativo e desfavorável, significando mais ou menos “vasculhar sem utilidade”.

O Irmão visitador achou que o Ir. Faustini negligenciava demais sua escola «para correr atrás das plantas». Ele foi, portanto, substituído em 1867. Evidentemente é bem mais tarde que o Ir. Antoine Marius vai fazer uma jornada na Charnècles, mas a tradição botânica manteve-se certamente nesta escola de uma maneira ou de outra. Ela era outra bem amplamente presente entre Irmãos.² E depois, após um tempo de Escolastidado em St Genis-Laval, (1882-84) certamente para adquirir o diploma elementar de professor, o Ir. Antoine Marius retorna ainda dois anos à Charnècles como professor adjunto, encarregado da classe dos pequenos. Ele exercerá as mesmas funções em Foissiat dans l'Ain, mais ao norte, e em Apprieu (Isère), de fevereiro a agosto segundo me consta.

Sua carreira de professor, portanto, no momento da promulgação das leis leigas de 1881-86, que expulsaram os Irmãos da escola pública e obrigaram a criar escolas « livres ». Assim, logo que o Irmãos Antoine-Marius foi declarado « professor privado » em Foissiat em 1887, foi que a escola pública foi laicizada e com isto ele permanece apenas como diretor da escola paroquial. Em 1892, ele passa um ano em St Genis-Laval, certamente para aí preparar o diploma de educação superior para o qual eram chamados apenas os Irmãos julgados capazes de estudos mais aprofundados.

Ele se torna em seguida, diretor da escola privada de Alleverd, pequena estação termal e centro de indústrias metalúrgicas, na beira do grande vale de Grésivaudan, não distante da cidade de Grenoble. De 1893 a 1900, ele tem o tempo de percorrer estas montanhas para nelas descobrir a flora e elaborar o herbário que será apresentado na exposição universal de 1900, atualmente conservado em Pamplona. Ele é certamente um herbário de uma tal qualidade que supõe uma longa prática de botânica e que o Ir. Antoine Marius tinha começado a elaborar bem antes de sua estada em Alleverd, onde a presença de um segundo herbário, ao qual faz alusão o Ir. Victor Pastor, dá a entender a inclusão de plantas de origens mais diversas.

A supressão da congregação pelo governo francês em 1903 obriga o Ir. Antoine Marius a mudar de lugar porque a administração empreende sistematicamente acusações judiciais contra os religiosos que se secularizam no local. Ele passa a exercer como professor secularizado em Maîche, no departamento de Doubs, no coração do maciço de Jura. Mas, como aí chegaram numerosos secularizados, sua nova situação de religioso clandestino interrompeu-se rapidamente; e em 1904, ele se retira na Itália, perto de Torino e da nova casa-mãe, em San Maurizio Canavese onde foi instalado o noviciado da província de St Genis-Laval. É lá que

² Ver especialmente os Anais das escolas de Aveize, Jonzieux e St Médard.

ele faz o Voto de Estabilidade a 18 setembro 1906.

A partir de 1909, ele passa da função de professor para tarefas mais administrativas.³ E neste tempo já é um homem relativamente idoso. Sua nomeação a Carmagnola, em 1918, parece bem lógica para um especialista da botânica porque os Irmãos Maristas produzem aí o licor do Arquebuse, composto de uma trintena de plantas. Uma parte da produção era repatriada para St Genis-Laval após a aquisição da casa-mãe em 1926, é bem lógico que o Ir. Antoine Marius vem aí para participar nesta atividade, pelo menos na medida de suas forças porque ele tinha 71 anos quando retornou à França, em 1935. Quanto tempo ele ainda trabalhou efetivamente na destilaria do Arquebuse? Quando ele faleceu em 1946, é provável que ele residia, depois de um certo tempo, na enfermaria da casa.

2..UM DOCUMENTO DE INTERESSE CIENTÍFICO E ESTÉTICO

Voltamos agora ao estudo do herbário como tal. O fato que ele obteve uma medalha de ouro pesa em favor de seu valor científico. Mas é preciso o parecer de um especialista sobre este ponto. Nós estamos muito inte-

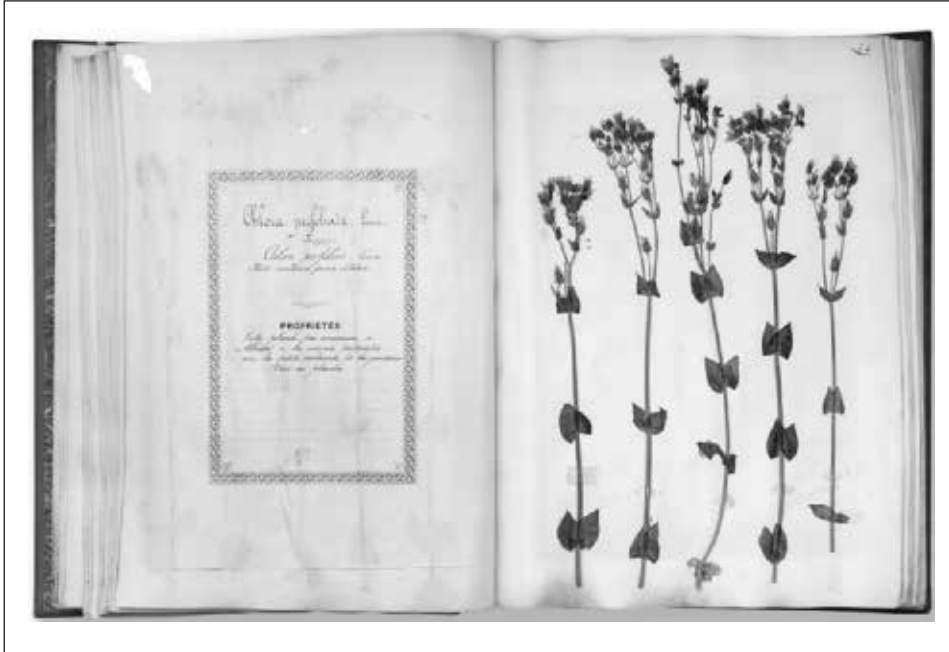
ressados por seu valor estético e histórico. E algumas das pranchas que nós apresentamos são, acreditamos, convincentes sobre este assunto. Os textos por si mesmos, cuidadosamente escritos e elegantemente enquadrados contribuem para reforçar a impressão de estarmos diante de uma obra de arte. Era naquele tempo o objetivo procurado. Infelizmente, o documento está hoje muito frágil e deve ser tratado como se tratasse de um papiro egípcio. Está, portanto, na hora de falar dele a fim de que reste alguma coisa dele na memória do Instituto.

3. UMA INICIATIVA DO IR. VICTOR-PASTOR

A ideia inicial de apresentação de um tal trabalho vem do Ir. Victor Pastor, atualmente nos seus noventa anos, que me informou sobre a presença deste herbário na biblioteca dos professores de Pamplona. Tendo visto sua fragilidade, colocou-o num lugar seguro, consciente que se tratava de uma obra patrimonial importante para um Instituto com vocação de ensino.

O Ir. Victor Pastor conhece bem o assunto abordado porque ele recentemente publicou um livro intitulado: « Uma farmácia em Los Arcos (Navarra) nos séculos XVII e XVIII » no qual ele apresenta 573 produ-

³ Os registros de deliberação do Conselho Geral trazem a marca do seu nome quando se trata de algo relacionado com o Arquebuse.



tos farmacêuticos de forma precisa: não científica, descrição, ingredientes ativos, aplicações farmacêuticas através da história. Pode-se mesmo julgar que o herbário de Pamplona, mesmo reduzido a plantas e flores, é uma obra singular, ao mesmo tempo elegante e científica, justificando não somente a atribuição de uma medalha de ouro em 1900, mas ainda uma apresentação atual de boa qualidade e talvez mesmo uma reprodução integral em fac simile.

4. OS RESTOS DE UM SEGUNDO HERBÁRIO DO MESMO AUTOR

O Ir. Victor Pastor ocupou-se também de um outro herbário. É anôni-

mo, mas a disposição das plantas e a escrita indicam claramente que ele procede também do Ir. Décultieux. Seus “folhetos soltos”, tendo sido maltratados, ele recolheu 49 e os fez encadernar pelas Carmelitas de Donamaría, o que salvou esta segunda coleção. Um professor da Universidade de Navarra indicou que estas plantas eram repartidas nas categorias seguintes: “Pteridófitas” (ptéridofytes ou cryptogamas vasculares em português), “helechos” (samambais) e “falsos helechos” (falsas samambais?).

Essas fichas não especificam se essas plantas têm propriedades medicinais, mas indicam sua localização. Pelo menos vinte e duas dentre elas vêm da região do Allevard, mas nós encontramos outras procedências

quase sempre ligadas à proximidade de um ou mais estabelecimentos Maristas como: Ardèche, Romans (vale do Ródano), Pilat, L'Hermitage, Haute Saône, Toulon, St, Etienne de Crosset (Isère, ao pé do maciço da Chartreuse/Cartuxa), Bords du Gier à L'Hermitage, Bevenais (Isère) (5 exemplares), Lauteret (pode ser colina do Lautaret), Saint Genis Laval, Les 7 Laus (Isère, ou ao sul de Grenoble), Suisse, Pierre sur Haute (maciço do Forez). Estes lugares de coleta de ervas do Ir. Decultieux ou dos coirmãos botânicos são todos do sudeste da França, salvo algumas plantas que provêm da região de Plougastel, na Bretanha. Apa-

rentemente o Ir. Antoine Marius se serviu deste herbário mais antigo e mais eclético para compor aquele de 1900. Mas é preciso pesquisar as circunstâncias da composição deste herbário.

5. A EXPOSIÇÃO DE PARIS E AS CONGREGAÇÕES DE IRMÃOS EM 1900

Encontro nas deliberações do Conselho Geral de 14 de junho de 1898, a tomada de decisão sobre este assunto:

“ Reunião dos Superiores Gerais de oito Comunidades em Paris, Rua Pernety, 48, sob a presidência do R. Ir. Théophane. [...] Foi decidido entre outras coisas, a participação das escolas de Irmãos na Exposição de 1900. Vamos avisar o mais cedo possível os Irmãos diretores de nossas escolas a fim de que eles ordenem a confecção de cadernos, etc. ... que poderão ajudar a produzir um caderno modelo antes de ser adotado por todas as nossas escolas”.

Essa decisão precisa situá-la no contexto difícil em que se encontram as congregações de irmãos que procuram se unir a fim de melhor resistir às agressões da república antirreligiosa. O fato que esta reunião seja dirigida pelo Ir. Théophane num estabelecimento dos Irmãos Maristas mostra que os Irmãos das Escolas Cristãs não estiveram presentes⁴. Pela decisão de participar na próxima exposição universal, as congregações de Irmãos querem mostrar à opinião que a qualidade da educa-

ção que eles dão não tem nada para invejar àquela da escola pública. E ainda, é ocasião de não deixar aos Irmãos das Escolas Cristãs o monopólio da representação dos institutos de Irmãos.

O volume 9 das Circulares (1896-1900) dá numerosas precisões sobre a organização dessa participação. A 12 de novembro de 1898 (C. 9, p. 3411) lembra-se que desde julho de 1898 os Irmãos foram convidados a preparar alguns trabalhos de alunos e

⁴ Se eles tivessem participado, teriam certamente presidido.

levá-los à casa provincial, certamente pela ocasião dos retiros, para serem examinados antes pela comissão provincial. Depois, após o exame, uma comissão central na Casa Mãe « estabeleceu as instruções necessárias para os trabalhos escolares que vós deveis fazer executar durante o decorrer do ano 1898-1899, para ser exposto em 1900 ». E a circular de terça-feira 10 de janeiro de 1899, completará a lista dos trabalhos dos alunos considerados.

Após esta descrição bem detalhada, são rapidamente lembrados os « trabalhos dos mestres » que « poderão tratar das diferentes questões dos programas. A iniciativa é deixada a cada um ». A circular sugere alguns, tais como: mapas para o ensino da geografia; coleções de modelos ao natural para o ensino do desenho; coleção de insetos nocivos e úteis à agricultura, essências de madeira, de minerais, de fósseis, etc, etc ». De todas essas diretivas, nós guardamos a impressão de que a prioridade é dada aos trabalhos dos alunos, e que os dos mestres não são muito encorajados.

Prazos estão previstos:

« Todos os trabalhos solicitados aos alunos deverão ser preparados durante o decorrer do ano 1898-1899. [...] Os trabalhos dos Mestres, assim como das escolas situadas em regiões muito distantes, poderão apenas ser enviados à Casa-Mãe pelo princípio de dezembro de 1899 ».

Uma última recomendação é particularmente importante: os álbuns de desenhos serão encadernados por casas; eles terão sobre a capa a designação da escola. É por isto que o herbário de Pamplona traz o nome da escola de Allevard. Foi lá que ele foi composto e costurado em 1898-1900, depois comunicado à casa-mãe antes de aparecer no assentamento universal sob o título de obra da União dos Irmãos ensinantes.

A 27/12/1899 (C. 9, p. 540) o Superior geral dá o aviso! Os cadernos de deveres escolares deverão ser enviados antes de 20 de janeiro para que eles sejam montados em álbuns. Para os trabalhos já montados, o último prazo é fim de fevereiro. A circular de 17/05/1900 (C. 9, p. 567) pouco antes da abertura da exposição é incrível porque ela proíbe aos Irmãos de a visitar:

« eles não estarão em seu lugar em meio desta multidão ávida de curiosidades e de prazer, e [...] estarão fora do caminho da obediência»

É verdade que em 1900 as congregações são condenadas a uma prudência, mas a medida é assim mesmo muito rude.

Em 21/12/1900 (C/ 9, p. 596), a exposição terminada, a circular lança « um olhar retrospectivo sobre o ano de 1900 » que comporta particularmente estas palavras:

« Agrada-me igualmente vos exprimir minha satisfação pela boa vontade com a qual muitos dentre vós responderam ao nosso apelo pela ocasião da Exposição universal. Os trabalhos que nos foram enviados, tanto aqueles dos mestres como aqueles dos alunos, ultrapassaram realmente nossas esperanças. Junto à coleção de nossas obras clássicas, eles ocuparam na seção do Ensino, um lugar de honra junto com aqueles, não menos recomendáveis, das Congregações às quais a nossa estava associada. O conjunto foi fortemente apreciado pelos visitantes e pelo júri. »

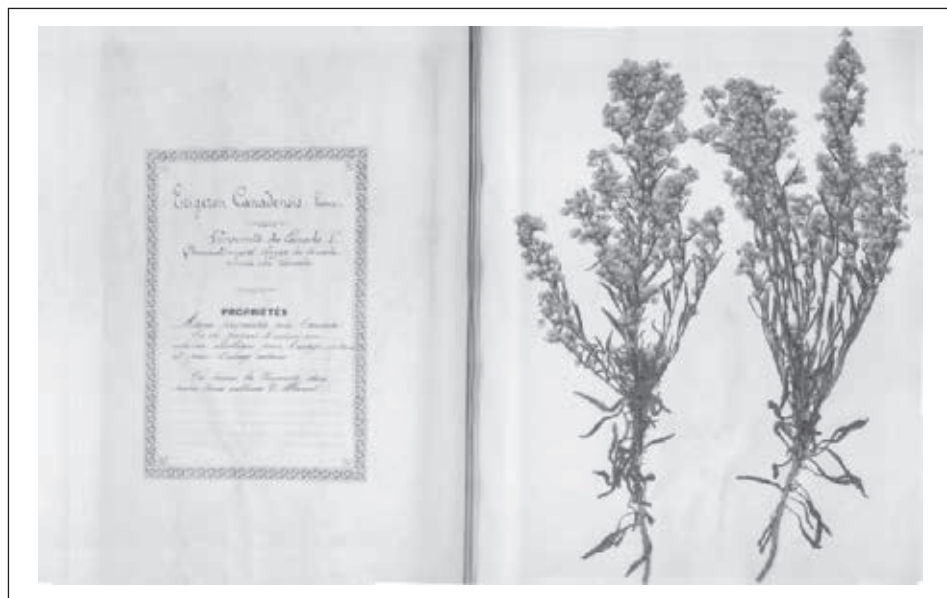
Esse mesmo texto explica-nos também o porquê de M. Decultieux não levar mais seu título de Irmão Marista, mas somente o de profes-

sor primário livre e também porque seu herbário é patrocinado por uma « União de Irmãos professores ».

« Eu devo vos dizer que logo que os Superiores gerais das Congregações unidas decidiram participar da Exposição, eles concordaram entre si de aceitar apenas recompensas atribuídas à coletividade e não aos Institutos em particular. Devia ser assim para evitar, em público, toda comparação entre um e outro Instituto, relacionadas às recompensas obtidas. Em consequência, a União de Irmãos professores terá que recusar as recompensas especiais que o júri estava disposto a dar aos autores dos melhores trabalhos, além daqueles concedidos à associação. »

Em definitivo, essa União dos Irmãos obteve duas medalhas de

ouro (entre elas a de M. Decultieux certamente) e duas medalhas de



prata para o ensino primário; uma medalha de bronze para o Ensino moderno; duas medalhas de prata para o Ensino agrícola; uma medalha de prata e uma medalha de bronze para o Ensino profissional.

6. ITINERÁRIO POSSÍVEL DO HERBÁRIO

Nós sabemos mais ou menos que nestas condições o herbário foi realizado. Mas como explicar que, confeccionado por um Irmão da província de St Genis-Laval que não tinha extensão na Espanha, ele pôde chegar ao colégio São Luís na cidade de Pamplona?

O Ir. Victor Pastor lembra que os primeiros Irmãos Maristas já tinham se estabelecido em Navarra, na pequena cidade de Sangüesa, em 1902 e ali permaneceram por dez anos. A localidade guardou uma boa lembrança de seus educadores e pediu para celebrar o centenário deste acontecimento em 2002. Houve no local uma exposição e conferências na Casa da Cultura (Palácio Valle Santoro), um belo prédio barroco, que foi a sede da escola. Mas compreende-se facilmente que Pamplona, capital de Navarra, tenha substituído esta primeira escola navarrense dos Irmãos Maristas. O Boletim do Instituto n° 43 (março de 1916) relata longamente os inícios difíceis do colégio.

« Foi a 15 de maio de 1903, que três Irmãos, sob a orientação do Irmãos Théodore-Joseph, então Visitador para a Espanha, vieram se instalar, em meio de uma penúria que podemos somente comparar com aquela de Nazaré ou de La Valla; e, a 1° de junho do mesmo ano, após a obtenção da autorização do Governo Civil, abriram-se os cursos com 2 alunos e 8 lições particulares. No retiro, o Irmão Basile foi nomeado Diretor; mas ele ficou pouco tempo. Ele partiu para a França e foi substituído pelo Irmão Mélasius.⁵ Os alunos, quando se reabriram as aulas, eram em torno de uma dúzia. »

O Ir. Victor Pastor confirma essa privação dos primeiros Irmãos e considera, com razão, que em 1903 o herbário não podia fazer parte de sua magra bagagem. Em compensação eu encontro no compêndio das deliberações do Conselho Geral dos Irmãos Maristas a passagem seguinte:

« 12 de fevereiro de 1908. Espanha - por proposição do Conselho provincial da Espanha, o Conselho Geral aceita a demissão do Ir. Mélasius como diretor de Cabezon de la Sal, dão-lhe como sucessor o Ir. Alberto; e autoriza os Irmãos da província a tomar parte na exposição de Saragoça".

⁵ Segundo o arquivo Access: Joseph Fabien Colombin, nascido em 08/04/1875 em Bagnes no Valais (Suíça). Desde 1891 ele está em Mataró como cozinheiro, depois professor em diversos estabelecimentos da Espanha. Em 1903-1905 é declarado administrador em Pamplona antes de exercer em 1905 como administrador (diretor) em Carrión de los Condes em março, em seguida Cabezon de la Sal em agosto.

Trata-se de uma exposição hispano-francesa, comemorando de maio a dezembro de 1908, o centenário do cerco sangrento de Saragoça, dentro de um espírito de reconciliação certamente. É, portanto, possível que a província de Espanha, composta por Irmãos espanhóis e franceses, estava interessada no projeto e procuraram certamente trabalhos realizados por ocasião da recente exposição universal de Paris, entre os quais o herbário do Ir. Antoine-Marius Decultieux. Esta hipótese explicaria por que o herbário leva a menção da medalha de ouro obtida em Paris visto que a cobertura original de 1900 não podia mencionar essa recompensa porque ela não tinha sido ainda atribuída. E o uso desta obra num contexto novo podia justificar que se especificasse que M. Decultieux era um Irmão Marista do qual a obra obteve uma distinção lisonjeira.

No entanto, essas hipóteses não explicam o porquê desses herbários,



⁶ Nascido em 1895 em Castellón de Farfaña, província de Lérida, ele reside em Las Avellanas de 1943 a 1965 onde trabalhou muito nos arquivos notariais para recuperar terras pertencentes ao mosteiro de Sta Maria de Les Avellanes, (Ver Bulletin de l'Institut, janeiro 1966, n° 201). De acordo com sua ficha access, residiu em Pamplona em 1912-1916 e de 1918 a 1937.

⁷ Não se trata do Irmão assassinado em Barcelona em 1909. Segundo sua ficha access seu nome é Angel Roba Osorno, nascido em Sasamon Castrojeriz, província de Burgos, em 1895. Residiu em Pamplona de 1914 a 1918.

⁸ O Ir. Victor Pastor assinala que um dos Irmãos chegados a Pamplona em 1903 praticava a taxidermia.

se foram destinados à exposição de Saragoça, reencontram-se agora em Pamplona. O Ir. Victor Pastor sugere que eles possam ter vindo de Mataró-Valdemia pelo Ir. Ramón Nonato, um catalão, que chega a Pamplona em 1914.⁶ Este poderia ser também o Ir. Licarion.⁷ Mas todas estas hipóteses são bem frágeis. Pessoalmente, privilegiarei a pista Grugliasco-Mataró-exposição de Saragoça, mas sem mais. Nós nos contentaremos, pois, com uma certeza: o colégio de Pamplona dispõe de dois herbários dos quais conhecemos o autor e a origem sem bem saber quando e como eles chegaram aí.

7. OS MUSEUS ESCOLARES

Esses herbários não são somente interessantes por eles mesmos, mas devem ser vistos como peças do que nós nomeávamos outrora de museus escolares, organizados nos pensionatos e casas provinciais, contendo coleções diversas tais como minerais, conchas, animais empalhados,⁸ herbários, objetos arqueológicos... Até mesmo certas escolas primárias podiam

dispor de um armário servindo daquilo que no século XVIII era chamado de « gabinete de curiosidades ». Eles podiam servir à instrução das crianças, mas eram também uma fonte de prestígio para o estabelecimento e os professores que deles se ocupavam. Existem numerosos estudos sobre estes museus muito espalhados antes de 1914, nos estabelecimentos públicos e privados.

Além disso o Ir. Victor Pastor nos disse que no colégio de Pamplona existia, pelos anos 1917, um pequeno museu de história natural compreendendo um esqueleto, conchas, minerais, numerosos pequenos invertebrados conservados no

formol,⁹ algumas pedras: quartzo, calamina... No decorrer do tempo, o museu ficou abarrotado com coleções de borboletas, de pássaros e de mamíferos da região, e mesmo da Venezuela. Já não havia herbários, mas eles faziam parte, quem sabe, da biblioteca mais do que do museu.

8. O MUSEU ESCOLAR DA CASA-MÃE DE GRUGLIASCO

O Ir. Stratonique fez organizar em Grugliasco

« uma espécie de museu escolar, onde seriam reunidas e classificadas metodologicamente amostras de tudo o que a iniciativa de nossos Irmãos, nos diversos países onde estão espalhados, podem encontrar de melhor e verdadeiramente apropriado para favorecer a instrução e a boa educação dos estudantes ».

Essa “Exposição escolar permanente » que ocupou um andar acima do dormitório do segundo noviciado, nos é apresentada pelo Boletim do Instituto de julho de 1912 (p. 655). Encontram-se aí trabalhos dos juvenistas de Saint-François Xavier, do Noviciado e do Juvenato de San Maurizio e do Bairro do Noviciado de Pommerœul na Bélgica, dos alunos da Escola normal de Arlon; do pensionato de Péruwelz;¹⁰ A pro-

víncia do Brasil Central enviou uma trintena de livros da coleção FTD em português. A província da China fez o mesmo com livros em chinês. Da Colômbia e do México, particularmente do juvenato de Popayán e daquele de Jacona, o Ir. Michaélis, contribuiu com amostras de trabalhos. « Isto será como uma síntese, um resumo, uma imagem em taquígrafia da atividade do Instituto », diz o autor do artigo.

⁹ Alguns procedentes da França.

¹⁰ Podiam também ser vistos ali alguns trabalhos do mesmo tipo enviados pelo Colégio da Inmaculada Concepción da rua Lauria, em Barcelona.

A criação desse museu é evidentemente ligada à celebração do centenário do Instituto que se aproximava (1817-1917). É por isto que a circular de 2 de fevereiro de 1913, (C. XII, p. 234) lembra aos provinciais e diretores de todas as províncias que eles devem enviar os trabalhos para esta « exposição esco-

lar permanente » que deverá compreender até os planos das casas do Instituto. Um novo artigo no BI n° 29 (setembro de 1913) intitulado « Através da Exposição escolar permanente » sublinha os progressos realizados depois de um ano para preencher a exposição e retomar uma tradição:

« Antes de tudo, dos dois lados da entrada [...] teve-se a feliz inspiração de reunir as mais belas peças do museu etnológico organizado outrora em Saint-Genis pelo Irmão Euthyme,¹¹ e que foi salvo em grande parte do desastre de 1903. Lá, sob as vitrines [...] podem-se ver belas e várias amostras de armas, de utensílios, de objetos de adorno, de culto, constituindo como uma síntese de costumes, da religião e da indústria primitiva dos povos da Oceania. Foram acrescentados muitos outros objetos similares provenientes dos povos da China, da Indochina, da Colômbia, do México e de outros países onde nós temos escolas. »

Vêm na sequência os trabalhos dos juvenistas de St François Xavier, um álbum realizado pelo Colégio Saint-Joseph, de Figueras, contendo “uma síntese do trabalho feito nas primeiras classes do Colégio”. Figuram ainda muitos outros objetos similares de trabalhos provenientes de colégios de Alagoinhas, de Maceió, da Bahia e de Belém pertencentes à província do Brasil Norte, do juvenato de Popayán (Colômbia).

É um pouco surpreendente que o artigo não menciona nenhuma obra realizada pelos Irmãos além das coleções do Ir. Euthyme, considerado

como o grande erudito da congregação. Mas já nos textos de 1898-1900, sobre a preparação da exposição de Paris, mal foram mencionados os trabalhos dos Irmãos. Existe lá uma linha da tradição monástica e da humildade marista. Mas também os superiores ficaram prudentes em relação a certas paixões de Irmãos pelas ciências que correram o risco de lhes fazer negligenciar seus deveres de estado dando-lhes demasiadas vezes ocasião de deixar a comunidade e de estabelecer relações estreitas com o mundo leigo. Muitas vezes é só nos obituários que se mencionam as obras dos Irmãos.

¹¹ Ver a notícia necrológica do Ir. Euthyme que o apresenta como geólogo, botânico, arqueólogo. Em 1903 uma parte de suas coleções foi cedida às faculdades católicas.

9. ALGUMAS INFORMAÇÕES SOBRE OS IRMÃOS BOTÂNICOS

Por exemplo, no Boletim do Instituto I n° 6 (novembro de 1909) é feito um breve elogio do Irmão Antheleme, nascido em 2 de setembro de 1840, admitido ao noviciado de Saint-Genis-Laval em 1860, profes-

sor e depois diretor em numerosas escolas primárias:

« Ele tinha pela botânica e os outros ramos da história natural uma espécie de paixão que o fez entrar em relação com numerosas personalidades do mundo do conhecimento, junto aos quais ele adquiriu uma grande estima ».

O BI n° 82 (outubro de 1930) destaca longamente o Ir. Carolus, (1848-1930):

« Após um estágio de um ano como cozinheiro em Anse, nós o encontramos professor em Oyonnax, pequena cidade industrial situada sobre as encostas do Jura, no departamento do Ain. A Providência quis que ele encontrasse neste local um coirmão que amava muito a botânica e lhe fez assimilar os elementos. Os passeios de fim de semana estavam consagrados a percorrer as montanhas do entorno em busca das mais belas amostras da flora da região. »

Como essa paixão suscitava reservas junto aos superiores, o relato fúnebre precisava:

« Ele sabia que a escola é feita para os alunos e não os alunos para a escola, assim ele descartou do seu ensinamento tudo o que não tinha uma utilidade prática para as pessoas do campo ».

E a botânica não afetou sua vida religiosa: em Cailloux, vila à margem do Saona, a população o considerou como um santo.

10. O FIM DOS MUSEUS ESCOLARES

É no capítulo geral de 1946 que nós encontramos uma espécie de narração sobre o fim dos museus escolares no relatório da comissão

« Formação da inteligência junto aos nossos alunos e ensinamentos diversos », cujos autores gostariam que se multiplicassem as bibliotecas escolares, mas têm um parecer mais reservado sobre os museus pedagógicos:

“Da biblioteca, parece bem natural passar à questão dos museus escolares, dos gabinetes de física e de história natural, dos laboratórios.”

O relatório reconhece que “os museus escolares tiveram seu tempo de utilidade, pelo menos na França”, mas tornaram-se obra pessoal de um Irmão. Quando ele desaparece:

“museu escolar e coleção tomam o caminho do sótão, quando não era o caminho da rua. Assim, o trabalho de vários anos é dizimado por descuido e ignorância. É um fato, que parece bastante geral.”

Certamente, o relatório preconiza que museu escolar e coleções diversas (de pássaros, de insetos, de mi-

Table I.
des noms techniques et des noms vulgaires
des plantes de cet Herbar.

Noms techniques	Noms vulgaires	Folios
<i>Achillea millefolium</i>	Mullequilles; Saiguo-voz.	1
<i>Alchemilla Alpina</i>	Alchemilla des Alpes; Sainete.	2
<i>Alchemilla vulgaris</i>	Kantau de Notre-Dame.	3
<i>Agrimonia eupatoria</i>	Agrimone.	4
<i>Althaea officinalis</i>	Guimauve.	5
<i>Angelica sylvestris</i>	Angelyce sauvage.	6
<i>Anthyllis vulneraria</i>	Vulnérario; Anthyllide.	7
<i>Arnica montana</i>	Arnica des montagnes.	8
<i>Artemisia abrotanum</i>	Citronnelle.	9
id absinthium	Grande Absinthe.	10
id vulgaris	Armoise.	11
<i>Asplenium trichomanes</i>	Dauidelle; Fucus Capillaire.	12
<i>Astragalus major</i>	Grande Astragale.	13
<i>Asperula odorata</i>	Reine des bois; Asp odorante.	14
<i>Avena sativa</i>	Avoine; Avoine noire.	15
<i>Betonica officinalis</i>	Betoine officinale.	16
<i>Bidens tripartita</i>	Bideset.	17
<i>Brunella vulgaris</i>	Brunelle commune.	18
<i>Bryonia dioica</i>	Navel du diable; Bryone.	19

nerais ...) sejam encorajados, mas por razões superficiais: « eles fazem uma bela figura num parlatório¹², sem falar de sua utilidade no ensino». Com efeito, pelos autores do relatório, o tempo dos museus escolares passou. Como passou aquele da caligrafia « em re-

cuo na maior parte de nossas escolas » por causa da datilografia. Assim, a ciência e a arte caligráfica tão fortemente ligadas no museu escolar – e particularmente no herbário que nós estudamos – conhecem juntos uma marginalização definitiva.

¹² Os parlatórios das casas provinciais de St Genis-Laval e Varennes-sur-Allier, por exemplo, dispunham de um museu até uma data recente.

O relatório preconiza prudentemente a instalação de « gabinetes de física, de história natural e laboratório» mesmo que eles sejam caros. Mas, um estabelecimento pode possuir, « no final de alguns anos, ricas vitrines de aparelhos de física, de produtos químicos, de coleções variadas ». O Instituto sai, portanto, não sem resistência, de uma concepção da ciência amplamente fundada sobre a observação e o catálogo de elementos da natureza. O laboratório substitui o museu. Todavia:

« É indispensável que o professor de ciências tenha uma cultura filosófica e conhecimento apologetico bastante extensos a fim levar aos seus alunos as luzes próprias para esclarecer as dúvidas religiosas que poderão surgir, em seu espírito, com o estudo das ciências físicas e naturais”.

Essa antiga crença da oposição entre ciência e fé permanece, pois, presente, mesmo se um bom grupo de Irmãos manifesta há tempos a sede de conhecimentos científicos

Table II
Maladies et indispositions traitées par l'emploi des plantes de cet Herbar.

Maladies	Plantes	Maladies	Plantes
Amygdalie	92-91	Erugineux	71.
Asthme	26-71-21	Erucicums	70.
Atonie	70-54-26-25-10-5-30-18-	Epilepsie	25-10.
"	85-87-35-71-60-40-47-21.	Epinotic	40-50.
"	6-10-14-11-55-86-81-2-74-22	Erysipèle	71-
"	50-79-42-25-24-41-	Esquinancie	72-
Dysenterie (maladie)	40-	Excorsation	93-
Emandement de la tige	73	Fievre	21-24-40-53-86-87.
Bronchite	31-25-26	Fievre intermittente	10-56-42-85.
Bubilux	89	Fluxion de la tige	82.
Cataractes	55-45-42-75-71-25.	Foie (maladies du)	34-25-76-24.
Cholera morbus	26	Folie	26.
Coux (maladie du)	30.	Fouilles	3-4.
Circulation lente	11-14-4-12-21-40-27-10-20.	Fractures	82.
"	74-82-87-18-18-30	Gastralgie	19-9.
Coliques	18-2-22-25-35-37-42-45-	Gencives (maladies du)	70.
"	47-66-67-72-81-88-95.	Gorge (Anatomie)	3-4-43-70-75.

próprios à sua profissão de professor, num meio que lhes é próprio; e sem encontrar aí uma contradição com sua condição de religioso.

CONCLUSÃO

Nosso artigo apoia-se, portanto, sobre dois pilares complementares: por um lado, o estudo de um herbário cujo valor histórico e estético é grande, ao mesmo tempo que testemunha de todo um ideal científico e pedagógico do Instituto. O segundo pilar é a ocasião que ele oferece de evocar todo este mundo dos museus escolares indo dos modestos armá-

rios das escolas de aldeia até exposições prestigiosas de trabalhos sofisticados. Vimos que este mundo pedagógico está já largamente em declínio após a segunda guerra mundial.

O que nos resta hoje de todos estes cadernos, herbários, coleções diversas? Muitos desses trabalhos considerados como « velharias » foram destruídos ou deixados sem cuidados de conservação. Importa hoje em dia dar às obras que subsistem daquela época o status de testemunhas do patrimônio intelectual do Instituto, e mesmo por vezes de obras de arte pedagógica. É isto que nós tentamos fazer nestas poucas páginas.





A LONGA MARCHA RUMO AO RECONHECIMENTO LEGAL DOS IRMÃOZINHOS DE MARIA (1822-1851)

Realidade político-religiosa e projeto místico



André Lanfrey,
fms

O Ir. Gabriel Michel (1921-2008), bem conhecido historiador do Instituto, dedicou um longo estudo aos esforços envidados para obter do governo francês uma portaria que reconhecesse os Irmãozinhos de Maria (IM) como associação caritativa de ensino. Este problema envenenou a vida de M. Champagnat, contribuindo para sua morte prematura. E foi o Ir. François, seu sucessor que, não sem dificuldades, obteve este estatuto oficial, em 1851.

Uma primeira obra, intitulada Marcelino Champagnat e o reconhecimento legal dos Irmãos Maristas, foi publicada em 1986, sob forma de caderno tamanho A4, de 301 páginas¹. Na introdução, o Ir. GM já afirmava sua intenção de abordar a questão do reconhecimento legal em sua totalidade.

«Os Irmãos Maristas sabem que seu Fundador, Padre Champagnat, enviou esforços extraordinários e reiterados a fim de que sua congregação fosse legalmente reconhecida pelo governo francês, e que não obteve bom êxito. Às vezes, eles interrogam-se: podemos saber a verdadeira razão disto? [...] Mais tarde, outro volume poderia narrar a história da segunda etapa (1840-1851), que desta vez, como sabemos, foi muito bem-sucedida».

Recebi pessoalmente a primeira obra, acompanhada por um cartão datado de 17 de setembro de 1986, que situa sua redação muito antes da data de publicação, provavelmente nos anos 1970-1980.

«O Ir. Gabriel Michel (nome impresso) gostaria de lhe pedir que veja em anexo um estudo que já foi (palavra sublinhada) realizado há muito tempo, mas que acaba de ser publicado pela tipografia carmelita. Trata-se de uma tiragem de 200 exemplares. Fraternalmente».

¹ Não obstante seu formato incomum, é catalogado como livro pela Bibliothèque Nationale de France.

O Ir. Gabriel Michel mandou imprimir² seu segundo volume, intitulado *O Irmão François e o reconhecimento legal dos Irmãos Maristas (1840-1851)*. Menos volumoso do que o primeiro (112 págs.), foi composto nos anos de 1987-1990. Dado que talvez estes dois volumes impressos em St Chamond tenham tido uma difusão limitada, a Casa geral de Roma voltou a editá-los por volta do ano 2000, sob a forma de cadernos tamanho A4.³

1. INTERESSE E LIMITES DAS DUAS OBRAS

Eu tinha grande interesse pela problemática do Ir. GM, que se interrogava por que o instituto demorara tanto tempo para obter um estatuto civil. Mas parecia-me que seu texto não explicasse bem os fracassos na época do fundador, nem o sucesso final alcançado pelo Ir. François. Parece-me que, preocupado em apresentar os numerosos documentos⁴ sobre este assunto, tirados dos Arquivos departamentais de Loire, da Arquidiocese de Lyon e até dos Arquivos Nacionais, o Ir. GM foi mais descritivo do que explicativo. Portanto, é necessário valorizar o fruto de suas pesquisas com explicações mais sistemáticas. Por isso, decidi reformular estes traba-

lhos em um único volume, sem me abster da reinterpretação desta história complicada, nomeadamente à luz dos trabalhos do Ir. Pierre Zind, autor de uma tese sobre «As novas congregações de Irmãos professores na França, de 1800 a 1830», em 1969.

Portanto, não trabalhei exatamente com o mesmo espírito do Ir. GM, que não põe claramente em evidência que até 1832 foi D. de Pins quem procurou várias vezes, sem sucesso, obter uma portaria real. Champagnat só interveio diretamente neste assunto depois da lei Guizot (1833), sobre o ensino primário. Além disso, GM é demasiado fiel à tradição historiográfica do Instituto, que ofusca de maneira exagerada o vigário-geral Bochart e reserva elogios excessivos a D. de Pins, bastante desastroso em suas iniciativas. Ele subestima também a importância da revolução de 1830, que dá origem a um regime liberal imbuído, até seu colapso em 1848, de uma grande desconfiança em relação às congregações e associações. Sob este regime, é praticamente impossível que uma congregação se faça reconhecer até como simples associação caritativa.

Esta subestimação da revolução de 1830 é influenciada por uma história do Instituto, que a apresenta

² Pela "Imprimerie St Chamond", no 1º trimestre de 1991.

³ Mas sem os índices temático, onomástico e topográfico, nem a cronologia, e nem sequer um sumário.

⁴ Aproximadamente 140, incluindo uma série de obras inéditas.

de maneira exagerada como uma aventura gloriosamente superada, uma vez que marca o fracasso de uma tentativa de recristianização do país e o início de um domínio total do Estado sobre a educação. Efetivamente, é com a lei Guizot (1833) que tem início a obra de marginalização das congregações de ensino. Isto explica os fracassos de Champagnat depois de 1830, que devem ser interpretados como a primeira manifestação da corrente monopolizadora e laicista do Estado, e que levará ao estabelecimento de uma escola laica, a partir da década de 1880, e à destruição das congregações em 1903.

2. DOIS IMPORTANTES PROBLEMAS POLÍTICO-RELIGIOSOS: A ASSOCIAÇÃO E A EDUCAÇÃO

É o Ir. Pierre Zind (Louis-Laurent) que, em sua última obra,⁵ nos permite situar devidamente o problema marista ao longo da história. Em primeiro lugar, embora suspeitasse das associações, contudo o Estado real autorizava numerosos organismos intermediários, como as ordens religiosas e as associações corporativas comerciais. A Revolução (1789-1799) romperá todas estas redes de solidariedade, passando a confrontar-se unicamente

com os indivíduos. Eis toda a ambivalência da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. E é sobre esta tabula rasa que os revolucionários pretenderão remodelar uma nação de acordo com seus pontos de vista, nomeadamente no campo da educação.

Em seguida, Napoleão (1799-1814) tentou uma espécie de via intermédia. Restaura a Igreja, mas não volta atrás na supressão das ordens religiosas, consideradas inúteis (os monges) ou perigosas (os Jesuítas). Mas aceita de boa vontade as congregações femininas, que abundam um pouco em toda parte e socialmente são muito úteis, sem constituir um perigo político. A fim de fundar um sistema educacional de Estado, em 1808 cria a Universidade imperial, com a ambição de controlar toda a educação masculina, exceto os seminários. Dado que os Irmãos das Escolas Cristãs (IEC), que constituem uma associação religiosa, são apreciados pela sociedade, o regime decide integrá-los na Universidade nascente, que carecia gravemente de pessoal qualificado. Esta integração torna-se ainda mais fácil, porque os IEC não são considerados uma ordem religiosa, mas uma simples associação laica, tranquilizadora por ser religiosa, competente e sem preocupações políticas. Dependentes quer da Igreja quer do Estado, eles constituirão um modelo misto de asso-

⁵ Bx M. Champagnat. *Son œuvre scolaire dans son contexte historique [Sua obra escolar em seu contexto histórico]*, Irmãos Maristas, Roma, 1991.

ciação que, posteriormente, suscitará várias imitações, mas também controvérsias. Entre outras: seus imitadores são religiosos ou não?

A Restauração, que se instala em 1814-1815, recebe em herança a Universidade napoleônica. O episcopado gostaria de recuperar seu tradicional monopólio educacional, mas o governo real, de espírito gaulês,⁶ concorda em partilhar com a Igreja unicamente a educação. Um dos atos fundadores desta colaboração é a portaria de 29 de fevereiro de 1816, que prevê a autorização por portaria de associações caritativas de educação que sejam semelhantes aos IEC. Assim, depois da década de 1820, aproximadamente dez portarias autorizam associações de Irmãos. O Ir. Pierre Zind (Louis-Laurent) escreveu a história do nascimento delas até 1830. Veremos por que motivo os IM não conseguiram aproveitar este momento favorável.

No entanto, em pouco tempo a relação entre a Igreja e o Estado torna-se delicada: de 1822 a 1826, o episcopado consegue dominar a Universidade, que assume o nome de ministério da Educação Pública. Não obstante inclua numerosos sacerdotes, seu pessoal aspira a emancipar-se da autoridade episcopal. Rapidamente, as associações religiosas masculinas de ensino despertam a desconfiança dos governantes e dos liberais, que os veem

como apêndices do jesuitismo conspiratório. Depois de 1825, praticamente já não será concedida a autorização a novas associações de ensino. Após 1830, o episcopado perderá a supervisão sobre a educação, e o novo regime deixará de autorizar novas associações, constituindo-se o único mestre da educação, sem negociar com órgãos intermediários. Em síntese, a época verdadeiramente favorável para a obtenção de uma portaria como associação de ensino vai de 1820 a 1825.

3. AS PRINCIPAIS ETAPAS DESTA HISTÓRIA PARA OS IRMÃOZINHOS DE MARIA (IM)

O título de «reconhecimento jurídico», atribuído pelo Ir. GM às suas obras, é um pouco restritivo, dado que na realidade evoca as múltiplas formas de reconhecimento (social, eclesial, administrativo...) que, nos âmbitos local, departamental, diocesano e regional, precederam e acompanharam a escalada dos IM à conquista da personalidade jurídica, em 1851. É como uma peça teatral em vários atos. Embora haja continuidade no enredo, há múltiplos atores e não faltam golpes de teatro.

De 1817 a 1819, a questão de um reconhecimento dos IM só se apresenta nos âmbitos paroquial e co-

⁶ Preocupados em defender os direitos do Estado em relação ao clero e a Roma.

munitário. Os Irmãos representam uma pequeníssima comunidade de auxiliares pastorais com propósitos catequéticos e caritativos: «Um pequeno oratório»,⁷ como o Pe. Champagnat teria dito ao Pe. Bourdin (OM2/754). Como sabemos, o pároco Rebod e parte da comuna de La Valla têm reservas em relação a esta obra, mas ela é suficientemente apoiada por doações, que lhe permitem sobreviver e perseguir objetivos que ainda não são escolares.

De 1819 a 1822, a comunidade passa por uma profunda transformação, tornando-se escolar e assumindo mais claramente uma fisionomia de congregação. No âmbito cantonal, entra em atrito principalmente com o clero local que, alegando ser apoiado pelos vigários-gerais da diocese, procura aniquilar aquele que ele considera um colégio clandestino e uma congregação nascente. Somente em 1822 a Universidade, na pessoa do inspetor Guillard, descobre a rede marista e levanta a questão de uma autorização civil. Contudo, não há pressa, dado que naquela época é o episcopado que exerce a supervisão sobre a Universidade; e a diocese de Lyon não tem um arcebispo. É administrada pelos vigários-gerais do cardeal Fesch que, desprovido de seu direito de governar a diocese e residindo em Roma, se recusa a renunciar. Tal situação gera muitas controvérsias no âmbito

do clero, em relação à legitimidade dos três vigários-gerais, em particular de M. Bochard, o mais ativo e imperioso deles, que procura controlar todo o sistema de formação da diocese.

De 1822 a 1824, a obra de Champagnat é protegida e, ao mesmo tempo, anexada pelo vigário-geral Bochard, que procura estabelecer uma associação diocesana de Irmãos da Cruz de Jesus, partindo de diferentes iniciativas de fundadores, como Grizard em Charlieu, Rouchon em Valbenoîte, Coindre em Lyon e, evidentemente, Champagnat. Mas dado que o governo ultrarrealista de 1822-1824 lhe é hostil, ele não consegue obter uma portaria real. Bochard sabe que na Grande Capelania (que serve de ministério dos cultos), se trabalha para eliminar os vigários-gerais de Fesch, nomeando um administrador apostólico. Portanto, em 1822-1824 os IM são inseridos sob a supervisão temporária de um vigário-geral.

A fase seguinte vai de 1824 a cerca de 1833. Com efeito, Dom de Pins, que chega como Administrador apostólico da diocese, é claramente o homem dos eclesiásticos ultrarrealistas da Grande Capelania, e escolhe para si vigários-gerais da mesma tendência, entre os quais Jean Cholleton. Champagnat sabe aliar-se ao Administrador e consegue dar continuidade à sua obra, não obstante de Pins e seu Con-

⁷ Em conformidade com o modelo inventado por Filipe Néri em Roma, no século XVI.

selho tenham ideias diferentes das suas a respeito dos IM: não querem, como ele quer, uma Sociedade de Maria em Lyon, mas somente uma congregação diocesana de Irmãos. O prospecto dos IM, assinado pelo vigário-geral Cholleton no verão de 1824, tem o valor de um reconhecimento canônico dos IM. É um momento decisivo de nossa fundação. Quanto aos sacerdotes aspirantes maristas da diocese, só lhes é pedido que supervisionem os Irmãos. No entanto, este reconhecimento dos Irmãos encontra um percalço: D. de Pins, assim como M. Bochard antes dele, tenciona organizá-los de acordo com suas ideias e de os empregar em conformidade com os interesses da diocese.

No início de 1825, D. d'Amasie⁸ procura obter uma portaria real para os IM, não apenas como associação, mas também como congregação. Portanto, os estatutos apresentados preveem votos e utilizam a palavra «congregação». Embora seja fortemente apoiado pelo ministro dos cultos e da Educação Pública, D. Frayssinous, este projeto entra em conflito com o Conselho de Estado que, nessa ocasião, estabelece uma clara distinção jurídica entre associação (sem votos) e congregação (com votos). Somente as congregações femininas (lei de 24 de maio de 1825) poderão ser facilmente reconhecidas pela lei. As congregações masculinas, consideradas como

ordens religiosas, são proibidas. E os parlamentos com sensibilidade antijesuíta ou gaulesa não estão dispostos a reconhecer novas congregações masculinas.

O projeto de D. de Pins é ainda mais surpreendente porque em 1825 os IM ainda não emitem votos e, portanto, são apenas uma associação. Então, qual foi a razão que levou o Administrador a apresentá-los como congregação? Sem dúvida, ele procurou jogar com a ambiguidade dos conceitos de associação e de congregação, até àquela época mal definidos. Sua manobra falhará por um triz, mas é claro que de Pins quer que os IM se tornem uma congregação. E é pelo menos com seu encorajamento que os Irmãos começarão a emitir votos em 1826, criando uma certa agitação entre eles. Além disso, sua situação torna-se duplamente delicada: eles ainda não dispõem de um estatuto legal e são uma congregação não reconhecida oficialmente pela diocese, cujos membros fazem votos secretos, porque Fesch proibira a ereção de novas congregações. Eles só existirão como congregação a partir de 1836, mas como apêndice dos Padres Maristas, reconhecidos por Roma com o título de Sociedade de Maria.

Após esta tentativa muito político-religiosa de 1825, que falhou por um triz, parece que D. de Pins não faz qualquer tentativa séria antes

⁸ Tal é o título de bispo *in partibus* de D. de Pins.

de 1829-1830. O novo governo ultrarrealista, presidido por Polignac, é devoto ao rei Charles X, que está decidido a restabelecer sua autoridade sobre um parlamento que receia o retorno ao Antigo Regime. Como sabemos, depois de ter sido aprovado pelo Conselho de Educação Pública, o dossiê marista estava em fase de análise no Conselho de Estado, quando o conflito entre o rei e o parlamento se agravou. Na arquidiocese de Lyon, chegou-se a pensar que a portaria que autorizava os IM só estava à espera da assinatura do rei, quando eclodiu a revolução parisiense dos «três (dias) gloriosos», 27-29 de julho de 1830, que derruba Charles X e proclama rei Louis-Philippe de Orleães. A tradição marista preservou esta ideia de uma assinatura iminente da portaria a seu favor, mas é mais provável que o dossiê marista ainda estivesse nas mãos de um Conselho de Estado, sem pressa de propor uma portaria sobre um assunto sensível em um momento de crise política. De qualquer maneira, assim como a primeira tentativa, também a segunda fracassou por razões político-religiosas.

No início, a Monarquia de julho (1830-1848) é violentamente anticlerical. Entretanto, D. de Pins interpreta de modo inadequado a hostilidade do novo regime. Ainda em 1832 ele procura, naturalmente sem êxito, tomar medidas a favor dos IM. Mas seus vigários-gerais entenderam antes dele que, permanecendo impedido o caminho direto para o reconhecimento dos IM, era

necessário optar pela filiação a uma congregação que já beneficiasse de uma portaria. Os Clérigos de St Viateur, de M. Querbes, congregação de Lyon, pareciam mais bem posicionados para esta operação. Contudo, nem Champagnat nem M. Querbes concordam com tal solução. Além disso, considerando que o episcopado perdera toda a autoridade sobre a Educação Pública, a arquidiocese de Lyon deverá deixar Champagnat agir por conta própria, com a ajuda da administração de Loire, de políticos bem posicionados e de D. Devie, bispo de Belley, que se torna um conselheiro privilegiado.

Portanto, a fase de 1824-1833 foi deveras ambivalente para os IM: seu reconhecimento por parte da diocese permitiu-lhes um vigoroso enraizamento regional, de maneira essencial em Loire; no entanto, os equívocos político-religiosos e a má sorte de D. de Pins impediram a obtenção de uma portaria. E depois de julho de 1830, como obter uma personalidade civil sob um regime hostil, de modo especial desde que a lei Guizot, promulgada em 1833, se torna o novo quadro jurídico para o ensino primário? Guizot e seu Conselho de Educação Pública admitem as associações já autorizadas, mas não tencionam aceitar outras.

Assim, para indeferir a recusa do ministro da Educação Pública, Champagnat escreverá ao rei. Trata-se de um passo extremamente audacioso, uma vez que os Legi-

timistas consideravam o rei Louis-Philippe um usurpador. Portanto, mediante esta carta Champagnat reconhece a legitimidade do novo soberano. É verdade que não se trata de sua primeira mudança de obediência político-religiosa, dado que em 1824 já tinha passado da supervisão de Bochart para aquela de D. de Pins. E em seguida, depois de 1830, o próprio D. de Pins parece ter procurado aproximar-se do novo regime. Contudo, no mínimo tal ato deve ter suscitado reservas nos círculos eclesiásticos. De qualquer maneira, alcança um resultado tangível desde que, em 1834, o Conselho de Educação Pública reconhece os estatutos dos IM. Durante um certo tempo Champagnat acredita que o ministro transmitirá seus estatutos ao Conselho de Estado. Mas Guizot não faz nada a este respeito, julgando que a portaria de fevereiro de 1816 fora anulada por sua lei sobre a educação primária. Champagnat obteve um reconhecimento sem consequências jurídicas.

Assim, a partir de 1835, será obrigado a explorar o caminho da filiação, por intermédio de D. Devie, bispo de Belley,⁹ que o levara a conhecer M. Mazelier e seus Irmãos de St Paul-Trois-Châteaux. Deste modo, ele resolveu parcialmente o problema dos Irmãos *ameaçados pelo serviço militar*,¹⁰ providenciando ao mesmo tempo pessoal a uma congregação carente. E, pouco a

pouco, nele começa a surgir a ideia de uma aproximação mais sólida, ou até de uma fusão. Mas M. Mazelier é relutante e Champagnat não quer abandonar com superficialidade o título de Irmãozinho de Maria, considerado original e ligado ao Formulário de 1816, segundo o qual a Sociedade de Maria estava destinada a suceder à Sociedade de Jesus na época pós-revolucionária. Aliás, é após a bula de reconhecimento pontifício, em 1836, que Champagnat vai pela primeira vez a Paris, com a finalidade de apresentar seu dossiê ao ministério da Educação Pública. No entanto, a iniciativa parece improvisada e, sobretudo, contrariada pela reunião dos Padres na Sociedade de Maria em Belley, seguida por outra da Sociedade dos Irmãos, pela primeira vez com votos públicos.

Tendo Guizot abandonado o ministério, Champagnat acredita ter chegado o momento para uma ação tenaz junto a Salvandy, novo ministro da Educação Pública, graças ao apoio das autoridades departamentais de Loire, de seus amigos políticos, de D. de Pins e de D. Devie. Por isso, em 1838 transcorrerá longos períodos em Paris.

Falta-nos a documentação para conhecer detalhadamente as transações entre Champagnat e o ministério de Salvandy, em 1838. Em uma primeira fase, o ministro e seu

⁹ Ex-vigário-geral da diocese de Valence.

¹⁰ Se eles pertencem a uma congregação autorizada, estão dispensados, quer tenham ou não o certificado de ensino. Caso contrário, devem obter a licença.

Conselho preveem estatutos que limitem a ação dos IM às comunas com menos de 1.200 habitantes, a fim de fazer com que se tornem auxiliares dos IEC. Uma portaria contendo esta cláusula levantaria pouca oposição, de maneira especial porque os professores leigos que se formavam nas escolas normais hesitavam em partir para as comunas pobres. Assim, os IM não incomodariam ninguém e até fariam um favor à administração. Mas seriam marginalizados. Champagnat rejeita este estatuto civil, não obstante esteja próximo do projeto marista inicial, que rapidamente se revelara impraticável para uma comunidade. Em 1838, a congregação oferece seus serviços a comunidades com pelo menos 1.500 habitantes, capazes de manter escolas com três irmãos.

Apoiado por M. Delebecque, personagem relevante do ministério e político de Pas-de-Calais, no norte da França, propõe um contraprojeto: substituir os IEC nas comunas importantes, quando a falta de efetivos for um impedimento para eles. Daí a fundação de um estabelecimento marista na pequena cidade de St Pol-sur-Ternoise (Pas-de-Calais), com a bênção do superior-geral dos IEC. Contudo, uma portaria sem cláusula restritiva, mesmo quando é reconhecida pelo ministro e seu conselho, torna-se muito difícil de obter porque, no Conselho de Estado, os IM são considerados concorrentes dos IEC. Além disso, a oposição liberal fará a tentativa de fazer com que seja reconheci-

da uma congregação disfarçada de associação. As iniciativas de Champagnat são prejudicadas também por uma manobra maliciosa: procura-se envolvê-lo em uma disputa a respeito da direção do colégio de St Chamond, na qual estão comprometidos alguns Padres Maristas e a arquidiocese de Lyon.

No verão de 1838 o projeto de portaria emperra. Salvandy multiplica as consultas com bispos de Lyon e Belley, com prefeitos e com Conselhos gerais. E não obtém um consenso favorável: o prefeito do Rhône e seu Conselho geral são contrários aos IM. Pouco apoiado por seu governo, maltratado pela imprensa de oposição e receoso em relação ao Conselho de Estado, Salvandy renuncia a levar o dossiê mais além. Depois dele, os anos de 1839-1840, marcados por uma grande instabilidade ministerial, são desfavoráveis a uma reativação do projeto. Na altura do falecimento de Champagnat, em junho de 1840, o caminho para o reconhecimento direto dos IM não tinha progredido de maneira significativa em relação a 1830; mas a perspectiva de filiação aos irmãos de St Paul-Trois-Châteaux tornara-se mais clara.

4. POLÍTICA E MÍSTICA ENTRE OS IM

Antes de dar continuidade ao quadro cronológico, parece-me necessário insistir sobre Champagnat, como personalidade de uma certa

importância político-religiosa. Trata-se de um ponto de vista do qual não estamos acostumados a considerá-lo, e que o Ir. GM colocou em evidência sem o ter verdadeiramente procurado.

Antes de 1830, sua estatura neste campo ainda é modesta, embora ele já tenha feito falar de si na importante diocese de Lyon a partir de 1822, tornando-se, mais por necessidade do que por convicção, uma personalidade do clã Bochart, que ele saberá abandonar com prudência à chegada do bispo de Pins. Mas é limitada a estima que o administrador e seu conselho têm por um personagem que deseja criar uma Sociedade de Maria em Lyon, e não unicamente uma congregação de Irmãos. De resto, no âmbito do conselho, algumas pessoas têm pouca confiança na capacidade de Champagnat de governar uma congregação. Além disso, o bispo de Pins considera os Irmãozinhos de Maria como SUA congregação diocesana. Em vez de abordar a autorização civil como um problema administrativo, faz dela uma questão político-religiosa. Isto explica seus reiterados fracassos.

Embora Champagnat seja deixado um pouco à margem pela arquidiocese, sua estatura continua a crescer no departamento de Loire, onde aumenta o número de escolas dos Irmãos, assim como a reputação da casa de L'Hermitage que, de fato se não de direito, se apresenta como escola normal departamental. Em St Chamond, o regresso

de M. Dervieux, influente pároco de St Pierre, favorece a ajuda dos notáveis a uma obra que representa uma honra não só para o cantão, mas também para o departamento. Os Irmãozinhos de Maria encontram-se suficientemente bem estabelecidos, de tal modo que em 1830 o prefeito, não obstante seja muito hostil, não pode ameaçá-los seriamente, nem fazer com que sejam substituídos pelas escolas públicas, exceto em um único caso: em Feurs. A investigação em L'Hermitage, em 1830, é uma homenagem indireta a uma obra julgada suficientemente importante para atrair as suspeitas das autoridades políticas e administrativas.

Depois de 1830, a arquidiocese perde muito de seu esplendor e, face a um governo liberal hostil, já não dispõe de meios para obter uma autorização legal, nem a possibilidade de exercer pressão sobre Champagnat, considerado um especialista em matéria de política educacional, cuja obra não deixa de se propagar para além da diocese. Após a promulgação da lei Guizot (1833), é Champagnat que deve tomar a iniciativa e mover o céu e a terra para obter uma portaria. Embora sua tentativa de 1838 tenha falhado, contudo confere-lhe de certo modo uma estatura nacional. Escreve ao rei, confronta-se com o ministro, com os prefeitos, os deputados, os bispos e as demais congregações. Esboça também aquela que se tornaria a área de ação de sua congregação, desde o Mediterrâneo (St Paul-Trois-Châteaux...)

até o norte da França, com a fundação de St Pol-sur-Ternoise.

Embora não tenha tido sucesso a nível nacional, Champagnat beneficia do apoio sólido da administração de Loire e sua obra propaga-se e passa a ser conhecida e respeitada de modo suficiente em outros departamentos e dioceses, de tal forma que o clero e o Ministério da Educação Pública lhe reconhecem a existência efetiva em um momento em que o recrutamento de professores ainda é escasso. A curto prazo, o único ponto delicado para sua obra é a ameaça do serviço militar para os irmãos não dispensados, atenuada por um compromisso com os Irmãos da Educação Cristã de St Paul-Trois-Châteaux, a partir de 1835, graças à mediação de D. Devie, bispo de Belley.

Uma das consequências da falta de estatuto oficial para os IM é que a congregação não pode receber doações e legados, nem ter posses. Por isso, os bens da congregação permanecem no nome de Champagnat, que paga impostos significativos e é um dos poucos eleitores em uma época em que, sendo o sufrágio censitário, eles representam apenas algumas centenas de milhares. Além disso, quando Champagnat se corresponde com os notáveis ou quando os encontra, há que considerar que ele mesmo é um deles. Sem dúvida, é mais estimado nos ambientes laicos do que no mundo eclesiástico, que por muito tempo se surpreende que um sacerdote reputado sem gran-

des talentos fosse tão bem-sucedido. De qualquer maneira, o clero e os notáveis de St Chamond serão numerosos em seu funeral, em junho de 1840. Afinal, é um dos seus que eles enterram.

Outro elemento paradoxal: a ausência de autorização legal dos Irmãos de Maria não impede seu desenvolvimento, enquanto muitas outras associações de Irmãos, não obstante sejam devidamente reconhecidas mediante portaria, não conseguem desenvolver-se, a despeito das importantes vantagens em termos de patente e de serviço militar. Assim, em 1842 o entendimento alcançado entre M. Champagnat e M. Mazelier levará praticamente a uma verdadeira anexação marista. E o mesmo acontecerá com os Irmãos de Viviers, em 1844.

Portanto, as vantagens oferecidas por uma portaria não são determinantes. O problema fundamental é que, para a maioria dos fundadores, a noção de vocação é raramente levada em consideração: eles vão em busca de professores, de bons cristãos, mas sem uma profunda motivação espiritual. Por sua vez, Champagnat tenciona fundar um ramo da Sociedade de Maria. Seus Irmãos são uma sociedade apostólica, em conformidade com o projeto marista de julho de 1816. Ele deseja discípulos conscientes da própria vocação apostólica, comunitária e pessoal, sob a égide de Maria.

5. RECONHECIMENTO LEGAL E FUSÕES SOB O IR. FRANÇOIS

Depois de Champagnat, os esforços em vista da obtenção do reconhecimento direto do ministro Villemain acabam por ser novamente malogrados. Em contrapartida, o caminho da fusão progride a passos largos com os Irmãos de St Paul, em 1842, e em seguida com os Irmãos de Viviers, em 1844. Assim, reconhecidos oficialmente em vários departamentos e tolerados em Loire, os IM melhoram de maneira considerável sua posição administrativa. No entanto, trata-se de uma situação instável, resumida por si só com o título de «Irmãozinhos de Maria da Educação Cristã».

Para ter bom êxito, será necessária mais uma inversão de regime. A Revolução de 1830 e a lei Guizot (1833) tinham bloqueado todas as tentativas de acesso ao reconhecimento civil; a Revolução de 1848 e a Lei Falloux (1850) desempenharão o papel oposto. Assim como Champagnat fizera em 1834 com o rei Louis-Philippe, o Ir. François e o Ir. Louis-Marie não hesitarão em reconhecer um regime republicano, ainda que conservador. Não sem dificuldades, eles conseguirão fazer com que um decreto presidencial os reconheça com seu nome original de Irmãozinhos de Maria, graças a uma jurisprudência favorável, fundamentada na lei Falloux.

No final as duas estratégias, atuadas por volta de 1835, terão

bom êxito. O sucesso do Ir. François constitui-o herdeiro de prestígio tornando-se, por assim dizer, o sucesso póstumo do Fundador. Portanto, o decreto de reconhecimento legal, de 1851, completa a fase de fundação dos Irmãozinhos de Maria, que conseguirão emancipar-se da supervisão dos Padres Maristas, definindo suas constituições durante o capítulo de 1852-1854.

Embora, na sua origem, tenha sofrido devido à complicada situação da diocese de Lyon e depois à supervisão mais ou menos feliz da arquidiocese e, em primeiro lugar, de D. de Pins, a congregação é favorecida pela mística marista que concebera a Sociedade de Maria, e em particular o ramo dos Irmãos, como comunidade carismática definida por um nome de elevado valor espiritual, não por uma função (a Educação Cristã). Para Champagnat, assim como para seu imediato sucessor, o reconhecimento legal cumpriu o formulário de 1816, prevendo que no futuro a Sociedade de Maria veria a luz do dia, e também a profecia do Padre Champagnat em sua carta (n. 197) ao Ir. François, de 23 de junho de 1838, em que ele lhe anunciava o fracasso de suas iniciativas:

«Estou muito irritado, mas não desconcertado; ainda tenho grande confiança em Jesus e Maria. Não há dúvidas de que nosso assunto terá bom êxito, só que o momento me é desconhecido. O mais importante para nós é [...] que façamos o melhor que nos for possível e que em seguida deixemos agir a Providência. Deus sabe melhor do que nós o que nos é apropriado [...] tenho certeza de que um pequeno atraso não nos prejudicará».

Para os Padres Maristas, este nascimento ocorrera através de seu reconhecimento romano, como Sociedade de Maria, em 1836. Em 1838, Champagnat reconhece que o tempo da manifestação pública dos IM ainda não tinha chegado, mas não duvida que haveria de chegar. Paradoxalmente, são a revolução de 1848 e uma república efêmera (1848-1851) que permitirão obter aquilo que a monarquia se recusara obstinadamente a conceder. A partir de 1851, o instituto pode apresentar publicamente seu nome como um estandarte no território nacional que se abre diante dele.

Mas este não é exatamente o fim da fase de fundação, dado que ainda falta o reconhecimento romano. É por isso que os superiores convocam sem demora um Capítulo para definir as Constituições, com a finalidade de receber uma autorização canônica. Entretanto, esta iniciativa em relação a Roma será ainda mais árdua do que a relativa à autorização civil. Em 1860 ela obrigará o Ir. François a renunciar, provocando assim a separação entre os Padres e os Irmãos Maristas, além de um longo conflito com Roma que só se concluirá em 1903, deixando-nos o decepcionante nome canônico de «Irmãos Maristas das Escolas», claramente inspirado no dos «Irmãos das Escolas Cristãs».

Não seria desprovido de interesse fundir estas duas histórias de aprovação civil, e mais tarde de reconhecimento canônico, interferen-

tes uma com a outra. Paradoxalmente, é o decreto civil que consagra o nome místico da congregação (Irmãosinhos de Maria), enquanto seu nome canônico tenciona ligar o instituto a uma função. Em síntese, ao volume sobre o reconhecimento legal, caberia muito bem o seguinte subtítulo, um pouco esotérico, mas sugestivo: Em busca de um estatuto civil e revelação pública de uma identidade providencial e mística.

CONCLUSÃO

Nestas páginas, procurei resumir em grandes linhas a obra a que fiz alusão no início, resultante da reformulação dos dois volumes do Ir. Gabriel Michel e enriquecida por alguns trabalhos levados a cabo pelo Ir. Pierre Zind, que talvez redundem em uma publicação. Dado que se trata de uma obra bastante complexa, achei útil propor a versão muito resumida acima mencionada, em que o Fundador, considerado do ponto de vista político-religioso, me parece certamente menos apolítico de quanto se afirmou acerca dele, no entanto eminentemente pragmático: capaz de fazer compromissos surpreendentes com todos os tipos de parceiros, sem perder de vista seu objetivo místico e apostólico. É necessário recordar também que o Ir. François conseguiu realizar as fusões com os Irmãos de St. Paul e de Viviers e que, coadjuvado pelo Ir. Louis-Marie, soube aproveitar um breve momento favorável para obter o tão almejado decreto

de reconhecimento legal. A tradição marista esqueceu por demasiado tempo que, antes de passar por um

santo retirado no «relicário» de L'Hermitage, como superior o Ir. François alcançou grandes sucessos.



O IRMÃO FRANCISCO FORMADOR DE IRMÃOS DIRETORES

Uma análise da Carta 1.374



Antonio Martínez Estaún, fms

A Carta 1.374 dirigida ao Diretor da comunidade de Breteuil suscita um interesse especial por deixarmos entrever a figura do Ir. Francisco como Diretor Geral do Instituto, governante da Província do Norte, diretor espiritual e formador de Irmãos.

A comunidade de Breteuil pertencia à Província Norte na data em que se escreveu a Carta n. 1.374. Ela cita seis vezes esta cidade, na qual os Irmãos dirigem um internato. O Ir. Francisco, além de seu cargo de Diretor Geral, ocupava-se da Província do Norte desde 1844¹.

O Ir. Avit em seus *Anais* faz referência a esta comunidade em 12 lugares². Em um deles diz que o Ir. Francisco prometeu três Irmãos ao

senhor pároco de Breteuil no dia 15 de fevereiro de 1842³. E mais adiante afirma: *das 55 fundações [realizadas nesse ano] só foram atendidas as localidades seguintes: [...]: Breteuil (externato)*⁴. A obra de Breteuil iniciou em local pouco adequado e subsistiu em penosas condições. O próprio Ir. Avit escreve, em 1845, três anos depois de realizada a fundação:

Pese as reiteradas promessas do senhor pároco de Breteuil, os Irmãos seguiam em uma situação crítica. As salas de aula, muito úmidas, admitiam apenas 100 alunos e tinham cerca de 200. O mobiliário era insuficiente, o salário era tal que tiveram que fazer dívidas para não morrer de fome.⁵

E em 1849 amplia a informação sobre esta obra:

¹ Avit, *Anales del Instituto*, Roma 1993. 1854 [46] 410.

² Avit, *Anales del Instituto*, Roma 1993. 1842 [18]; [84]; 1845 [4]; 1846 [28]; 1849 [2]; 1856 [8]; 1860 [72]; 1873 [22]; Capítulo 3 [47]; [59] y [60].

³ Avit, *Anales del Instituto*, Roma 1993. 1842 [18].

⁴ Avit, *Anales del Instituto*, Roma 1993. 1842 [84].

⁵ Avit, *Anales del Instituto*, Roma 1993, 1846 [28] 289.

O senhor Duque de Montmorency havia oferecido no ano anterior um amplo local para a criação de um internado em Breteuil⁶.

Esta comunidade está citada nas cartas pessoais do Ir. Francisco 28 vezes⁷. A maior concentração de correspondência com a comunidade de Breteuil ocorre entre os anos 1852 e 1854 em que escreve oito cartas. Encontramo-nos, pois, com uma seleção de cartas referidas a uma situação bem concreta.

1. IDENTIFICAÇÃO DA CARTA 1.374

A *Carta n. 1.374*, que é objeto de nossa atenção, encontra-se no Caderno de Cartas n. 6, 499, carece de referências de data em que foi elaborada, de lugar de redação, de expedição (presumivelmente l'Hermitage) e unicamente diz quem é o destinatário.

A data em que foi escrita, podemos deduzir dos dados que nos proporcionam as listas de colocações conservadas, nas fichas individuais de cada Irmão, existentes no

Arquivo da Casa Generalícia ou no que consta na relação de defuntos do Instituto.

Na carta aparecem os nomes de três Irmãos da comunidade: Gébuin, Cindée, Concorde e um quarto, Louis-Bernardin, com responsabilidades na Província, os quais nos permitem relacionar algumas datas para situar a colocação da carta. Do Ir. Concorde sabemos que foi destinado a Breteuil nos anos escolares de 1850 a 1852 como cozinheiro⁸. Do Ir. Gébuin⁹ temos conhecimento de que foi destinado em duas ocasiões em Breteuil, a primeira durante os anos escolares de 1852 a 1854 e na segunda nos anos escolares de 1862 a 1880. Do Ir. Cindée¹⁰ possuímos dados escassos; somente sabemos que foi destinado a Breteuil pela citação do seu nome nesta carta. O Ir. Louis-Bernardin foi Visitador e atuará como Secretário do 2º Capítulo Geral juntamente com o Ir. Avit. Do Diretor sabemos que foi eleito para uma missão relacionada com os trabalhos do Capítulo Geral.

Como sabes foste eleito para tomar parte da comissão que deve examinar o Guia das Escolas segundo o desejo do Capítulo Geral, envio-te

⁶ Avit, *Anales del Instituto*, Roma 1993. 1849 [2]. O texto da carta secreta pode-se ver em Avit, *Anales del Instituto*, Roma 1993. 485.

⁷ *Carta 1036*, 1040, 1053 (3), 1054, 1960, 1962, 1211, 1293, 1370, 1374 (6), 1380, 1389, 1565, 1570, 1581, 1584, y 1671. No total são 17 cartas enviadas a esta casa no transcurso de uns 20 anos compreendidos entre 1842 e 1864.

⁸ Frère CHAVANNE Victor (Frère Concorde) (1827-1899). Relación de difuntos, versión 2016.

⁹ Frère RELIGIEUX Joseph Désiré (Frère Gébuin) (1833-1917). Relación de difuntos, versión 2016.

¹⁰ Do Irmão Cindée somente temos alguns dados muito reducidos: Frère GAUTET Alexis (Frère Cindée) (1828-1854). Relación de difuntos, versión 2016. Al llegar a Breteuil tiene 26 años.

tua obediência e também aproveitarei a primeira oportunidade para enviar-te uma cópia do Guia para que possas examiná-la detidamente e anotar tuas observações.

O Ir. Avit, fazendo referência à Circular de 27 de abril de 1852, oferece a lista dos Irmãos *que poderiam ser eleitos para tomar parte do Capítulo*¹¹. Nela nomeia taxativamente o Irmão *Photius*, *diretor do internato de Breteuil*¹². E indica mais adiante o resultado da votação: O Ir. *Photius* *obteve 8 votos*¹³.

O Ir. Photius foi diretor de Breteuil nos anos escolares de 1851 a 1852 e de 1852 a 1853. No dia 9 de julho de 1853 o Ir. Francisco publicou a circular de costume ao concluir o ano escolar¹⁴ e nela anuncia que o Guia das Escolas, cuja tarefa de revisão se foi feita, entre outros, pelo Irmão Photius, já está na gráfica¹⁵. Portanto a carta deve ser situada em data anterior à impressão da obra já revisada.

Esta carta dirigida ao Diretor de Breteuil parece que deveria ser situada entre os meses de setembro e outubro de 1852, uma vez concluída a primeira sessão do Capítulo Geral e o começo de ano escolar.

A comunidade de Breteuil nos anos de 1852 e 1854 está dirigida

pelo Ir. Grillet Aimé (Frère Photius), assistido por uma comunidade de cinco Irmãos, todos eles novos. A média de idade dos Irmãos da comunidade na sua chegada a Breteuil era de 24 anos.

2. CONTEÚDO DA CARTA 1.374

Nesta carta o Ir. Francisco enuncia dois grandes objetivos da formação de Irmãos Diretores: a santificação pessoal e a gestão eficiente da obra.

3. A ATENÇÃO INDIVIDUALIZADA ÀS PESSOAS

A carta parte de alguns antecedentes em que ambos os Irmãos se puseram de acordo. Há um plano pessoal de formação individualizado para o Irmão Photius e suas capacidades e há um plano institucional para governar, dirigir e administrar a obra educativa de Breteuil. Este plano se fundamenta nas relações pessoais baseadas na confiança e na colaboração dos que partilham o mesmo ideal e cujo compromisso foi selado por um voto de obedecer

¹¹ Avit *Anales del Instituto*, Roma 1993, 1852 [29]-[32] 371-373.

¹² Avit *Anales del Instituto*, Roma 1993, 1852 [32] 373.

¹³ Avit *Anales del Instituto*, Roma 1993, 1852 [42] 375.

¹⁴ Frère GRILLET Aimé (Frère Photius) (1823-1871). Ao chegar a Breteuil, tinha 28 anos. *Relación de difuntos*, versión 2016.

¹⁵ Cf. *Circulaires*, t. 1, p. 173-177.

a vontade de Deus por meio da mediação dos superiores:

Sei que estás em sintonia com minhas intenções e que queres apoiar meus desejos. Já tens trabalhado duro, porém a obra não está completa. Tens que trabalhá-la ainda¹⁶.

O Ir. Francisco está consciente de que está pondo em prática com este Irmão Diretor um plano de formação institucional ao que dá seguimento. O internato de Breteuil, como todos os internatos, não é nada fácil. Temos notícia, por outra carta, de que os esforços que realizou o Ir. Francisco para selecionar o pessoal e dar uma resposta adequada aos problemas da escola desta população mediante uma pessoa que assumisse a direção com eficiência.

Um internato apresenta sempre grandes dificuldades, tanto para a escolha das pessoas como para a direção das aulas [...]. O de Breteuil, que parecia bastante bem fundado, está hoje carregado de dívidas, e segue buscando sujeitos capazes de sustentá-lo e fazê-lo prosperar¹⁷.

O plano de formação do Ir. Francisco com este Irmão parece que foi iniciado já em anos anteriores. O novo diretor de Breteuil não é um principiante, pois teve experiência em Lens. A intencionalidade do Ir. Francisco ao colocá-lo à frente da nova obra se situa na perspectiva do crescimento espiritual: *Sei muito bem que aí tens mais problemas, mais dificuldades que em Lens.*

Em suas primeiras linhas começa por revisar os objetivos que foram propostos de comum acordo: *Recorda que te recomendei que te preparasses bem para cumprir todos os desígnios, todos os planos da Providência Divina sobre tua pessoa. O propósito que tens é um objetivo fundamentado na opção guiada pelo espírito de fé cuja doutrina se está difundindo por todo Instituto por meio das três primeiras entregas da circular que contém essa temática.* Francisco pede, pois, uma espiritualidade baseada na confiança em Deus e em sua Providência e não em uma estratégia de produção ou de eficiência de resultados estatísticos ou de solução de problemas.

O primeiro objetivo da proposta que lhe faz é de *preparar-se espiritualmente tanto em teoria como na prática.* A meta é poder dizer como o Apóstolo: *sede meus imitadores como eu sou de Cristo e de Maria.*

Com estas orientações aponta o flanco da vivência espiritual do Irmão. Usando o comparativo com o pintor, lhe diz: *O quadro ainda não está terminado, tens que seguir trabalhando nele.* A situação de Breteuil é mais dura do que a de Lens, porém tens que *acostumar-te a ser santo em todas as partes e em tudo.* Não por nada, recordará ao Irmão os ideais de santidade que o motivaram em suas primeiras decisões ao optar pela vida marista:

¹⁶ Carta 1.374.

¹⁷ Francisco, *Cartas administrativas* n. 1.852, de 30 de abril de 1.852 ao bispo de Soissons (Aisne).

Entregando-te todo o mais que possas à espiritualidade, tanto no que se refere à teoria como especialmente enquanto prática [...]. Trata de fazer-te santo, perfeito, fervente religioso, imagem fiel de Jesus e de Maria para que possas dizer, com toda humildade e simplicidade, como o Apóstolo: “Sede meus imitadores como eu mesmo sou de Jesus e de Maria”.

E lhe indica quais serão as referências onde devem se concretizar os *exercícios dessa espiritualidade especificamente marista: exercitar-se sobretudo nas virtudes sólidas recomendadas pela Regra.*

A indicação do Ir. Francisco é uma proposta encarnada, para colocá-la em prática no ramo da educação, fazendo frente às dificuldades reais que a vida apresenta. E como bom conhecedor da psicologia de seus Irmãos, ele mesmo se adianta para sanar-lhes as dificuldades que se colocam ante um novo desafio: *dir-me-ás que o destino que te dei e a responsabilidade que te pedi não favorecem este trabalho.*

Passa imediatamente a descrever-lhe o cenário de sua atuação como um espaço realmente adaptado a tais fins e que oferece, junto com os problemas existentes na escola, também as oportunidades para colocar em prática a iniciativa pessoal e a criatividade.

Quantas mais dificuldades há no lugar de destino e no encargo, mais virtude, coragem, sabedoria e dedicação encontram ali a possibilidade de um exercício pleno e frequente [...]. Breteuil oferece um vasto campo e amplo material para isso. Tens uma casa grande, uma casa endividada, uma

casa que necessita de reparação, porém sabes que a pobreza é a mãe do engenho e que são as grandes guerras, as longas campanhas que formam grandes capitães.

O Ir. Francisco está consciente de que pede ao novo diretor uma conversão em sua vida espiritual e uma santidade conseguida por meio do trabalho apostólico, uma santificação por meio da unidade de vida que sabe harmonizar trabalho e oração. É o desafio para um educador que se coloca à frente de uma escola como religioso e como educador. O desafio é uma proposta de emulação, não um “ensaboar-se” para fomentar a ambição de resultados que encham de vanglória o coração, mas que conduzam o Irmão à humildade pensando que ainda *está muito longe de possuir as qualidades e as virtudes que Deus pede.*

Conclui assim a motivação que faz referência à atenção pessoal da formação de um diretor que cuida pastoralmente, como superior e formador responsável de todos os Irmãos do Instituto.

4. FORMAR-SE BEM PARA GOVERNAR, DIRIGIR E ADMINISTRAR

Uma vez postos os fundamentos da espiritualidade, passa à aplicação prática, à exercitação da formação que deseja conseguir: que adquira uma boa formação para governar, dirigir e administrar os bens.

A Carta 1.374 começa com uma motivação que abre ao Irmão Diretor de Breteuil o horizonte de possibilidades que lhe oferece o grupo humano que lhe foi dado e lhe favorece e estimula a autoestima como pai, superior, diretor e formador de um grupo humano de Irmãos jovens em processo de crescimento colocados numa situação problemática que tem que resolver e conduzir para um bom funcionamento.

A base que propõe o Ir. Francisco para governar, dirigir e administrar uma obra educativa é a vida de comunidade das pessoas que levam a cabo a missão. O Ir. Francisco, com esta proposta dirigida em primeiro lugar ao Diretor, está colocando claramente que o elemento mais importante da pedagogia marista não é o aluno, mas o educador. A pedagogia marista não é paidocêntrica, mas professorcêntrica, educadorcêntrica, formadorcêntrica. Por isso o Ir. Francisco propõe ao Ir. Photius criar uma autêntica comunidade religiosa educativa. Uma comunidade em torno a um diretor que há de ser um pai que olha e acolhe a partir do coração os membros de sua comunidade: Deves considerar-te ante tudo como o pai, o superior, o diretor, o formador dos teus Irmãos. Esta tríade sem dúvidas reflete a própria experiência do Ir. Francisco dirigindo seus olhos ao Fundador de quem decidiu ser seu retrato vivo: Marcelino foi para ele pai, superior e diretor.

Em continuação acrescenta uma preciosa reflexão sobre como cresce a comunidade educativa

e religiosa. As limitações do grupo humano que constitui a comunidade de Breteuil lhe fazem recordar aquela comunidade de La Valla na qual ele se formou sob a paterna direção de Champagnat quando eram poucos Irmãos e não dispunham de mais reforços para levar a cabo a missão que aquela pequena comunidade de principiantes. Imagina que como Champagnat, em La Valla, não temos outros Irmãos.

Imagina que não há mais Irmãos na Sociedade que aqueles que tens sob teus cuidados e que estás obrigado a levar tua casa com eles todo o ano e incluso durante vários anos. Este pensamento te fará bem e beneficiará a eles. Te vincularás santamente a eles e eles se unirão religiosamente a ti. Os treinarás, confiarão em ti e se deixarão conduzir. Uma pessoa é capaz de qualquer coisa com a ajuda do alto quando as coisas estão assim.

Com estes Irmãos concretos tenho que levar adiante a obra de Deus. Por isso o Ir. Francisco lhe pede que analise a realidade que tem diante de si e que com criatividade trate de tirar o melhor partido possível:

Considera tua casa como uma Comunidade da qual estás especialmente encarregado. Exercita teu zelo, teus talentos, tua inventividade para fazer bom uso das habilidades de cada um dos teus Irmãos. Estuda seu caráter, suas disposições, para saber tomá-los pelo lado bom, orientá-los, animá-los, corrigi-los, fazer-lhes avançar e situá-los em condições de realizar bem seu trabalho. Tens muito que praticar nas diferentes formas de treinar e reestruturar alguém entre o pessoal de tua casa.

Se a proposta fora dirigida a um diretor do qual somente se busca o

êxito e a rentabilidade da empresa, as recomendações haveriam parado por aí. Porém o Ir. Francisco está tratando com um religioso que deve encarnar as virtudes próprias de seu estado, que deve conhecer as chaves do êxito, porém sem renunciar ao selo próprio de sua instituição, por uma parte e, por outra, abre-lhe o horizonte a um processo de crescimento e formação nunca acabado:

Não te digo isto [são as grandes guerras, as longas campanhas as que formam grandes capitães] para fomentar a ambição, mas para suscitar em ti uma santa emulação e para manter-te sempre na humildade, pensando que ainda estás longe de ter as qualidades e virtudes que Deus te pede [...]. Ao falar-te desta maneira, não quero fazer-te presunçoso, temerário, indiscreto. Ao contrário, minha intenção é inspirar-te grande prudência, reserva e discrição.

Os indicadores da solução de conflito não haverão de serem buscados exclusivamente nos resultados acadêmicos, mas na promoção e qualificação que a comunidade experimenta.

Uma pessoa é capaz de qualquer coisa com a ajuda do alto, quando as coisas estão assim. Sim, quando a piedade, a regularidade, a alegria e a caridade reinam em uma casa, ali se realizam maravilhas. A experiência o confirma.

Podemos concluir dizendo que o Ir. Francisco é um excelente estrategista como formador de seus Irmãos, em concreto de seus Irmãos Diretores. Esta inquietude aparece

continuamente em toda sua ação como dirigente.

5. FRANCISCO, GESTOR DO CONFLITO

Na comunidade de Breteuil há descontentamentos entre os Irmãos. Na Carta 1.374 o Ir. Francisco indica ao Ir. Diretor que recebeu a comunicação de dois Irmãos de sua comunidade que pediam transferência para outro lugar:

Hoje mesmo recebi uma carta do Ir. Cindée e do Ir. Concorde que pedem transferência de comunidade.

O conflito existente na comunidade de Breteuil procede de duas causas distintas, porém os efeitos confluem no mesmo grupo humano que dirige o centro. A primeira provém do comportamento dos próprios Irmãos, a segunda tem sua origem fora da comunidade.

O descontentamento dos Irmãos põe em questão a autoridade do Diretor que pediu ao Ir. Francisco por meio de carta que periodicamente lhe enviava segundo prescrição da Regra, dando conta da situação. Também recebe nas mesmas datas uma carta do jovem Ir. Gébuin manifestando seu descontentamento e pedindo-lhe transferência de comunidade. O Ir. Francisco não responde diretamente ao Diretor, mas se dirige primeiro ao Ir. Gébuin, um Irmão jovem que está se preparando para fazer a profissão perpétua¹⁸. O

Ir. Gébuin estava destinado no início de 1854 em Carvin donde se ocupou de trabalhos manuais para restabelecer a saúde¹⁹. Em outubro de 1852 se encontrava em Breteuil e parece que foi contagiado pelo “mal da transferência”, fruto do ambiente que havia na comunidade. O desgosto do Ir. Gébuin estava motivado, segundo relata o Irmão Francisco, por discrepâncias com o Diretor pelo modo de organizar as aulas:

Tens em tua classe três ou quatro alunos que conhecem a ortografia e a aritmética; portanto, não tens por que fazê-los trabalhar nessas matérias; por outro lado tens que ocupar-te em qualificar-se em escrever, desenhar, Geometria, conservação de livros etc., coisas a que não estás te dedicando. O Irmão Diretor me disse que os demais não sabem quase nada, pois são precisamente estes que eu recomendo, os que deves colocar a trabalhar, que deves estimular, e podeis fazê-lo sem maior dificuldade e sem prejudicar vossa saúde [...]. Manifestas o desejo de uma transferência de comunidade, porém isso seria introduzir o desânimo entre todos os Irmãos: estás consciente de que os demais também têm suas dificuldades, e também queriam mudar e desta maneira teremos toda a casa transtornada²⁰.

Mediante esta carta o Ir. Francisco interveio na solução do problema ante uma das partes e manteve sua autoridade com um tom paternal, sossegado e fraterno oferecendo soluções ao problema, próprias

de um dirigente experimentado. Porém, ao mesmo tempo, atuou com determinação e inclui várias afirmações com certa dureza e uma linguagem um tanto contundente:

Não tenho intenção de matar nossos Irmãos por causa de alguns alunos [...]. Prefiro que um aluno vá embora da escola antes de obrigar-me a mudar um Irmão [...]. Se chegas a extenuar-te por querer conseguir que os alunos se adiantem tanto que chegues a arruinar tua saúde de tal maneira que se necessite de uma transferência de comunidade, tenho que dizer-te que já tivemos muitos no ano passado e não quero começar de novo, outra vez. Prefiro que um aluno vá embora da escola antes que obrigar-me a transferir um Irmão ou vê-lo esgotado²¹.

A carta ao Diretor é mais complexa não somente porque o Ir. Francisco aborda nela toda a problemática que nesse momento afeta a comunidade, mas porque as soluções que aponta estão tratadas dentro de uma ampla reflexão centrada na formação da pessoa como dirigente.

O problema do “mal das transferências” existente entre os Irmãos da comunidade e a “introdução de ensinamentos de distintos níveis” do que estavam oferecendo na escola lhe vai servir de motivo para uma série de conselhos de boa governança que põe de modo claro a maturidade do Ir. Francisco como governante.

Para ter êxito deve-se tirar da cabeça qualquer ideia de mudança

¹⁸ Como se deduz da *Carta* 1.565, de 24 de janeiro de 1854, na qual o Ir. Francisco o anima com seus 21 anos a preparar-se para a profissão perpétua.

¹⁹ Cf. Francisco, *Cartas pessoais* n. 1.358, dirigida ao Ir. Gébuin em 15 de janeiro de 1852.

²⁰ Francisco, *Cartas pessoais* n. 1370, dirigida ao Irmão Gébuin em 18 de outubro de 1852.

²¹ Francisco, *Cartas pessoais* n. 1370, dirigida ao Irmão Gébuin em 18 de outubro de 1852.

de comunidade e também tirar essa ideia da cabeça de teus Irmãos, porque pedir a transferência é declarar-se derrotado, desanimado ou incapaz e dessa forma a pessoa cruza os braços e as pernas, se desconcerta, se abate, se extingue.

O Ir. Francisco aprendeu da experiência. Nessa data são quase 1.500 Irmãos que deve atender e sabe que propiciar as transferências é claudicar de antemão perante o problema.

Hoje mesmo recebi uma carta do Ir. Cindée e do Ir. Concorde que pedem transferência de comunidade. Considera o transtorno que se originará em tua casa se não nos mantivermos firmes e se esta enfermidade das transferências se apoderar de vós Irmãos. Ajude-nos e a sanaremos. Anima-os e não pensarão mais nisso, porém se tiras o dique, se tiras uma pedra, a torrente se desbordará e haverá estragos, porque se dás a um, podes negá-lo a outro sem desconcertá-lo? É melhor sofrer um pouco. Sabes que com coragem, paciência e boa vontade, superemos tudo.

6. UM ANALISTA DOS FATOS COM REALISMO

Em Breteuil havia ainda outra situação que causava desgosto na comunidade, relacionada com a organização do centro educativo. Havia quem pretendesse abandonar o ensino elementar, que estava em vigor desde suas origens e se oferecessem conteúdos de maior nível. A proposta parece que veio de algumas pessoas relacionadas com a escola, que pretendiam dar um

renome ao centro e o Diretor lhes estava dando corda. O Ir. Francisco analisa a situação com um arrazoado contundente. Em primeiro lugar, deve-se estar consciente das forças disponíveis para afrontar as mudanças que se pretende implantar:

Examina tuas forças e as de teus Irmãos. Não empreendas nada nem imponhas cargas que os demais não podem levar e que os farão sucumbir sob seu peso.

E em continuidade desarma o diretor pondo em evidência que as soluções que haviam pensado não são adequadas:

Se receberes alunos que já têm titulação, que foram professores em colégios de Paris, com estudos de Retórica etc., não me estranha que te encontres ante um bom problema. E pensas que vou te enviar um “Irmão expert” para dar-lhes aulas? Não tenho tal Irmão. Mesmo que o tivesse, crês que seria prudente enviá-lo e colocar assim Breteuil em uma situação insustentável? Por dois ou três alunos que desejam promover-se acima dos limites colocas em risco tua saúde e do Ir. Gébuin, e fazes perder o tempo aos demais, dificultas a situação e introduzes o desânimo entre os Irmãos e entre os alunos. Se esses alunos sabem quatro vezes mais do que o Ir. Gébuin, que vêm buscar em Breteuil? Veja a maneira de desvencilhar-te do assunto, se é que é possível, e ficarás à vontade, junto com teus Irmãos e teus alunos. Todos ficarão contentes e as coisas andarão bem.

A referência aos princípios fundamentais e a identidade institucional é de um peso específico frente à confrontação com uma problemática que afeta a identidade da instituição.

Recorda sempre qual é o fim da Sociedade, qual é o fim do internato de Breteuil: formar os meninos na virtude, fazê-los bons cristãos, bons pais, bons professores etc., permanecendo nos limites da educação primária. Tua casa deve conservar este caráter, do contrário não poderá sustentar-se por si mesma. Sabes bem o que quero que nossos Irmãos aprendam e ensinem.

O Ir. Francisco, depois de expor esta sólida argumentação, analisa a si mesmo perante o problema e parece querer desculpar-se pela solução que ofereceu mediante a seleção do pessoal destinado a Breteuil, se não obtém os resultados esperados. Como argumento objetivo convida o Diretor a comparar o pessoal de sua escola com o de outras casas:

Também sabes que te servi o melhor que pude. Considera as outras casas e te convencerás por ti mesmo de que só poderias perder, em lugar de ganhar, com uma mudança.

A conclusão da argumentação é uma confissão de confiança no Irmão Diretor fundamentada no conhecimento de sua pessoa e na história do que viveram juntos e na qualidade dos princípios que os movem.

Sempre soubeste tirar bom proveito das pessoas que te encontraram. Espero que continues e que também em Breteuil, apesar das dificuldades que encontres, tua influência sobre os Irmãos e sobre os alunos será tão grande que os manterás no cumprimento do seu dever. Quando um Irmão Diretor se faz amar, respeitar e obedecer, ele influi em toda a casa e tem o cuidado de não falhar em

nada, em nenhum momento, porque se sabe que sempre respeitará a autoridade e observará o regulamento.

O ponto final da carta vem a ser um resumo dos conteúdos abordados ao longo da carta. Em primeiro lugar, afirma que os Irmãos devem manter a iniciativa e conseguir que se respeite sua autoridade.

Apesar de tudo, devem conseguir 'na boa' que os Irmãos levem a iniciativa, porque se não for assim, os alunos se crerão professores e obrigarão os Irmãos a atuar ao som de seus caprichos. Isso tu não suportarias e ainda que não tivesses mais que um aluno a atender e dar-lhe aulas, estarias obrigado a formar e trabalhar.

Segundo, pondo sua própria autoridade em prática reitera o apoio à autoridade do Diretor pela confiança que tem nele.

Com teu caráter e tua ascendência sobre os Irmãos e os alunos, creio que não tens nada que temer, senão o desânimo e espero que nunca o deixes entrar em tua casa. Deves saber, além disso, que estou inteiramente a tua disposição, e que não há nada que não esteja disposto a fazer para ser-te útil e agradável.

Aqui aparece uma característica preciosa da personalidade do Ir. Francisco manifestando uma atitude que assumiu do exemplo de Champagnat que dizia não haver bem autêntico que não pedia a Deus diariamente para os Irmãos e que estava disposto a alcançá-lo à custa dos maiores sacrifícios²². E o

²² Ir. Jean-Baptiste, *Vida de José-Bento-Marcelino Champagnat*, Roma 1989, p. 439.

Ir. Francisco: *Não há nada que não esteja disposto a fazer para ser-te útil.* Uma confissão de confiança mútua sublinhada pela comunhão nos mesmos ideais:

Sei também que tu só queres e buscas o bem da Sociedade, dos Irmãos e dos alunos. Escreve-me sempre, te ajudarei, te apoiarei, sempre rezarei e farei que outros orem por ti.

Esta fórmula com a qual o Ir. Francisco termina a sua comunicação não é uma conclusão de um diretivo que encerra sua missiva com fórmula pré-estabelecida, tomada do elenco burocrático que usam as autoridades. A despedida é a expressão de uma continuidade, de uma comunhão que perdura, vivendo os mesmos ideais, responsabilizando-se de uma empresa comum, e a oração é a expressão concreta da comunhão de dois espíritos que partilham a vida entregues ao mesmo projeto.

CONCLUSÃO

O ingente trabalho de direção que realizou o Ir. Francisco durante vinte anos, tanto na gestão da obra como na vida espiritual dos Irmãos, ficou marcado nas milhares de cartas, tanto pessoais como administrativas, que teve que escrever. Esta faceta da personalidade deste homem como gerador de escritos de direção tanto para a gestão da obra como na direção espiritual, por meio das quais se envolveu na vida dos Irmãos e do Instituto, é um

campo ainda inexplorado no Instituto. Analisar suas cartas, como ocorreu com as de Champagnat, vai nos permitir descobrir a vida de um Irmão que conhecemos fundamentalmente por meio de biografias calcadas nos padrões de hagiografias do momento histórico em que foram escritas, porém sem abordar toda a dimensão humana e espiritual da personalidade do seu protagonista. O Ir. Gabriel Michel abriu o caminho e começou a aprofundar.

Pela carta que acabamos de analisar, descobrimos o sucessor de Marcelino como Provincial do Norte e como mestre de vida espiritual que aborda duas frentes de sua atuação como superior: A formação dos Irmãos e a gestão de conflitos. A formação elementar do Irmão se recebe no noviciado, porém se conclui na escola, na vida prática e o Diretor da escola é um formador. Francisco oferece aqui, ao Irmão, os princípios fundamentais nos quais se fundamenta sua própria espiritualidade pessoal. Estes parágrafos da carta são uma comunicação de vida de coração a coração.

As diferentes funções que desempenha cada um dos destinatários das cartas 1.370 e 1.374, obriga o Ir. Francisco a situar-se na perspectiva de um Irmão jovem em processo de formação e de um Diretor sobre o qual pesa a obrigação institucional de prosseguir a dita formação. Ambos participam em um projeto comum, porém com funções diferentes que em certo momento são confrontados. O fato de dirigir-

-se em suas cartas a dois destinatários distintos coloca em evidência as habilidades do Ir. Francisco como dirigente para harmonizar espíritos e conciliar as forças para contribuir construtivamente em uma obra comum.

A complexidade da obra de Breteuil que dinamiza o Ir. Francisco a partir de l'Hermitage selecionando o pessoal mais adequado para responder aos problemas existentes, coloca a descoberto a qualidade do gestor e diretor de quem assumiu essa responsabilidade perante o Instituto. Sua discrepância com o "régimen" sobre os internatos não é um freio para elucidar com atenção delicada e fraterna a solução dos problemas. O grande crescimento experimentado nesses anos pelo Instituto fomenta a necessidade de formação, promoção e qualificação. As iniciativas para incluir a novidade nas estruturas e os conteúdos se harmonizaram com a identidade institucional. A clareza com que se capta e descreve a objetividade dos fatos e o reto juízo com que se encaminham as soluções mostram a maturidade de quem confia nos princípios para exercer sua autoridade. Esta maturidade posta em relevo pela clareza com que intui as consequências de uma opção desacertada tanto para a eficiência pedagógica da obra como para a comunidade religiosa que a dirige. A postura do Ir. Francisco

é eminentemente construtiva, positiva, animadora, guiada por um coração fraternal e paternal, sensível à situação das pessoas. Mão magistral de governante, com experiência e com visão do conjunto da obra da Província.

A direção espiritual e a formação dos Irmãos refletem a existência de um planejamento no qual prevalecem a dimensão espiritual e religiosa das pessoas e a fidelidade à identidade institucional. A carta manifesta a qualidade das relações fraternas que o Superior mantém com seus dirigidos. Na carta estudada aparece a aplicação prática da doutrina do Instituto especialmente sobre o espírito de fé que havia começado a difundir-se oficialmente através das circulares desde 1848 e se estava elaborando a redação da quarta parte com a que se concluiria essa circular. A carta deixa entrever também a mão de Champagnat e seu coração na formação do Ir. Francisco. Suas cartas bem podem considerar-se como prolongamento do coração paternal do Pe. Champagnat.

Esta carta pode ser considerada como guia muito útil para qualquer dirigente que tenha que enfrentar situações de promoção das pessoas que colaboram na missão assim como pauta para solucionar situações de conflito.

CARTA 1374**Caderno de cartas nº 6, pág. 499**

Ao Ir. Diretor da comunidade de Breteuil

Querido Irmão:

Recordo-te que te recomendei que te preparasses bem para cumprir todos os desígnios, todos os planos da Providência divina sobre tua pessoa, entregando-te inteiramente a espiritualidade, tanto na teoria como na prática.

Exercita-te sobretudo nas virtudes sólidas recomendadas pela Regra. Trata de fazer-te santo, perfeito, fervoroso religioso, imagem fiel de Jesus e Maria para que possas dizer, com toda humildade e simplicidade, como o Apóstolo: “Sejais imitadores meus como eu sou de Jesus e Maria”. Sei que estás em sintonia com minhas intenções e que queres satisfazer meus desejos. Já trabalhaste duro, porém o quadro ainda não está terminado. Tens que seguir trabalhando nele. Dirás que a destinação que te dei e a responsabilidade que te pedi não favorecem esse trabalho. Sei muito bem que ali tens mais problemas, mais dificuldades que em Lens, porém tens que acostumar-te a ser santo, a ser um bom religioso em todos os lugares e em tudo. Quanto mais dificuldades tens no lugar de destino e no trabalho, mais virtude, coragem, sabedoria e dedicação deves ter. Encontrarás ali possibilidade de um exercício pleno e frequente.

O que quero de ti, em segundo lugar, é que adquiras uma boa formação para governar, dirigir e administrar os bens, e Breteuil te oferece um vasto campo e amplo material para isso. Tens uma casa grande, uma casa endividada, uma casa que necessita de reparação, porém sabes que a pobreza é a mãe da engenhosidade e que são as grandes guerras, as longas campanhas as que formam grandes capitães. Digo-te isso não para fomentar a ambição, mas para suscitar em ti uma santa emulação e para manter-te sempre na humildade, pensando que ainda estás longe de possuir as qualidades e as virtudes que Deus pede de ti.

Considera-te antes de tudo como pai, superior, diretor, formador dos teus Irmãos. Considera tua casa como uma comunidade da qual estás especialmente encarregado. Exercita teu zelo, teus talentos, tua engenhosidade para fazer bom uso das habilidades de cada um dos teus Irmãos. Estuda seu caráter, suas disposições, para saber tomá-los pelo lado bom, conduzi-los, animá-los, corriji-los, fazê-los avançar e colocá-los em condições de realizar bem seu trabalho. Tens muito a praticar nas diferentes formas de treinar alguém dentre o pessoal de tua casa.

Para teres êxito, tira da cabeça qualquer ideia de mudança de comunidade e também tira essa ideia da cabeça dos teus Irmãos, porque pedir uma mudança é declarar-se derrotado, desanimado ou incapaz e dessa maneira cruzar braços e pernas, se desconcertar, se abater, extinguir-se. Imagina que não haja mais Irmãos na Sociedade, além dos que tens sob teus cuidados e que estás obrigado a levar tua casa, com eles, todo o ano e inclusive durante vários anos. Este pensamento te fará bem e será bom para eles. Tu te vincularás santamente a ele e eles se unirão religiosamente a ti. Tu os treinarás, confiarão

em ti e se deixarão conduzir. Quando as casas estão assim, a pessoa é capaz de qualquer coisa com a ajuda do alto. Sim, quando a piedade, a regularidade, a alegria e a caridade reinam em uma casa, ali se realizam maravilhas. A experiência o confirma.

No entanto, ao falar-te desta maneira, não quero tornar-te presunçoso, temerário, indiscreto. Ao contrário, minha intenção é inspirar-te grande prudência, reserva e discrição. Examina tuas forças e as de teus Irmãos. Não empreendas nada nem imponhas cargas que os demais não podem levar e que os fazem sucumbir sob seu peso.

Recorda sempre qual é a finalidade da Sociedade, qual é o objetivo do internato de Breteuil: formar os meninos na virtude, fazer deles bons cristãos, bons pais, bons professores etc., permanecendo nos limites da educação primária. Tua casa deve conservar esse caráter, caso contrário não poderá sustentar-se. Sabes bem o que quero que nossos Irmãos aprendam e ensinem. Também sabes que te ajudei da melhor forma que pude. Considera as outras casas e te convencerás por ti mesmo de que só poderias perder em lugar de ganhar com outra mudança.

Se receberes alunos que já têm títulos, que já foram professores em colégios de Paris, com estudos de Retórica, etc., não me estranha que te encontres ante uma bela dificuldade. E pensas que vou te enviar um "Irmão expert" para dar-lhes aulas? Não tenho tal Irmão, porém, ainda que tivesse, crês que seria prudente enviá-lo e colocá-lo assim em Breteuil em uma situação insustentável? Por causa de dois ou três alunos que desejam promoção acima de seus limites, colocas em risco tua saúde e a do Ir. Gébuin, fazes perder tempo aos demais, dificultas a situação e introduzes o desânimo entre os Irmãos e entre os alunos. Se esses alunos sabem quatro vezes mais que o Ir. Gébuin (ver Carta 1370 de 1852), o que vêm eles buscar em Breteuil? Olha a maneira de resolver esse assunto, se for possível, e ficarás bem junto com teus Irmãos e teus alunos. Todos ficarão contentes e as coisas andarão bem.

Sempre soubeste tirar bom proveito das pessoas que se encontraram contigo. Espero que continues assim, também em Breteuil, apesar das dificuldades que encontras, tua influência sobre os Irmãos e sobre os alunos será tão grande que os manterás no cumprimento de seu dever. Quando um Irmão Diretor se faz amar, respeitar e obedecer, influencia toda a casa e tem o cuidado de não falhar em nada, em nenhum momento, porque sabe que sempre respeitará a autoridade e observará o regulamento.

Eu escrevo ao caríssimo Irmão Louis-Bernardin para incentivá-lo a retirar os bônus de Santes, Morbecque e Arques o quanto antes possível e colocá-los à tua disposição. Poderás acertar com ele o meio mais adequado e conveniente para enviá-los a ti. Deixa-lhe o bônus de Pas (1500 fr.) para pagar o que deves à biblioteca, por livros clássicos e para pagar a cozinheira de Lille. Vamos imprimir novas obediências. Enviar-te-ei algumas. Trata de usá-las para viajar de trem. Como sabes, foste escolhido para fazer parte da comissão que deve examinar o Guia das Escolas segundo o desejo do Capítulo Geral, envio-te a obediência e também aproveitarei a primeira oportunidade para enviar-te uma cópia do Guia para que possas examiná-lo detidamente e anotar tuas observações. Hoje mesmo recebi uma carta do Ir. Cindée e do Ir. Concorde que pedem mudança de comunidade. Considera o transtorno que se originará em tua casa se não nos mantivermos firmes e se esta doença da mudança se apoderar de teus Irmãos. Ajuda-nos e a curaremos. Anima-os e não pensarão mais nisso, porém se tiras o dique, se

tiras uma pedra, a torrente se desbordará e haverá estragos, porque se dás a um, podes negar a outro sem desconcertá-lo? É melhor sofrer um pouco. Sabes que com coragem, paciência e boa vontade, superaremos tudo.

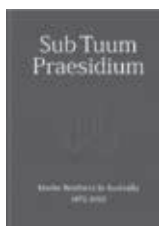
Apesar de tudo, tens que conseguir, pela boa, que os Irmãos tomem a iniciativa, porque se não os alunos acreditarão serem eles os professores obrigarão os Irmãos a atuar de acordo com seus caprichos. Isso não suportarias e ainda que não tivesses mais que um aluno para atender e dar-lhe aulas, estarias obrigado a formar e a trabalhar. Com teu caráter e tua ascendência sobre os Irmãos e os alunos, creio que não tens nada a temer senão o desânimo e espero que nunca o deixes entrar em tua casa. Deves saber, além disso, que estou inteiramente a tua disposição, e que não há nada que não esteja disposto a fazer para ser-te útil e agradável. Seja também que tu a só querer e buscar o bem da Sociedade, dos Irmãos e dos alunos. Escreva-me sempre, te ajudarei, te apoiarei, sempre rezarei e farei que outros orem por



DUAS HISTÓRIAS ESCRITAS SOB O MESMO MANTO MARIANO



Ned Prendergast.
Before You We Stand, The Story of the Marist Brothers in Ireland.
Publicado por The Marist Brothers in Ireland, 2021 (829 páginas).



Julian Casey, John Luttrell, Peter Rodney e Neville Solomon.
Sub Tuum Praesidium, Marist Brothers in Australia 1872-2022.
Publicado por Marist Brothers Australia, 2022 (562 páginas)



Michael Green, fms

Quite recentemente dois livros de conteúdo histórico marista, cujos autores, tendo trabalhado de maneira bastante independente cada um por sua parte, colocaram título em suas obras baseando-se em palavras extraídas da mesma oração; uma oração que está profundamente arraigada em nossa tradição e em nossa identidade Marista: o *Sub Tuum Praesidium*. A partir de pontos opostos do mundo – Irlanda e Austrália – os leitores do mundo marista têm recebido o obséquio de dois magníficos relatos de nossa história global, que em ambos os casos remonta às primeiras décadas dos Irmãos de Marcelino, e que também anteci-

pa capítulos da história Marista que ainda estão por serem escritos.

Ambos os livros são fruto de uma conscienciosa investigação e estão cuidadosamente editados. Seus autores – o senhor Ned Prendergast, da Irlanda, e os Irmãos John Luttrell, Neville Solomon, Julian Casey e Peter Rodney, da Austrália – são historiadores hábeis e sensíveis que dedicaram mente e coração ao seu trabalho. Suas descobertas são rigorosas e eruditas, seu elenco biográfico é amplo e exaustivo, e seu tratamento honesto e cheio de humanidade. Cada um dos livros, centrado não tanto nas instituições como nas pessoas, constitui uma

história de família. E como em toda história familiar, os relatos falam de alegrias e penas, de nostalgias e pesares, de êxitos e legados vivos. Os autores evitam baratear o valor de seus relatos, evitando ponderar exageradamente os êxitos dos Irmãos e descartando toda ideia de ocultar os aspectos mais obscuros que coincidem com a época da presença dos Irmãos em cada país.

Há aspectos em que as histórias maristas da Irlanda e Austrália são algo distintas. O Sr. Prendergast – professor do Marian College de Dublin durante muitos anos – diz que o número de Irmãos na Irlanda não passou de setenta e cinco no seu momento de apogeu. Só houve doze fundações. O período da Irlanda como Província autônoma foi bastante breve. Estes fatos lhe permitem adotar um enfoque íntimo e pessoal. Encontramo-nos com os Irmãos. Chegamos a conhecê-los. Ned introduz o leitor de maneira viva e afetiva nas suas vidas, e na vida de cada casa marista. Também traça um interessante retrato dos contextos sociais, econômicos, educativos e eclesiais mais amplos em que se desenvolveu a história marista. Inclusive na hora de recolher o papel importante que desempenharam os Irmãos irlandeses em muitas outras partes do Instituto, não se perde a individualidade de cada um dos Irmãos.

A história dos Irmãos Maristas na Austrália, por outro lado, desenvolveu-se num cenário muito mais extenso, com um número de Irmãos

dez vezes superior ao da Irlanda. Sessenta escolas maristas australianas e outros projetos destinados aos jovens seguem funcionando até o dia de hoje, e contabilizamos quase noventa fundações realizadas ao longo dos anos por toda a Austrália e em outros vinte países mais. A escola e a complexidade dessa missão supuseram um desafio para os quatro autores, cada um dos quais assumiu a responsabilidade de uma seção da história. Sem dúvida, conseguiram tecer um relato cujos fios condutores são as vidas dos próprios Irmãos: seus sonhos e sua audácia, sua generosidade e inclusive seu heroísmo, suas decepções e frustrações, suas debilidades e fracassos. É uma grande história. Uma história, ao mesmo tempo, muito humana.

Os dois livros, mesmo que encerrem um grande valor histórico, estão escritos por Maristas e para Maristas. Será um leitor de coração Marista quem melhor vai apreciar a riqueza e o enfoque de cada um deles.

Ned Prendergast, artesão da palavra, comove-nos no capítulo final de sua obra quando descreve o que ele chama «o fim dos dias» para os Irmãos Maristas na Irlanda. Seu número é agora de uma só cifra. O autor se pergunta quem estará junto à tumba no momento de entoar a *Salve Regina* quando falecer o último Irmão irlandês. E a resposta que dá à pergunta não é triste, senão esperançosa: a tenda Marista foi alargada; novos homens

e mulheres Maristas estão abrindo outros horizontes ao projeto marista, outras formas de imaginá-lo e rejuvenescê-lo. O Irmão Peter Rodney, autor da quarta secção do

livro australiano, termina seus relatos com pensamentos parecidos: o futuro será diferente do passado, não há dúvida, porém, haverá futuro.

Finito di stampare nel mese di maggio 2023
presso la CSC Grafica - Roma
www.cscgrafica.it

